

Miguel Fabiano de Faria

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NA *REVISTA DO ENSINO*:
PRODUÇÃO DE UMA DISCIPLINA ESCOLAR EM
MINAS GERAIS (1925-1940)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador:
Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago

Co-orientadora:
Prof^ª. Dra. Meily Assbú Linhales

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2009

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social

Dissertação intitulada “A Educação Física na *Revista do Ensino*: produção de uma disciplina escolar em Minas Gerais (1925-1940)”, de autoria de Miguel Fabiano de Faria, analisada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago – Orientador

Profa. Dra. Meily Assbú Linhales – Co-orientadora

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Galvão – FaE/UFMG

Prof. Dr. Marcus Aurelio Taborda de Oliveira – UFPR

Profa. Dra. Andrea Moreno – FaE/UFMG (Suplente)

Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior – UFJF (Suplente)

Belo Horizonte, 28 de agosto de 2009

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que de algum modo contribuíram para a realização deste trabalho...

Ao Tarcísio Mauro Vago e à Meily Assbú Linhales, meus orientadores, meu sincero agradecimento pelo acolhimento, pela amizade, pela orientação dedicada e competente e por serem uma fonte inspiradora para a minha formação profissional.

Aos professores Ana Maria de Oliveira Galvão e Marcus Aurelio Tabora de Oliveira, por aceitarem gentilmente o convite para a banca de avaliação.

À Andrea Moreno, pelas preciosas indicações de leitura e pelas conversas e sugestões sempre instigantes.

Ao Carlos Fernando da Cunha Junior, por me mostrar os primeiros caminhos na História da Educação e da Educação Física.

À Maurilane de Souza Biccas, pelas contribuições na elaboração do projeto de pesquisa.

A todos os professores do GEPHE, em especial, Luciano Mendes de Faria Filho, Maria Cristina Gouvêa e Thaís Nívia Fonseca, pelas reflexões em suas disciplinas.

À amiga Giovanna Silva, pelas conversas, pelas indicações de fontes de pesquisa, por compartilharmos nossas angústias e alegrias.

À amiga Marina Braga, por fazer parte da história que deu início a este trabalho. Companheira de viagens, dos estudos, das primeiras escritas...

Ao amigo Wemerson de Amorim, pelas conversas prazerosas e pelo apoio nos momentos certos.

Aos funcionários dos acervos que frequentei – Museu da Escola de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, Hemeroteca Pública de Minas Gerais, Coleção Linhares da Biblioteca Central da UFMG, Biblioteca da Assembléia Legislativa de Minas Gerais e, especialmente, a Marli, Rose e Sérgio da Biblioteca da Faculdade de Educação da UFMG. Obrigado pelo apoio no acesso aos acervos.

Aos funcionários da secretaria do Programa de Pós-graduação.

À CAPES pela concessão da bolsa de estudos no período de levantamento de fontes.

Ao Ernane Oliveira pela revisão do texto.

Aos queridos amigos do GEPHE, pelas trocas acadêmicas e pelos momentos inesquecíveis vividos. Especialmente, Larissa, Giovanna, Nina, Matheus Zica, Carol Mafra,

Daniel, Cecília, Hércules, Rita Cafeu, Paola, Gabriel, Nela, Carol Mostaro, Ilton, Verona, Anderson, Juliana Hamdan, Raquel, Rita Lages, Surian, Mayara, Célia, Cida, quantas pessoas especiais. Muito obrigado pela amizade de vocês!

Aos queridos amigos do CEMEF, pelas belas construções coletivas e pelo prazer do convívio. Em especial, Meily, Andrea, Tatá, Cristina Rosa, Vera, Joelcio, Carol Vimieiro, Cris Pisani, Rodrigo, Gino, Luciana, Kellen, Olívia, Priscila, Cássia, Mateus Carneiro, Luciano Jorge e Yuri. Obrigado meus amigos!

Aos colegas do Instituto Federal de Minas Gerais, que participaram dos momentos finais desse mestrado. Obrigado pela acolhida e pelo companheirismo.

Aos amigos Luciano Moreira e Roberval Oliveira, que durante a fase da escrita acompanharam de perto as minhas angústias, me dando força para seguir em frente.

Aos amigos Juliana e Fred, por me acolherem tão bem na chegada em Belo Horizonte.

Ao amigo Felipe Matos, parceiro dos tempos da graduação em Juiz de Fora e dos tempos do mestrado em BH.

Aos companheiros das 'repúblicas' ao longo dos dois anos em Belo Horizonte, Ernane, Julio, Clebio, Heveline, Reginaldo, Adriana, Daniel e Tiago.

Por último, os agradecimentos mais especiais...

Agradeço a Deus, por me abençoar a cada dia com essa linda história que é a vida.

Aos meus queridos pais, Lucas e Ana Marlene, por sempre terem confiado em mim, me apoiando nas minhas escolhas. Obrigado pelo carinho, pela dedicação, por todo o amor. Obrigado pelo que sou. À minha querida irmã Giselly, pelo incentivo, zelo e pela amizade. A vocês, agradeço pela família que somos!

À Juliana, meu amor. Principal incentivadora deste meu sonho. Obrigado pela compreensão das minhas ausências, por ter me ajudado dia após dia a seguir neste desafio. Sou intensamente feliz por estarmos realizando os nossos sonhos!

RESUMO

Este trabalho aborda a presença da disciplina escolar Educação Física na *Revista do Ensino*, impresso de formação de professores produzido pelo governo de Minas Gerais, nas décadas de 1920 e 1930. Investigou-se como este periódico educacional produziu e fez circular prescrições de práticas, representações de Educação Física e dos sujeitos escolares – especialmente professores e alunos – envolvidos com essa disciplina. A *Revista do Ensino* foi tomada como a principal fonte de pesquisa, compreendendo 175 números publicados entre 1925 (quando começou a circular) e 1940 (quando foi interrompida). Outro conjunto de fontes mobilizado foi a legislação educacional deste período, especificamente os regulamentos e os programas do ensino primário e normal, estabelecidos pelo governo de Minas, com proposições para a Educação Física. O entrecruzamento dos conjuntos documentais – legislação e *Revista do Ensino* – possibilitou verificar as correlações entre estes diferentes dispositivos prescritivos. Foi possível perceber uma intensa presença de questões relacionadas à Educação Física na *Revista*: investimentos para a formação de um professorado próprio para o ensino desta disciplina; proposições para a atuação destes professores; expectativas em relação à formação dos alunos e prescrições de conhecimentos e práticas de Educação Física. Todo este movimento, empreendido pela *Revista*, constituiu o que foi chamado neste estudo de um projeto de escolarização da Educação Física em Minas Gerais. Ressalta-se que essa produção de uma disciplina escolar não foi homogênea. Ao contrário disso, comportou ambigüidades, idas e vindas, lutas de representações. Todavia, o estudo permite afirmar que a *Revista do Ensino*, de fato, constituiu-se como uma estratégia de formação de professores para o ensino de Educação Física.

ABSTRACT

The present work addresses the presence of the scholar discipline Physical Education on the *Revista do Ensino*, publication for teacher formation produced by Minas Gerais government, on 1920's and 1930's. The research was about how this educational periodic produced and put into circulation the prescription of practices, representations of Physical Education and of scholar subjects – especially teachers and students – involved in that discipline. *Revista do Ensino* was taken as the main source for the study, totaling 175 issues published from 1925 (when it started) to 1940 (when it was interrupted). Other set of sources mobilized was the educational legislation of the period, specifically the rules and primary and normal school plans, set by Minas state government, with propositions for Physical Education. The crossing of the documental sets – legislation and *Revista do Ensino* – allowed for the verification of the co-relationship between those two different prescriptive devices. It was made possible to observe an intense presence of questions related to Physical Education on the *Revista*: investments for the formation a set of teachers specific for teaching that discipline; propositions for their actuation; expectative in relation to the students' formation and prescriptions of knowledge and practices of Physical Education. The whole movement, made by *Revista*, constitutes what was called at the study as a scholarization project for the Physical Education at Minas Gerais. We highlight that the production of that scholar discipline was not homogenous. On the contrary, it beheld ambiguities, advances and withdraws, and conflicts between representations. However, the study allows us to affirm that *Revista do Ensino*, was, in fact, a strategy for the formation of teacher of Physical Education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – “Dois teams de Volley-Ball – Alumnas do I e II anno da Escola Normal Modelo”. <i>Revista do Ensino</i> , n. 9, dez. 1925	77
FIGURA 2 – “I e II teams de basket-baal. – Alumnas do III anno da Escola Normal Modelo”. <i>Revista do Ensino</i> , n. 8, out. 1925.....	78
FIGURA 3 – “Grupo Escolar ‘Barão de Macahubas’ – Alumnos em gymnastica.”. <i>Revista do Ensino</i> , n. 4, jun. 1925.....	80
FIGURA 4 – “Grupo Escolar ‘Barão de Macahubas’ – Alumnos em gymnastica”. <i>Revista do Ensino</i> , n. 5, jul. 1925	81
FIGURA 5 – “Grupo Escolar ‘Barão de Macahubas’ – Alumnos em gymnastica”. <i>Revista do Ensino</i> , n. 6, ago. 1925	81
FIGURA 6 – “Alumnas da Escola Normal Modelo. – Aula de gymnastica rythmica.”. <i>Revista do Ensino</i> , n. 8, out. 1925	84
FIGURA 7 – “Alumnas da Escola Normal Modelo, em exercicios gymnasticos de bastão, no dia 15 de outubro”. <i>Revista do Ensino</i> , n. 24, nov. 1927	88
FIGURA 8 – “Commemoração do centenário do ensino primario – Exercicios gymnasticos na Escola Normal Modelo”. <i>Revista do Ensino</i> , n. 24, nov. 1927	89
FIGURA 9 – <i>Revista do Ensino</i> , n. 19, dez. 1926.....	96
FIGURA 10 – <i>Revista do Ensino</i> , n. 19, dez. 1926.....	97
FIGURA 11 – “Membros do club sportivo “Jair Guimarães de Paula”, do Grupo escolar de Ubá, após uma partida de Volley-ball.”. <i>Revista do Ensino</i> , n. 118, set. 1935	103
FIGURA 12 – “Uma aula de educação physica no Grupo Escolar de Ubá”. <i>Revista do Ensino</i> , n. 118, set. 1935	103
FIGURA 13 – “Grupo Escolar ‘Rio Branco’ (capital) – Aspecto de alumnas em exercicios de gymnastica rythmica”. <i>Revista do Ensino</i> , n. 20, abr. 1927	109
FIGURA 14 – Ginástica historiada: “Descansando...”. <i>Revista do Ensino</i> , n. 56,57,58, abr./mai./jun. 1931	113
FIGURA 15 – Ginástica historiada: “E as arvores balançavam, balançavam...”. <i>Revista do Ensino</i> , n. 56,57,58, abr./mai./jun. 1931	114

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Práticas Corporais e Educação Física na <i>Revista do Ensino</i> : 1925-1940	24
QUADRO 2 – Artigos sobre Educação Física na <i>Revista do Ensino</i> : 1925-1940	25
QUADRO 3 – Fotografias sobre Práticas Corporais na <i>Revista do Ensino</i> : 1925-1940	29

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO 1	
SOBRE A <i>REVISTA DO ENSINO</i> E A EDUCAÇÃO FÍSICA	14
1.1 O surgimento de um impresso educacional.....	14
1.2 A <i>Revista do Ensino</i> como fonte	18
1.2.1 O trabalho com as fontes	22
1.3 Uma história da Educação Física pelo impresso	31
CAPÍTULO 2	
OS SUJEITOS E A EDUCAÇÃO FÍSICA NA <i>REVISTA DO ENSINO</i>	37
2.1 O Professor e a Educação Física: sua formação e expectativas de atuação	37
2.2 Os alunos: quem eram os sujeitos esperados com a prática da Educação Física?... 59	
2.2.1 Espontaneidade, entusiasmo e prazer.....	59
2.2.2 Educação Física para uma educação moral e intelectual.....	61
2.3 A preocupação com a Educação Física feminina: produzindo representações sobre a mulher e seu corpo.	64
CAPÍTULO 3	
CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	72
3.1 Práticas prescritas nos primeiros anos da <i>Revista do Ensino</i> : o artigo “Technica sobre Educação Physica” como referência basilar	72
3.2 Ginástica: permanências e reconfigurações de uma prática na Educação Física....	85
3.3 “Jogos gymnasticos” ou “jogos sportivos”: itinerários de uma prescrição para a Educação Física.....	95
3.4 “Gymnastica Rythmica”: estética e harmonia para uma Educação Física feminina	105
3.5 Ginástica historiada: uma prática de Educação Física para os “pequeninos”	110
CONSIDERAÇÕES ABERTAS	117
REFERÊNCIAS	122
ANEXOS	128

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa se desenvolveu no sentido de contribuir para a compreensão do movimento de inserção e afirmação da disciplina escolar Educação Física, nas escolas em Minas Gerais. Assim, o estudo contempla as décadas de 1920 e 1930, período ainda pouco investigado pela História da Educação e da Educação Física sobre esta temática. Para cumprir este objetivo, a principal fonte mobilizada foi a *Revista do Ensino* de Minas Gerais, um impresso oficial destinado à formação de professores, circulante nas escolas mineiras entre 1925 e 1940.

Outro conjunto de fontes mobilizado foi a legislação educacional do período, especialmente os regulamentos e programas do ensino primário e normal, estabelecidos pelo governo de Minas, que traziam proposições para a Educação Física. O entrecruzamento entre a legislação e a *Revista do Ensino* possibilitou verificar as correlações entre estes dois dispositivos prescritivos. Além disso, é importante destacar que a própria *Revista* foi um produto da lei, sendo que esta estabelecia o que o impresso iria publicar.

Nenhum tema de pesquisa é escolhido ou surge ao acaso, por isso, considero importante salientar um pouco do percurso de pesquisa que culminou na realização desta dissertação de mestrado.

No ano de 2004, quando então cursava a Licenciatura em Educação Física, na Universidade Federal de Juiz de Fora, comecei a participar do *Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte – GEPHEFE*¹. Naquela ocasião já me interessava por temas atinentes à área de educação, no entanto, não conhecia do que tratava o campo de pesquisa em História da Educação e da Educação Física. Ingressei no *GEPHEFE*, participando das reuniões de estudo e da pesquisa intitulada “Corpo e educação: uma história das atividades corporais nos Grupos Escolares de Juiz de Fora (1907-1950)”. Tinha início, naquele momento, meus primeiros contatos com a pesquisa histórica, com a prática dos arquivos, e com leituras específicas dos campos da História da Educação/Educação Física.

¹ Na ocasião, fui convidado pelo professor Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior a participar das reuniões do grupo criado por ele, naquela universidade, em 2002, quando concluía seu trabalho de doutoramento intitulado “Cultura escolar e formação da boa sociedade: uma história do Imperial Collegio de Pedro Segundo” – tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação do professor Luciano Mendes de Faria Filho.

Logo foram se estreitando os laços com os dois grupos de pesquisa na UFMG, dos quais hoje faço parte, o *CEMEF – Centro de Memória da Educação Física e do Esporte* e o *GEPHE – Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação*.

De outubro a dezembro de 2005, consultando o acervo do “Arquivo Público Mineiro”, deparei-me com a *Revista do Ensino*, um periódico educacional que me surpreendeu não só pelo longo período de publicação, mas principalmente pela riqueza de conteúdos vinculados à Educação Física. Os diversos artigos, figuras e fotografias que contemplavam a temática só fizeram aguçar, ainda mais, o interesse já existente em investigar a inserção e afirmação da Educação Física nas escolas.

O amadurecimento da idéia de pesquisar sobre o tema teve contribuições de outros estudos que tiveram a *Revista do Ensino* como fonte ou objeto de investigação e também dos diálogos com Tarcísio Mauro Vago e Maurilane de Souza Biccas, que foram fundamentais para a elaboração do projeto que culminou nesta pesquisa.

Com o ingresso no Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG, em 2007, dei continuidade a este processo, agora como membro do GEPHE e do CEMEF, grupos que, pelo envolvimento em suas diversas ações, possibilitaram novas perspectivas nesta etapa da minha formação.

Diversos estudos têm contribuído para a compreensão do processo de engendramento e enraizamento da Educação Física na escola.² Tarcísio Mauro Vago, em seu trabalho de doutoramento³, abordou a inserção da “Gymnastica” no ensino público primário da capital mineira, no período que vai da reforma do ensino de 1906⁴ até 1920. Neste estudo, são apresentados os desdobramentos que esta prática teve na “correção, endireitamento e constituição dos corpos das crianças”⁵.

O presente estudo, por abordar um período seguinte – 1925 a 1940 – mostra um outro movimento da Educação Física em Minas. Por dentro das prescrições da *Revista do Ensino*, este movimento apresentou algumas permanências em relação aos primeiros anos do século XX, mas também apresentou reconfigurações, inovações, ambiguidades e contradições.

A *Revista do Ensino*, neste estudo, foi uma fonte privilegiada na tentativa de apreender como foi possível ao governo mineiro produzir e fazer circular prescrições de práticas e

² Dentre estes estudos, destaco: Tarcísio Vago (1999); Carlos Fernando da Cunha Júnior (2002); Marcus Taborda de Oliveira (2003a); Fernanda Paiva (2003) e Meily Linhaes (2006).

³ Cf. Tarcísio Vago, 1999.

⁴ Trata-se da reforma do ensino público primário e normal, realizada em 1906, que instituiu os Grupos Escolares em Minas Gerais. Sobre este tema, ver o trabalho de Luciano Mendes de Faria Filho (2000).

⁵ Cf. Tarcísio Vago, 1999.

representações⁶ de Educação Física, que deveriam ser absorvidas e aplicadas pelos professores atuantes nas escolas de Minas Gerais. Neste sentido, a *Revista* foi considerada, neste trabalho, uma estratégia⁷ para a formação deste professorado.

As aproximações com os exemplares da *Revista do Ensino* explicitaram as particularidades de um impresso que foi produzido e modificado ao longo dos anos. Os formatos, as dimensões, a qualidade do papel, são representativos do percurso do impresso nos anos em que esteve em circulação. Assim, a prática dos arquivos foi essencial para o refinamento das perguntas que suscitaram este trabalho.

A *Revista* exibiu em suas páginas, com relação ao processo de constituição da disciplina Educação Física, reproduções de leis, posicionamentos dos sujeitos, diálogos, prescrições de práticas, métodos, conteúdos, textos, imagens, contradições, complementariedades. Todo este repertório de informações, nos dezesseis anos de circulação aqui considerados, deu origem ao que chamei, neste trabalho, de um projeto de Educação Física para as escolas de Minas Gerais.

Deste modo, para indagar a produção deste projeto de Educação Física, esta dissertação foi estruturada em três capítulos. O primeiro, intitulado *Sobre a Revista do Ensino e a Educação Física*, tem um caráter introdutório, problematizando o contexto de criação da *Revista do Ensino*, a sua mobilização como fonte, em diálogo com trabalhos que a abordaram como fonte ou como objeto de pesquisa. Além disso, procurou apreender as relações do impresso com o movimento de organização da disciplina Educação Física em Minas Gerais e também foi anunciada a potencialidade do acervo acionado para a investigação proposta.

No segundo capítulo, *Os sujeitos e a Educação Física na Revista do Ensino*, procurou-se dar visibilidade às representações que a *Revista* produziu e fez circular sobre os sujeitos escolares, especialmente professores e alunos, em suas relações com a Educação Física. Neste

⁶ Roger Chartier propõe que “a análise do trabalho de representação tem em vista identificar as classificações e exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou espaço”. Para ele, a noção de representação permite então “articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, classe ou comunidade” (Chartier, 1990, p. 27-123).

⁷ A noção de estratégia, de Michel de Certeau, é definida por ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Elas combinam esses três tipos de lugar e visam dominá-los uns pelos outros. Privilegiam, portanto, as relações espaciais. Ao menos procuram elas reduzir a esse tipo as relações temporais, pela atribuição analítica de um lugar próprio a cada elemento particular, e pela organização combinatória dos movimentos específicos a unidades ou a conjuntos de unidades. O modelo para isso foi antes o militar que o “científico” (Certeau, 1994, p. 102).

sentido a *Revista* produziu expectativas de atuação para os professores e divulgou iniciativas para a formação e produção do professor específico para essa disciplina. Sobre os alunos, o impresso fez circular proposições a respeito de quem seriam os sujeitos esperados com a prática da Educação Física.

O terceiro e último capítulo, *Conhecimentos e práticas de Educação Física*, está centrado nos conhecimentos e nas prescrições de práticas de Educação Física veiculados na *Revista do Ensino* no período analisado. O impresso fez circular múltiplos caminhos, dando visibilidade a determinadas proposições e silenciando outras. Assim, esse capítulo percorre os conhecimentos e as práticas prescritas, atinentes à Educação Física, que tiveram uma presença significativa na *Revista do Ensino*: a ginástica; os jogos e esportes; a “gymnastica rythmica” e a chamada “ginástica historiada”.

Nas *Considerações Abertas* faço um apanhado da argumentação apresentada no trabalho e indico possibilidades para a continuidade dos estudos relativos à escolarização da Educação Física em Minas Gerais e à História das Disciplinas Escolares, tendo a *Revista do Ensino* como fonte.

CAPÍTULO 1

SOBRE A REVISTA DO ENSINO E A EDUCAÇÃO FÍSICA

1.1 Surgimento de um impresso educacional

A década de 1920 tem sido anunciada na História da Educação brasileira como um período que acolheu duas grandes campanhas, que tiveram uma intensa relação entre si. Tratam-se das campanhas da saúde e da educação. Marta Carvalho⁸ argumenta que a intelectualidade brasileira, naquele momento, formulou uma preocupação com a “questão nacional” vinculada a uma constituição da saúde pela educação. Segundo a autora, o movimento protagonizado por médicos e higienistas, em favor da reforma dos serviços de saúde, teve inúmeros pontos de contato com um outro movimento promovido por setores da intelectualidade em favor da chamada “causa educacional”. Para estes atores sociais, saúde e educação se apresentavam como questões indissociáveis, em grande medida por uma nova crença, a de que estes dois fatores seriam capazes de operar a “regeneração” das populações brasileiras.⁹

Ainda segundo a autora, a década de 1920 ficou conhecida pela emergência de um *entusiasmo pela educação* que, nas palavras de Marta Carvalho, foi um “movimento que reuniu intelectuais de diferentes categorias profissionais – principalmente professores, médicos e engenheiros – na propaganda da ‘causa educacional’”.¹⁰ Este movimento, no entendimento da autora, pode ser interpretado como um projeto modernizador que foi empreendido no decorrer dos anos 20, sob o impacto do interesse de estruturar mecanismos de controle do cotidiano das populações pobres nos grandes centros urbanos.¹¹

O aceleramento dos processos de industrialização e urbanização atraía para as grandes cidades populações que, provenientes de outras culturas (como era o caso dos imigrantes), ou de regiões muito pobres do país, não partilhavam os códigos comportamentais que regiam o cotidiano da convivência interclasses no espaço urbano. A imagem de uma cidade

⁸ Cf. Marta Carvalho, 1997.

⁹ Cf. Marta Carvalho, 1997.

¹⁰ Cf. Marta Carvalho, 1997, p. 303.

¹¹ Cf. Marta Carvalho, 2000, p. 232.

invadida por populações de costumes bárbaros que ameaçariam as rotinas citadinas mais sedimentadas passa a ser referência constante nos discursos de uma elite urbana letrada.¹²

Assim, ainda segundo Marta Carvalho,

Levar a escola aos sertões brasileiros, banindo a ameaça representada pelo êxodo imigratório e enraizar extensivamente os serviços escolares nos grandes centros urbanos são as metas do programa modernizador que as reformas educacionais dos anos 20 põem em cena.¹³

Essas duas campanhas e o *entusiasmo pela educação* marcaram as políticas educacionais na década, indicando novos rumos neste campo para um país que se pretendia moderno. Esta modernidade pensada para o campo educacional brasileiro esteve fortemente relacionada com um outro movimento, que também ganhou vulto nesta década, conhecido pela expressão *Escola Nova*. O *escolanovismo*, como também é conhecido, foi associado a uma idéia de ruptura e negação das práticas educacionais anteriores e pensava o aluno como o “centro do processo educativo, protagonista do processo de ensino-aprendizagem, construtor do próprio conhecimento”.¹⁴

De acordo com Diana Vidal,

a escola renovada pretendia a incorporação de toda a população infantil. Serviria de base à disseminação de valores e normas sociais em sintonia com os apelos na nova sociedade moderna, constituída a partir dos preceitos do trabalho produtivo e eficiente, da velocidade das transformações, da interiorização de normas de comportamentos otimizados em termos de tempos e movimentos e da valorização da perspectiva da psicologia experimental na compreensão “científica” do humano, tomado na dimensão individual.¹⁵

No plano socioeconômico, a valorização deste movimento, segundo Marta Carvalho, pode ser considerado como possibilidade de realização, no meio escolar, das novas máximas organizadoras do trabalho industrial. A idéia de que os métodos da chamada pedagogia

¹² Cf. Marta Carvalho, 2000, p. 233.

¹³ Cf. Marta Carvalho, 2000, p. 233.

¹⁴ Cf. Lourenço Filho, 2002. Esta obra, intitulada *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, foi publicada originalmente pela editora Melhoramentos em 1930.

¹⁵ Cf. Diana Vidal, 2000, p. 498.

moderna obteriam melhores resultados com menos esforços, à semelhança de tais máximas, determinou o crivo principal de valorização das inovações pedagógicas. Seria essa a sua maior eficiência, comparativamente à chamada pedagogia tradicional.¹⁶ Neste sentido, ainda segundo a autora, o tema da organização do trabalho esteve também associado a projetos de reestruturação do sistema escolar que melhor assegurassem a homogeneização e o disciplinamento das populações.¹⁷

Uma outra característica atribuída à educação no período esteve relacionada com o foco na população. Para a intelectualidade, de nada adiantaria uma boa instrução nas escolas, se o povo fosse deixado de lado. Cynthia Veiga destaca a força desse ideal, em que

nenhuma política republicana se legitimaria sem o povo e, sem dúvida, esse foi o momento em que a população estava no centro dos debates. Médicos, juristas, educadores e políticos, todos se colocavam como qualificados para falarem ao povo brasileiro.¹⁸

Assim, uma nova idéia era transformar a sociedade com a contribuição de transformações na educação, que seriam fundadas, intensamente, por meio de reformas educacionais realizadas em vários Estados brasileiros. Tais reformas constituíram um marco para a educação, pois reafirmaram a possibilidade de pensar novas formulações teóricas, metodológicas e pedagógicas para intervenção na população. Podem-se destacar importantes reformadores, com influências escolanovistas, como Lourenço Filho, em 1923 no Ceará; Anísio Teixeira, em 1925 na Bahia; Francisco Campos, em 1927 no Estado de Minas Gerais; Fernando Azevedo, em 1928 no Distrito Federal e Carneiro Leão, no ano de 1928 em Pernambuco.

Foram nestas circunstâncias que Fernando Mello Vianna¹⁹ assumiu o governo mineiro em 1924, com a tarefa de alavancar o Estado rumo à nova situação econômica, urbano-industrial, assumindo a instrução primária como a principal prioridade de seu governo. Realizou uma Reforma na Instrução Pública do Estado, coordenada por seu Secretário do Interior, Sandoval Soares Azevedo, e pelo Diretor da Instrução Pública, Lúcio José dos

¹⁶ Cf. Marta Carvalho, 1989, p. 61.

¹⁷ Cf. Marta Carvalho, 1989, p. 63.

¹⁸ Cf. Cynthia Veiga, 2000a, p. 56.

¹⁹ Segundo Maurilane Biccas (2001), Fernando Mello Vianna nasceu em Sabará em 15.03.1878 e morreu em 01.02.1954. Foi advogado, promotor e magistrado; durante sua longa vida pública foi integrante do partido PRM e muitos anos depois do PSD. Ocupou o cargo de Secretário do Interior na gestão de Raul Soares e ganhou a eleição para presidente do Estado em 1924, ficando neste cargo até 31.03.1926. Sandoval de Azevedo foi nomeado Secretário do Interior em sua gestão.

Santos²⁰, baixando decretos que regulamentaram o ensino primário e investindo na difusão e expansão das escolas primárias por todo o Estado²¹. Outro importante investimento de Mello Vianna para a reorganização da Instrução Pública, foi a reformulação da *Revista do Ensino*, no ano de 1925.

Criada em 1892, três anos após a proclamação da República, no governo do então presidente de Minas Gerais, Affonso Penna, e no momento em que era realizada a primeira reforma do ensino no período republicano²², a *Revista de Ensino* foi desativada logo em seguida. De acordo com Maurilane Biccass, quando foi criada a *Revista* não possuía um caráter formativo, seu objetivo não era prescrever práticas escolares. Ela se dirigia aos professores com função de tornar-se instrumento jurídico-administrativo, de informação e de defesa.²³ Ainda conforme a autora, neste período foram publicados apenas três números. A publicação, de forma mais efetiva, somente ocorreria a partir de março de 1925, quando foi inteiramente reformulada como parte da Reforma na Instrução Pública do Estado, de Mello Vianna. Em 1940 ocorreria mais uma interrupção em sua publicação devido à Segunda Guerra Mundial.²⁴ Neste período, que correspondeu ao ciclo mais regular de publicação, foram produzidos 175 números. A *Revista* voltou a circular em 1946, porém de maneira irregular, e continuou existindo até janeiro de 1971, quando o número 239 deste periódico encerrou as suas publicações.

Conforme já previa o Regulamento do Ensino²⁵, a partir de 1925 a *Revista do Ensino* passaria a circular mensalmente, sob responsabilidade da “Directoria de Instrucção Publica”, sendo “destinada a orientar, estimular e informar os funcionarios do ensino e os particulares interessados”. Ainda, segundo o mesmo regulamento, a estrutura da *Revista* deveria constar de “uma parte doutrinaria” cujas funções seriam: “dirigir o professorado publico do Estado, harmonizando seus esforços”; “pol-o ao corrente da evolução do ensino primario em todos os seus aspectos” e “publicar-lhe os trabalhos ou extractos destes, quando de evidente interesse didactico”²⁶. Esta “parte doutrinaria” deveria ainda “limitar-se á publicação de pequenos

²⁰ De acordo com Maurilane Biccass (2001), Lúcio José dos Santos, orador, autor, professor de ciência, jornalista e um católico fervoroso, esteve à frente da Diretoria de Instrução Pública no governo de Fernando Mello Vianna (1924-1926). No governo de Antonio Carlos e Francisco Campos foi diretor da Escola de Aperfeiçoamento. Foi, ainda, um dos grandes colaboradores da *Revista do Ensino* nos primeiros quinze anos de sua existência.

²¹ O Decreto n. 6.555, de 19/08/1924, regulamentava o Ensino Primário e o Decreto 6.758, de 01/01/1925, dispunha sobre o Programa do Ensino Primário.

²² Trata-se da Lei n. 41, de 03/08/1892, que além de criar a *Revista do Ensino*, previa também mudanças nas escolas normais, como a ampliação no número de cadeiras a serem cursadas pelos professores.

²³ Cf. Maurilane Biccass, 2001.

²⁴ Cf. Maurilane Biccass, 2001.

²⁵ Cf. MINAS GERAIS, 1924, art. 479.

²⁶ Cf. MINAS GERAIS, 1924, art. 480.

trabalhos de interesse imediato, resumos de obras e de artigos extrahidos de revistas congeneres, nacionaes ou estrangeiras”²⁷. Estava prevista também uma “parte noticiosa” destinada a publicar “factos e occurrencias locaes, nacionaes ou estrangeiras”, que pudessem “orientar os funcionarios do ensino”; “dados estatisticos relativos á instrucção” e “actos officiaes que interessem aos funcionarios do ensino conhecer”²⁸. Do mesmo modo, consoante o regulamento, poderiam ser publicados, nesse periódico, os trabalhos de colaboração dos funcionários do ensino²⁹ e os relatórios dos inspetores técnicos regionais³⁰, quer na íntegra ou em resumo. Neste novo momento, a *Revista do Ensino* assumiu um caráter essencialmente pedagógico, disseminando ações governamentais desenvolvidas na instrução escolar, informando e formando os professores nos novos preceitos pedagógicos.

1.2 A *Revista do Ensino* como fonte

A *Revista do Ensino* tem sido tema de diversas investigações no âmbito acadêmico, como indica Maurilane Biccas³¹. A autora, que estudou a *Revista do Ensino* tomando-a como o objeto da pesquisa, menciona algumas dissertações de mestrado que tiveram a *Revista* como uma das fontes mobilizadas. Dentre estes trabalhos, ressaltam-se aqui os de Ana Maria Peixoto³², Vera Borges³³ e Rita Souza³⁴. Destaco, ainda, por estarem relacionados ao objeto desta pesquisa, o trabalho de Elisângela Chaves³⁵, que trata a questão da escolarização da dança em Minas Gerais, no período de 1925 a 1937, e o artigo de Tarcísio Vago³⁶, que aborda a presença da Educação Física na *Revista do Ensino*, no período de 1925 a 1935.

Ainda conforme Maurilane Biccas, esta *Revista* pode ser considerada como o impresso pedagógico oficial mais representativo da História da Educação em Minas Gerais, não só pelo seu longo ciclo de publicação, mas também pelo papel significativo no processo de formação

²⁷ Cf. MINAS GERAIS, 1924, art. 481.

²⁸ Cf. MINAS GERAIS, 1924, art. 480.

²⁹ Cf. MINAS GERAIS, 1924, art. 482.

³⁰ Cf. MINAS GERAIS, 1924, art. 483.

³¹ Cf. Maurilane Biccas, 2001.

³² Cf. Ana Maria Peixoto, 1983.

³³ Cf. Vera Borges, 1993.

³⁴ Cf. Rita Souza, 2001.

³⁵ Cf. Elisângela Chaves, 2003.

³⁶ Cf. Tarcísio Vago, 2006.

de professores e de conformação do campo educacional mineiro.³⁷ Corroborando a argumentação da autora, a análise de Ana Maria Peixoto já afirmava o caráter formativo do professorado mineiro, configurado pela *Revista do Ensino*:

A mobilização através do Minas Gerais e da Revista do Ensino – O Minas Gerais, órgão da Imprensa Oficial do Estado, e a Revista do Ensino constituíram veículos muito importantes de divulgação das novas tendências junto ao professorado, devido ao seu poder de penetração (não havia escola, por distante que fosse, que não os recebesse). [...]
Na elaboração da Revista do Ensino, a Inspeção Geral de Instrução preocupava-se não só com os aspectos de formação geral e específica do professor, mas também com a divulgação de materiais didáticos capazes de auxiliar o professor no dia a dia da sala de aula. [...].³⁸

É importante considerar que estes estudos sobre a *Revista do Ensino* não compreendem um movimento isolado. Desde a década de 1980, a historiografia educacional brasileira vem experimentando um processo de reconfiguração, ocasionado pela emergência de novos interesses, novos problemas, novos objetos e novos critérios de rigor científico, impactando no campo da História da Educação. Segundo Marta Carvalho:

No bojo dessas transformações é abolida a rígida demarcação das fronteiras que, anteriormente, bipartia o campo da História da Educação, dissociando a história das instituições escolares da história do pensamento ou das idéias pedagógicas. [...] ganha espaço um multifacetado campo de investigações sobre impressos de destinação pedagógica e seus usos escolares. São essas investigações que dão sólido suporte a uma história cultural dos saberes pedagógicos interessada na materialidade dos processos de difusão e imposição desses saberes e na materialidade das práticas que deles se apropriam.³⁹

Sobre este processo de “reconfiguração da historiografia educacional brasileira”, cabe também destacar que nas três últimas décadas a pesquisa sobre impressos pedagógicos tem-se apresentado como um novo campo de investigação em diversos países do mundo e, mais recentemente, também no Brasil. Maurilane Biccas⁴⁰ indica alguns pesquisadores europeus

³⁷ Cf. Maurilane Biccas, 2001.

³⁸ Cf. Ana Maria Peixoto, 1983, p. 180.

³⁹ Cf. Marta Carvalho, 1998, p. 4.

⁴⁰ Cf. Maurilane Biccas, 2006.

que desenvolveram investigações sobre impressos pedagógicos, como Pierre Caspard⁴¹, Antônio Novoa⁴², Pierre Caspard e Penélope Caspard⁴³. No Brasil, comenta os trabalhos de Denice Catani e Cyntia Souza⁴⁴, Isabel Frade⁴⁵, além do livro organizado por Denice Catani e Maria Bastos⁴⁶, com o título *Educação em Revista: A Imprensa Periódica e a História da Educação*, que reúne pesquisas sobre o tema, de estudiosos da História da Educação no Brasil e o no Exterior.

Neste contexto, esta pesquisa está inserida no campo da *história cultural dos saberes pedagógicos* que, a partir de um impresso de destinação pedagógica, circulante nas escolas mineiras das décadas de 1920 e 1930, busca compreender como foi possível ao governo mineiro prescrever e divulgar práticas e representações de Educação Física. Práticas e representações estas, que deveriam ser absorvidas e aplicadas pelos professores atuantes nas escolas de Minas Gerais.

Ao analisar as prescrições de práticas e representações de Educação Física em um impresso educacional que teve por objetivo principal a formação de professores, opero com a hipótese de que a *Revista do Ensino* foi mobilizada como uma estratégia para a formação do professorado, para o ensino de Educação Física nas escolas. Porém, mais que isso, investigo em que medida a *Revista* contribuiu para a afirmação da Educação Física nas escolas, e neste sentido, que projeto ela estaria produzindo e fazendo circular. As fontes indicam que houve sim na *Revista* a circulação de um projeto para a Educação Física, no entanto, o mesmo esteve longe de ser uniforme, constante, nos discursos. Foi imbuído de muitas permanências, tensões e ambiguidades, próprias de um campo de conhecimento em processo de produção e afirmação. A estratégia editorial empreendida pela *Revista*, analisada detalhadamente por Maurilane Biccas⁴⁷, pode ser considerada como o que Certeau chama de “postulado de um poder”⁴⁸. A *Revista* imprime em suas páginas – tanto pelo conteúdo, como pela forma de se organizar – diretrizes e metodologias para a conformação de um projeto de Educação Física nas escolas.

Deste modo, a *Revista do Ensino* foi produzida objetivando atingir uma comunidade específica de leitores – professores do ensino público de Minas Gerais – e, com isso,

⁴¹ Cf. Pierre Caspard, 1981.

⁴² Cf. Antônio Novoa, 1993 e 1997.

⁴³ Cf. Pierre Caspard; Penélope Caspard, 1997.

⁴⁴ Cf. Denice Catani; Cyntia Souza, 1999.

⁴⁵ Cf. Isabel Frade, 2000.

⁴⁶ Cf. Denice Catani; Maria Bastos, 1997.

⁴⁷ Cf. Maurilane Biccas, 2001.

⁴⁸ Cf. Certeau, 1994.

modelando o fazer docente. Propagando prescrições de práticas e representações para a construção de um projeto de Educação Física, a *Revista* foi uma estratégia que contribuiu para a conformação do campo educacional mineiro, como um “lugar de poder”, onde a formação dos sujeitos – os alunos – era o destino final de todo este investimento.

Ao operar com a noção de representação proposta por Roger Chartier, destaco sua importância especialmente nas formas de organização de textos impressos. É preciso dar atenção às representações assumidas pelos textos, quando veiculados por um impresso específico, no caso a *Revista do Ensino*, pois, nas palavras do autor, “não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor”.⁴⁹ Ainda segundo o autor, “as obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro. [...]”.⁵⁰

Assim, Chartier ressalta a diferença de um mesmo texto quando veiculado em diferentes suportes. Os textos, quando veiculados na *Revista do Ensino*, assumem representações próprias, que seriam diferentes se estivessem publicados em um outro objeto, se chegassem ao leitor por outras vias. Inseridos na *Revista*, os textos ganham sentidos particulares, orientados pela estratégia pretendida de formar professores, e de construir um projeto para a “disciplina escolar” Educação Física.

Na *Revista do Ensino*, a Educação Física foi representada por uma pluralidade de denominações, como “disciplina” escolar, “cadeira” de Educação Física ou ainda “matéria” escolar. Neste sentido, encontro apoio na argumentação de André Chervel⁵¹ para apresentar o motivo de nomear a atividade escolar Educação Física por uma “disciplina escolar”. Chervel afirma que o surgimento do termo “disciplina” na documentação educacional, para designar “conteúdos do ensino”, é relativamente recente, datando do final do século XIX. Até este período, tal expressão não significava “mais do que a vigilância dos estabelecimentos, a repressão das condutas prejudiciais à sua boa ordem e aquela parte da educação dos alunos que contribui para isso”.⁵²

O autor afirma, ainda, que o termo “disciplina escolar” se torna frequentemente utilizado com esse sentido por volta, justamente, da década de 1920. Os textos veiculados pela *Revista do Ensino*, bem como a legislação educacional do período, indicam na direção

⁴⁹ Cf. Chartier, 1990, p. 127.

⁵⁰ Cf. Chartier, 1994, p. 8.

⁵¹ Cf. Chervel, 1990.

⁵² Cf. Chervel, 1990, p. 179.

deste movimento, assim a expressão “disciplina escolar” teve utilização recorrente nestas fontes, para se referir à Educação Física praticada nas escolas de Minas Gerais.

1.2.1 O trabalho com as fontes

Durante o desenvolvimento da pesquisa, a prática dos arquivos foi intensa e certamente necessária para uma familiaridade com o fazer historiográfico. Primeiramente, foi realizado um levantamento da localização dos exemplares da *Revista do Ensino* nos acervos de Belo Horizonte. Um trabalho de visita a cada uma das instituições que possivelmente poderia abrigar estas publicações. O acervo que possui o maior número de exemplares disponíveis para consulta é o da Coleção Obras Raras, da Biblioteca Professora Alaíde Lisboa de Oliveira, da Faculdade de Educação da UFMG.⁵³ Na sequência também foram visitados os acervos do Arquivo Público Mineiro, e da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, onde descobri que a maior parte dos exemplares desta biblioteca havia sido transferida para a Hemeroteca Pública de Minas Gerais. Alguns exemplares também foram localizados na Coleção Linhares, da Biblioteca Central da UFMG, e o último acervo consultado, que teve fundamental importância para a continuidade da pesquisa, está sob guarda do Museu da Escola de Minas Gerais⁵⁴.

Com relação à legislação mineira do período, outro conjunto de fontes mobilizado, foi também obtido por meio de fotografia digital, na coleção de leis e decretos da biblioteca da Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Trata-se, basicamente, dos regulamentos e programas do ensino primário e normal, estabelecidos pelo governo de Minas, que traziam proposições para a Educação Física.

Justifica-se a utilização da legislação como fonte para este estudo, pois esta operação permitiu verificar quais prescrições, sob ponto de vista do ordenamento legal, a *Revista do Ensino* fez, ou não, circular. Luciano Mendes de Faria Filho apresenta uma compreensão da “legislação escolar como um ordenamento jurídico específico e, ao mesmo tempo, relacionado a outros ordenamentos”⁵⁵. Neste sentido, uma pergunta se fez necessária: que correlações a *Revista do Ensino* manteve com as prescrições da legislação escolar do período?

⁵³ Neste acervo foram localizados 145 números da *Revista do Ensino*. Até o número 24 tratavam-se de cópias, sendo que do número 35 ao 175 todos os exemplares existentes neste acervo eram originais.

⁵⁴ Foram localizados neste acervo 141 números da *Revista*, sendo todos exemplares originais.

⁵⁵ Cf. Luciano Faria Filho, 1998, p.101.

Além disso, é importante destacar que a própria *Revista* foi um produto da lei, sendo que esta estabelecia o que este impresso iria publicar.

Ainda sobre o levantamento e a localização dos exemplares da *Revista do Ensino*, foi organizado um quadro detalhando estes dados, como pode ser observado no Anexo A deste trabalho.

Deste modo, consultando cada um dos números acessados⁵⁶ da *Revista*, o levantamento de fontes foi ampliado para além da temática da Educação Física. Sendo assim, foram fotografados e arquivados todos os artigos e as imagens que fazem referência a temas que permeiam questões relacionadas às práticas corporais, tais como jogos, brincadeiras, recreios e festas escolares, canto, higiene, trabalhos manuais, escrita e Educação Física.

A temática da Educação Física teve uma intensa presença na *Revista do Ensino* durante o período analisado, o que culminou na organização de um banco de dados, objetivando viabilizar a localização dos artigos e os entrecruzamentos necessários. A disciplina escolar em questão estava em um movimento de organização. Neste sentido, as proposições a ela relacionadas não tiveram demarcação rígida na *Revista*. Como procedimento de ordenamento das fontes, foi necessário estabelecer uma categorização deste conjunto de informações. Desta forma, para compor esse banco de dados, foram selecionados todos os artigos que fazem referência a práticas corporais específicas, relacionadas com a produção da Educação Física como uma disciplina escolar. Assim, foram incluídos os artigos que abordam diretamente a disciplina em questão, bem como textos sobre “gymnastica”, “exercicios phisicos”, “educação phisica”, jogos, “jogos phisicos”, “jogos gymnasticos”, “gymnastica rythmica” e marchas.

O Quadro 1 permite uma visualização do volume e da frequência com que circularam informações sobre a disciplina escolar Educação Física, bem como sobre os temas a ela relacionados. A segunda coluna – exemplares publicados – apresenta o número de exemplares produzidos, em cada ano do período analisado. Importante ressaltar que a periodicidade da *Revista* era variável, e houve também, em alguns casos, a concentração de mais de um número em um mesmo exemplar, como é possível observar no Anexo A. Com isso, a *Revista do Ensino* teve, ao longo de seus primeiros dezesseis anos, de 1925 a 1940, 175 números, publicados em 115 exemplares. Na terceira coluna – artigos sobre práticas corporais – é apresentado o quantitativo de artigos referentes às práticas corporais relacionadas com a

⁵⁶ Todos os 175 números da *Revista do Ensino*, de 1925 a 1940, foram localizados nos diversos acervos de Belo Horizonte, no entanto, três deles não foram possíveis de serem acessados, que são os números 25, 29 e 110, por estarem interditados para digitalização no Arquivo Público Mineiro.

Educação Física. A quarta coluna – artigos sobre Educação Física – foi construída extraindo-se da terceira coluna aqueles artigos que abordam diretamente o ensino de Educação Física, materializado na disciplina escolar, incluindo ainda, neste sentido, as denominações “Gymnastica” e “Exercícios Physicos”, próprias de determinados momentos, como apareciam nas fontes.

QUADRO 1

Práticas Corporais e Educação Física na *Revista do Ensino*: 1925-1940

Ano	Exemplares publicados	Artigos sobre práticas corporais	Artigos sobre Educação Física
1925	9	11	3
1926	9	13	8
1927	5	5	2
1928	4	5	4
1929	12	17	10
1930	10	9	4
1931	4	9	6
1932	8	3	1
1933	17	9	8
1934	10	8	6
1935	9	9	6
1936	4	6	3
1937	4	4	2
1938	5	3	3
1939	2	3	3
1940	3	-	-
Total	115	114	67

Cada um dos artigos quantificados nesse Quadro 1 pode ser melhor identificado no Anexo B, onde os dados organizados incluem: o título do artigo ou seção; a autoria; o ano; o número e a numeração das páginas da publicação.

No Quadro 1 pode-se observar que nesses primeiros dezesseis anos da *Revista*, num universo de 115 exemplares produzidos, 114 artigos abordaram práticas corporais

relacionadas à temática da Educação Física. Quando recortamos para assuntos específicos, que abordam diretamente esta disciplina escolar, foram identificados 67 artigos. Estes números expressam a intensa presença da temática Educação Física na *Revista do Ensino*.

Nesse universo de temas e artigos publicados, essa pesquisa priorizou dialogar com estes 67 artigos especificamente voltados para o ensino escolar da disciplina Educação Física. No Quadro 2, a partir dos títulos, são representados os diversos temas, conteúdos, regulações, sujeitos e outros tantos elementos que compuseram o projeto de Educação Física anunciado na *Revista do Ensino*.

QUADRO 2

Artigos sobre Educação Física na *Revista do Ensino*: 1925-1940

Ano	Título
1925	Technica sobre Educação Physica
	Programma de ensino do Estado de São Paulo
	A Organização dos Museus Escolares
1926	Para fazer a raça forte e energica – Methodos de Educação Physica
	Para fazer a raça forte e energica – Methodos de Educação Physica
	Noções de Educação Physica, Exercícios e Jogos
	Noções de Educação Physica
	Educação Physica – ao lado da saude moral deve existir a saude physica – e essa só se consegue pela gymnastica bem orientada
	Congresso de Ensino Primario – Hygiene Escolar e Educação Physica
	Educação physica - A gymnastica torna o corpo sadio, bello e forte, suggerindo ao espirito força de vontade, energia, coragem, decisão, alegria e cordialidade
	Congresso de Instrucção Primaria – Theses que serão discutidas no próximo Congresso de Instrucção Primaria – Hygiene e Educação Physica
1927	Primeiro Congresso de Instrucção Primaria do Estado de Minas
	Pela renovação de Minas – A festa de 15 de outubro
1928	A Nova Organização Pedagogica – Educação Physica
	Curso de Aperfeiçoamento – Gymnastica
	Nomenclatura de Calisthenia
	Educação Physica – Marchas
1929	Bibliotecas escolares – avisos
	Educação Physica – Jogos Gymnasticos
	Educação Physica
	Educação physica – Instrucções baixadas pela Inspectoria Geral da Instrucção
	Educação Physica – Jogos menores
	A Educação Physica
	Os nossos concursos – Museu escolar – Exercicios Physicos
	Curso de aperfeiçoamento para assistentes technicos do ensino
	Algumas informações sobre a Escola de Aperfeiçoamento de Bello Horizonte – Cultura Physica

Ano	Título
	Educação Physica – Callisthenia
1930	A Formação de Technicos
	Os nossos concursos - Qual a parte que deve caber á educação physica no ensino primario?
	A voz da pratica - Qual a parte que deve caber á educação physica no ensino primario?
	Praticabilidade de uma gymnastica electiva nos Grupos Escolares
1931	Objetivos na organização e administração da Educação Física Escolar
	Educação Fisica – Ginastica historiada
	Praticabilidade de uma ginastica eletiva nos Grupos Escolares
	A Educação Fisica e o sexo feminino
	Corpo de leaders
	A Nova Pedagogia – Os Jogos de Ginastica
1932	Excursão e sua relação com a Educação Fisica
1933	Administração do Ensino – Decreto N. 10.726 – Aprova os programas do ensino normal
	O ano letivo de 1933
	Ante-projeto da futura Constituição
	Colação de gráu na Escola Normal de S. Gonçalo do Sapucaí – O discurso do Dr. Noraldino Lima
	Daqui e Dali – Trabalho sobre educação física
	Ginástica historiada
	A ignorância da onça
	O ensino em Minas
1934	Educação física
	Reunião annual dos assistentes
	Curso para professores districtaes e ruraes
	Curso de Pedagogia para professores de escolas singulares – Sumario do trabalho de educação physica
	Importancia dos exercicios physicos
	Impressões de uma professora de Educação physica
1935	Para a ginástica historiada
	Exercícios escolares - Aspectos da educação
	Educação do corpo e educação do espírito
	A Educação Physica tratada em Congresso
	Educação Physica na escola primaria
	Para a Gymnastica historiada
1936	Para Gymnastica Historiada
	Um problema do momento - Necessidades da estylização do Methodo Francez
	Um dia de leitura
1937	Corpo Técnico de Assistência ao Ensino – Inspecoria de Educação Física – Portaria n. 1
	A Educação Física no Espírito Santo
1938	Acêrca de livros
	Acêrca de livros
	Case dei Bambini
1939	Grupo Escolar “Cesário Alvim”, da Capital – A Educação Física e o Programa Escolar
	A escola e a educação física
	A Educação Física no México

Ao observar, nos Quadros 1 e 2, a frequência dos artigos referentes à disciplina Educação Física, é possível perceber que a *Revista do Ensino*, nos primeiros cinco anos de publicação, já contemplava fortemente a temática, expressando uma relação de 27 artigos para 39 exemplares publicados. Destaque para os anos de 1926, 1928 e 1929, este último quando o número de artigos praticamente se igualou ao número de exemplares produzidos. Esta intensa produção parece estar relacionada aos primeiros anos de funcionamento da Inspeção de Educação Física, fundada em 1927, como será visto adiante⁵⁷. A produção de artigos sobre Educação Física teve uma ligeira queda nos anos seguintes, se comparada ao número de exemplares publicados. No entanto, permaneceu intensa, com 25 artigos entre os anos de 1930 e 1934. Não muito distante deste volume de produção, em termos proporcionais, foram os anos de 1935 a 1940, com 17 artigos para 27 exemplares publicados, período em que a *Revista* teve uma menor regularidade de publicações.

Além dos artigos, a *Revista do Ensino* veiculou também fotografias. Assim como os textos, as fotografias reproduzidas na *Revista* indiciam uma intencionalidade dos editores do impresso, pois, muito mais que ilustrar para atrair os leitores ou proporcionar uma leitura mais leve e agradável, estas imagens reforçavam o discurso que o governo pretendia divulgar e inculcar. No caso da Educação Física não foi diferente. Compo o projeto desenhado pela *Revista do Ensino*, foram incorporadas às suas páginas fotografias que representassem práticas cotidianas de Educação Física, que deveriam ser exemplares para todas as escolas do Estado.

Diana Vidal argumenta que devemos questionar a vinculação da fotografia a um espelho, a um traço do real.

Na percepção da fotografia como monumento e no desafio de analisá-la enquanto fonte para a história, acreditamos que é necessário concebê-la como um discurso, singular na linguagem (não verbal) em que é constituído, e que, por sua vez, é instituinte de maneiras outras de representar a sociedade e seus conflitos.⁵⁸

⁵⁷ A professora Giovanna Camila da Silva desenvolve uma dissertação de mestrado, neste mesmo programa de pós-graduação, abordando o processo de criação e o funcionamento da *Inspeção de Educação Física de Minas Gerais*, instituição criada para cuidar da Educação Física na escola.

⁵⁸ Cf. Diana Vidal, 1998, p. 78.

Neste sentido, as fotografias foram trazidas para a narrativa neste estudo, numa tentativa de examinar como a *Revista do Ensino* as colocou em circulação, exibindo práticas exemplares aos professores, relacionadas à disciplina Educação Física.

Além das fotografias, a *Revista* veiculou também ilustrações, ainda que em número muito menor, sendo que, no caso da Educação Física, sua utilização foi sempre associada a algum texto, justamente para ilustrar o que se pretendia demonstrar. Já as fotografias apareceram quase sempre desvinculadas dos textos, normalmente soltas, sem uma relação com os assuntos abordados nas respectivas páginas.

O uso deste recurso variou ao longo do período analisado. Em média, a temática da Educação Física foi representada em aproximadamente uma a cada dez fotografias, o que significa um número bastante expressivo, considerando-se um periódico educacional que abordava os temas mais variados. Além da Educação Física, eram retratados também os diversos espaços e as práticas escolares, como atividades em sala de aula, fachadas dos prédios escolares, áreas externas, laboratórios, exposições de trabalhos dos alunos, corpo docente e diretores, excursões escolares, festas, atividades de jardinagem e horta escolar, entre outros.

O Quadro 3 apresenta dados quantitativos referentes à presença de fotografias na *Revista do Ensino*. Na segunda coluna – total de fotografias publicadas – são apresentados os números que quantificam o universo de todas as fotografias reproduzidas no impresso, por cada ano do período analisado.⁵⁹ A terceira coluna – fotografias sobre práticas corporais – apresenta o quantitativo de fotografias referentes às práticas corporais relacionadas com a Educação Física.

⁵⁹ Estes dados totais foram obtidos a partir da tese de Maurilane Biccas (2001), p. 286-298.

QUADRO 3

Fotografias sobre Práticas Corporais na *Revista do Ensino*: 1925-1940

Ano	Total de fotografias publicadas	Fotografias sobre práticas corporais
1925	76	10
1926	117	12
1927	103	13
1928	40	-
1929	12	-
1930	-	-
1931	11	11
1932	36	-
1933	27	-
1934	45	1
1935	132	12
1936	92	17
1937	21	2
1938	37	3
1939	9	2
1940	11	1
Total	769	84

Os anos de 1925 a 1927 compreendem um período de intensa veiculação de fotografias, abordando diversos temas e, no caso da Educação Física, foi um dos períodos em que também esteve fortemente contemplada.

No período de 1928 a 1934, as fotografias tiveram uma presença tímida na *Revista*, sendo que, no ano de 1930, nenhuma foi veiculada, e em 1931 todas as 11 fotografias referiam-se a temáticas relacionadas à Educação Física.⁶⁰ A partir de 1932, as fotografias voltaram a ser exibidas contemplando outras temáticas. As inserções cresceram gradualmente até 1935, com 132 fotografias, sendo 12 destas sobre práticas corporais. Este tema teve sua

⁶⁰ Tratam-se de fotografias publicadas compondo dois artigos. O primeiro, intitulado “Ginastica historiada” (REVISTA DO ENSINO, n. 56,57,58, abr./mai./jun. 1931, p. 151-153) apresentou 4 fotografias, e o segundo, com o título “Praticabilidade de uma ginastica eletiva nos Grupos Escolares” apresentou 7 fotografias. (REVISTA DO ENSINO, n. 59/60/61, 1931, p. 67-73)

maior proporção de publicações no ano seguinte, em 1936, com 17 reproduções de um total de 92.

Segundo Maurilane Biccás, os anos de 1926 e 1935 destacam-se por terem veiculado o maior número de fotografias, quando comparados aos outros anos, possivelmente por terem sido períodos de transição de governos e introdução de novas diretrizes educacionais.⁶¹ Em 1926 encerrou-se o governo de Fernando Mello Vianna e começou o governo de Antônio Carlos⁶² e seu Secretário do Interior, Francisco Campos⁶³. Nesse período de transição, foram publicados oito números seguindo a mesma proposta editorial do período anterior. De acordo com a autora, em 1935 houve uma reestruturação no sistema de ensino do Estado, com a implantação da Secretaria de Educação e Saúde Pública, em substituição à Inspetoria de Instrução Pública. Uma maneira de dar visibilidade às mudanças foi por meio das fotografias. De 1936 até 1940, a utilização deste recurso decresceu no projeto editorial da *Revista*. O detalhamento destes dados podem ser observados no Anexo C deste trabalho, onde são apresentadas as legendas de todas as fotografias sobre Educação Física, ano, número e página das reproduções.

Todo este volume de publicações sobre a Educação Física e seus temas afins, constitui-se como fonte para que este estudo pudesse investigar a centralidade que essa disciplina escolar teve na *Revista do Ensino*, ao longo de todo o seu primeiro ciclo de publicação, de 1925 a 1940. Diante disso, afirmo o recorte temporal deste trabalho, seguindo uma particularidade editorial da *Revista do Ensino*, ou seja, com início das análises no primeiro número do impresso, lançado em março de 1925, encerrando junto com a sua primeira interrupção de longa duração, em junho de 1940, com os números 174/175.

⁶¹ Cf. Maurilane Biccás, 2001.

⁶² Conforme Maurilane Biccás (2001), Antônio Carlos de Andrada nasceu em Barbacena em 05.09.1870 e morreu em 01.01.1946. Foi promotor, magistrado e professor. Na política, foi filiado ao PRM e ao PCC e considerado um dos principais responsáveis pela Revolução de 30. Como presidente de Minas Gerais investiu na reforma da instrução primária e normal.

⁶³ Conforme Maria Prates (1989), Francisco Luís da Silva Campos nasceu em Dolores do Indaiá em 18.11.1891. Por parentesco ligava-se a numerosas famílias influentes na vida econômica, política e social do Estado. Estudou por dois anos no Instituto de Ciências e Letras de São Paulo; fez o curso secundário em Sabará e Ouro Preto. Em 1910 ingressou na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, diplomando-se em 1914, quando se estabeleceu em Belo Horizonte como advogado. Em 1918 foi chamado a lecionar na Faculdade de Direito. Famoso por sua inteligência, membro da nova geração oligárquica imbuída do espírito de modernização, ingressou na política pela mão de Raul Soares, como deputado estadual pelo PRM. Foi deputado estadual; deputado federal; Secretário do Interior; ministro da Educação (1930/1932), preocupando-se essencialmente com o ensino superior e secundário; Consultor-Geral da República (1933/1937); Ministro da Justiça (1937/1941), quando redigiu a Carta de 1937, que instaurou o Estado Novo.

1.3 Uma história da Educação Física pelo impresso

Na historiografia da Educação Física brasileira, diversos trabalhos têm contribuído para a compreensão do processo de engendramento e enraizamento da Educação Física na escola, centrados na temática de forma direta ou indireta. Dentre estes, destaco algumas teses de doutoramento, como a de Fernanda Paiva⁶⁴ e Carlos Fernando da Cunha Júnior⁶⁵, que se ocuparam do século XIX, os trabalhos de Tarcísio Vago⁶⁶ e Meily Linhales⁶⁷, que estiveram centrados, respectivamente, no primeiro e segundo quartéis do século XX, e o estudo de Marcus Taborda de Oliveira⁶⁸ relativo às décadas de 1960 a 1980.

Sobre este processo de constituição da Educação Física como um componente curricular, Meily Linhales argumenta sobre as várias “educações físicas” que foram produzidas e legitimadas desde o século XIX. A educação física como um sentido ampliado, relativo a uma educação higiênica; ou como prescrição de métodos e de exercícios corporais, bem representados pelos *exercícios gymnasticos*; ou como um componente curricular, legitimada como uma atividade tipicamente escolar. A autora destaca, ainda, a necessidade de não considerarmos estes movimentos aprisionados a uma cronologia linear e uniforme. Todo este processo é dotado de mutações de sentidos e de significados, e carrega também, em seu percurso, muitas permanências.⁶⁹ Com isso, remeto à alteração no sentido do termo “educação physica”, que ocorreu paulatinamente durante a década de 1920. Até este momento, tal denominação possuía um sentido amplo, vinculado ao discurso da “hygiene”⁷⁰ e também baseada no pensamento de Herbert Spencer, em que a educação integral seria apoiada em três pilares: a “educação intellectual, moral e physica”⁷¹. Assim, essa “educação physica” englobou não só a “gymnastica”, os “exercícios físicos” e as “evoluções militares” como também abarcou a organização dos tempos e espaços escolares, a distribuição da luz, a boa ventilação do ambiente, a disposição e o formato do mobiliário, o número de alunos por

⁶⁴ Cf. Fernanda Paiva, 2003.

⁶⁵ Cf. Carlos Cunha Júnior, 2002.

⁶⁶ Cf. Tarcísio Vago, 1999.

⁶⁷ Cf. Meily Linhales, 2006.

⁶⁸ Cf. Marcus Taborda de Oliveira, 2003a.

⁶⁹ Cf. Meily Linhales, 2006.

⁷⁰ José Gonçalves Gondra (2004) define “hygiene” como sendo um ramo da medicina dedicado à prevenção dos problemas sociais.

⁷¹ No Brasil diversos trabalhos abordam esta noção, também conhecida como tríade *spenceriana*. Dentre estes trabalhos destaco a análise apresentada por Tarcísio Vago (2002).

turma, as refeições, os recreios, enfim, todos os hábitos saudáveis que garantiriam o pleno “desenvolvimento physico” dos alunos.

Considerando-se que a “educação física” abordada aqui compreende uma atividade de ensino propriamente escolar, torna-se de grande importância, em Minas Gerais, o momento histórico em que teve início a circulação da *Revista do Ensino*. Conforme Tarcísio Vago, as indicações são de que a primeira vez que o termo “Educação Physica” foi utilizado com um sentido restrito, para definir uma disciplina específica, no programa de ensino mineiro, ocorreu com o Decreto n. 6831, de 20 de março de 1925, que regulamentava o ensino nas escolas normais no Estado, baixado pelo presidente Fernando Mello Vianna.⁷² Das treze disciplinas existentes neste regulamento, uma era justamente chamada “Educação Physica”, e não mais “Gymnastica” ou “Exercícios Physicos”.

Neste contexto, Tarcísio Vago argumenta que a primeira iniciativa de formação específica do professorado em Educação Física, no Estado de Minas Gerais, foi a criação do “Curso Intensivo de Educação Física”, promovido pela Inspeção de Educação Física.⁷³ Tal Inspeção foi criada pelo Decreto n. 7970-A, de 15 de outubro de 1927, assinado pelo Presidente Antônio Carlos e seu Secretário do Interior, Francisco Campos, após o “I Congresso de Instrução Primária de Minas Gerais”, em maio de 1927, apenas um mês antes da reforma do ensino primário, conhecida como “Reforma Francisco Campos”⁷⁴. Já neste Decreto, que a institui, prevê-se como uma de suas atribuições “ministrar na Capital um curso especial para formação e aperfeiçoamento do pessoal docente destinado ao ensino de ‘educação physica’”⁷⁵.

Ainda na conclusão de sua tese de doutorado, Tarcísio Vago fez algumas indicações a respeito do que chamou de “reconfiguração do primado orientador da ginástica”, a qual teria ocorrido a partir da década de 1920, em Minas Gerais, com as reformas do ensino primário⁷⁶ – especialmente a realizada em 1927, a “Reforma Francisco Campos”, que incorporava os preceitos do movimento da *Escola Nova*. Segundo o autor, esse momento parece ter produzido novas exigências para a prática escolar da ginástica – já em processo de transição para a denominação Educação Física.

⁷² Cf. Tarcísio Vago, 2002, p. 351-352.

⁷³ Cf. Tarcísio Vago, 2004b.

⁷⁴ Em referência ao nome do Secretário do Interior, que liderou a sua implementação, Francisco Luís da Silva Campos.

⁷⁵ Cf. MINAS GERAIS, 1928, art. 94.

⁷⁶ Cf. Tarcísio Vago, 1999.

Marta Carvalho apresenta argumentos para compreender os discursos educacionais que, no Brasil, a partir do final do século XIX e nas primeiras quatro décadas do século XX, procuraram “[...] legitimar-se enquanto saber pedagógico de tipo *novo, moderno, experimental e científico*”⁷⁷. Neste sentido, “[...] trabalha com duas metáforas da disciplina – disciplina como ortopedia e disciplina como eficiência”⁷⁸. De acordo com a autora, a partir da década de 1920, é possível perceber uma sutil mudança no discurso pedagógico no Brasil. Aquele que vinha se auto-afirmando desde o final do século XIX como moderno, experimental e científico, com suas preocupações voltadas para a ortopedia como arte da correção da deformação, toma um novo caminho. As novas práticas defendidas pela pedagogia da *Escola Nova*, para Marta Carvalho, entram em cena redefinindo princípios, objetivos e livrando-se dos limites postos pelo cientificismo e apresentando-se otimistas em relação ao poder da educação. Esta nova aceção, segundo a autora, apostava

[...] no poder disciplinador do processo que essa “nova compreensão” entevia embutido no processo de racionalização das relações sociais sob o modelo da fábrica. A regra que organizava as novas práticas pedagógicas não deriva mais, senão mediatizadamente, da ciência. Ele é metáfora dos ritmos impostos aos corpos e às mentes pela vida moderna, império da indústria e da técnica.⁷⁹

Deste modo, Marta Carvalho pondera que a pedagogia, particularmente após a Primeira Guerra Mundial, “deixava-se impregnar pelos novos ritmos da sociedade e do maquinismo”, passando a produzir além desses novos ritmos, também novas sensibilidades, os quais

[...] faziam entrever modalidades inéditas de intervenção disciplinar. Assim, por exemplo, caberia ao professor “guiar” a “liberdade” do aluno de modo a garantir que o “máximo de frutos” fosse “obtido com um mínimo de tempo e esforço perdido”.⁸⁰

⁷⁷ Cf. Marta Carvalho, 1997, p. 269.

⁷⁸ Cf. Marta Carvalho, 1997, p. 269.

⁷⁹ Cf. Marta Carvalho, 1997, p. 280.

⁸⁰ Cf. Marta Carvalho, 1997, p. 285.

O resultado deste movimento é que a eficiência passa a ser um primado orientador para a escola. Com efeito, Tarcísio Vago⁸¹ amplia que não seria diferente para a ginástica, a qual migraria de uma preocupação com a “correção, o endireitamento e a constituição dos corpos”, para uma preocupação com a eficiência dos gestos, aliada aos pressupostos da “vida moderna”⁸².

Esse movimento de “reconfiguração do primado orientador da ginástica” – agora, Educação Física – toma uma dimensão importante neste estudo, no intuito de apreender se na *Revista do Ensino* são encontrados elementos que evidenciam essa reconfiguração, ou se direcionam para um outro movimento, por exemplo, o da coexistência dos dois primados – correção e eficiência – ao longo da década de 1920 e 1930, sobretudo com a inserção do esporte como conteúdo escolar⁸³.

A escrita deste trabalho foi organizada a partir de elementos que ajudam a enfrentar as principais perguntas sobre as contribuições da *Revista do Ensino* para a organização do ensino de Educação Física em Minas Gerais. Procurei desenvolvê-la orientando-me também pela proposição apresentada por Luciano Faria Filho aos estudos relativos à escolarização, cujo sentido, abordado neste trabalho, compreende “o processo e a paulatina produção de referências sociais tendo a escola, ou a forma escolar de socialização e transmissão de conhecimentos, como eixo articulador de seus sentidos e significados”⁸⁴. Destaco o que o autor denominou de “elementos-chave que compõem o fenômeno educativo”, que inclui os *sujeitos* envolvidos no processo educativo, os *conhecimentos* e as *práticas escolares*, os *tempos* e os *espaços escolares*. Apesar de a proposição desses “elementos-chave”, bem como a noção de escolarização, terem sido elaboradas prioritariamente para o estudo da cultura escolar⁸⁵ e de sua materialidade nas práticas cotidianas, utilizo-as neste trabalho considerando a *Revista do Ensino* como um lugar de produção e circulação de prescrições que giraram em torno destes “elementos-chave”, e que, contribuiu para o processo de escolarização em Minas Gerais.

⁸¹ Cf. Tarcísio Vago, 2002.

⁸² Sobre este assunto, destaco também o trabalho de Omar Schneider (2004), elaborado a partir do desenvolvimento de sua dissertação de mestrado – Omar Schneider (2003).

⁸³ Sobre este assunto ver o trabalho de Meily Linhales (2006), que aborda as relações estabelecidas entre o esporte e a educação escolar, a partir das práticas discursivas e institucionais produzidas pela Associação Brasileira de Educação (ABE), nas décadas de 1920 e 1930.

⁸⁴ Cf. Luciano Faria Filho, 2002, p. 16.

⁸⁵ Dominique Julia define *cultura escolar* como “um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (Julia, 2001, p. 10; grifos do autor).

Deste modo, adquirem relevo neste trabalho, prioritariamente, os “elementos-chave” *sujeitos, conhecimentos e práticas escolares*, por serem representativos do movimento empreendido pela *Revista*, de afirmação da Educação Física uma disciplina escolar em Minas Gerais.

O estudo sobre os *sujeitos* envolvidos no processo educativo toma corpo neste estudo tendo a *Revista do Ensino* como o lugar de divulgação das ações e expectativas sobre a atuação dos mesmos. São considerados *sujeitos*, os professores colaboradores da *Revista*, quando expressam em suas páginas os relatos de suas experiências e suas impressões, e também os demais protagonistas do período – educadores, legisladores, políticos, médicos, dentre outros - que são autorizados pelos editores do impresso a escrever sobre os rumos que deveria tomar a Educação Física nas escolas do Estado. Em um outro sentido, também são investigadas as expectativas destes protagonistas, com relação à atuação e conformação dos *sujeitos*, alunos e professores, nas suas relações com a Educação Física, ou seja, como deveria agir o professor dessa disciplina na sua intervenção com os alunos, e quais as qualidades consideradas atributos fundamentais para a sua atuação docente. E, por fim, os alunos, as crianças e, conseqüentemente, a população, destinos finais das referidas prescrições. A intenção é apreender que *sujeitos* eram esperados com a prática da Educação Física nas escolas.

Compreender como determinados *conhecimentos* e prescrições de *práticas escolares* estiveram presentes nas páginas da *Revista do Ensino* permite estabelecer uma relação com a construção do currículo da disciplina Educação Física nas escolas de Minas Gerais. Assim, explícito e analiso as indicações de práticas dessa disciplina, que foram pensadas, produzidas e reproduzidas pelos colaboradores e editores da *Revista*. Incluo também na análise o inquérito sobre como e porquê determinados conhecimentos de práticas corporais foram pretendidos para serem escolarizados no âmbito da Educação Física escolar, em momentos determinados.

Através das articulações e análises possíveis a partir desses “elementos-chave” do fenômeno educativo, considero que as prescrições de práticas, métodos, condutas e normas, que foram veiculadas na *Revista do Ensino*, contribuíram para a constituição de uma cultura escolar de Educação Física. Afirmo isto, pois tinham como destino prioritário os professores, sujeitos escolares encarregados em transmitir determinados conhecimentos e inculcar determinadas condutas. Nesta definição, a própria *Revista* se caracterizou como uma prática de transmissão de conhecimentos, que contribuiu para a conformação das diversas culturas escolares.

Na constituição de uma disciplina escolar, Chervel defende que seja considerada a *gênese* da disciplina (no nosso caso, como o governo mineiro começa, através da *Revista do Ensino*, a agir para produzir a disciplina Educação Física), as suas *finalidades* (quais as idéias e modelos circulavam sobre ela, e sob os interesses e expectativas de que setores da sociedade), o seu *funcionamento* (como a Educação Física deveria funcionar) e a *aculturação* (como se esperava que tal disciplina imprimisse uma determinada cultura nos hábitos dos sujeitos que seriam alvo dessas prescrições, os seja, os alunos).⁸⁶ Assim, investigo o que estou chamando de um projeto de Educação Física, que foi empreendido pela *Revista do Ensino*, pela análise da produção e circulação de prescrições de práticas e representações desta disciplina.

⁸⁶ Destaco aqui as proposições de André Chervel (1990) sobre o que o autor chama de “economia interna” de uma *disciplina escolar*. No Brasil, diversos historiadores da educação têm dedicado suas pesquisas e desenvolvido suas análises sobre o tema da História das Disciplinas Escolares, mobilizando as fontes mais variadas, desde relatórios, programas escolares, livros didáticos, ou impressos pedagógicos. Dentre estes destacamos: Bittencourt (1993, 2003); Vago (1999, 2003); Taborda de Oliveira (2003a, 2003b), dentre outros. A motivação pelo crescimento deste campo, dentro da área maior da História da Educação, vincula-se principalmente a uma busca pela compreensão de como determinados saberes se tornaram propriamente escolares.

CAPÍTULO 2

OS SUJEITOS E A EDUCAÇÃO FÍSICA NA *REVISTA DO ENSINO*

Ao apresentar proposições para a disciplina Educação Física, a *Revista do Ensino* produziu e fez circular representações dos sujeitos escolares, especialmente professores e alunos. Tais representações foram produzidas acerca das relações destes sujeitos com essa disciplina escolar. Para os professores, a *Revista* apresentou expectativas de atuação e divulgou os movimentos de formação e produção de um professor específico para a Educação Física. No caso dos alunos, foram divulgadas proposições a respeito de quem seriam os sujeitos esperados com a prática desta disciplina escolar. Neste sentido, a *Revista do Ensino* produziu representações sobre estes sujeitos, principalmente, nos primeiros anos de sua circulação.

A *Revista* também mobilizou diversos sujeitos – autorizando-os a escreverem em suas páginas – seja convidando os professores a enviar suas colaborações, seja publicando traduções de artigos estrangeiros, ou transcrições de conferências e reuniões realizadas em escolas. A *Revista do Ensino* deu voz aos discursos que seriam autorizados, repercutindo também um movimento de confrontos, afirmações e reconfigurações destes discursos.

2.1 O Professor e a Educação Física: sua formação e expectativas de atuação

No momento em que teve início a circulação da *Revista do Ensino*, não existiam cursos de formação específicos na área de Educação Física em Minas Gerais. Dentre outros motivos, porque, até a década de 1920, a preocupação com uma “educação physica”, em articulação com uma “educação intelectual” e “moral”, era objeto de várias cadeiras do ensino, estando presente em diversas práticas escolares. A formação dos professores era, então, realizada pelas escolas normais, que incluía em seus cursos uma preparação para o ensino de Educação Física.

Fortemente atrelada ao discurso da “higiene”, a “educação physica”, em um sentido ampliado, se materializaria além da prática da “Gymnastica”. Tarcísio Vago argumenta sobre

a paulatina transição no significado do termo “educação physica” ao longo da década de 1920:

[...] o movimento parece ter sido o de atribuir a uma disciplina específica do programa a responsabilidade por realizá-la, a ponto de assumir tal designação, que vai perdendo seu sentido alargado, como antes, e assumindo um sentido restrito. Isso indicia a consolidação de um campo disciplinar específico para uma tarefa específica, que requer professores específicos, práticas específicas, demandas das décadas anteriores que marcaram o enraizamento escolar da Ginástica (Educação Física), em Minas Gerais, especialmente a partir da segunda metade da década de 20.¹

Neste sentido, a partir dessa especialização dos conhecimentos e das práticas da “educação physica” em uma única disciplina escolar, surgiu a necessidade de formação de um professorado também especializado, que assumisse a responsabilidade por essa disciplina. A *Revista do Ensino* possibilita apreender os caminhos e os descaminhos deste movimento.

Em seu primeiro ano de circulação, já apresentou indicações do propósito de contribuir para a formação desses professores, como no artigo intitulado “Technica sobre Educação Physica”², de setembro 1925, em uma parte denominada “O Professor”:

[...] Seria o ideal conseguirmos em cada escola um professor especializado para a pratica da “cultura physica”. Devido ao grande numero de escolas existentes em nosso Estado, essa idéa, porém, torna-se irrealizavel. Em compensação, é o professorado bastante dedicado, inteligente e apprehendedor, para que o mestre se transforme em um verdadeiro cultor do desenvolvimento physico dos pequeninos que lhe são confiados.

Com isso, o artigo, em meio a elogios, lançou a responsabilidade pelo ensino do que foi chamado de “cultura physica”³ aos professores que naquele momento estavam nas escolas, que deveriam aprender o que seria esta disciplina, e aplicá-la. Este artigo foi fruto de um relatório apresentado ao Secretário do Interior, Sandoval Azevedo, por professoras de Grupos Escolares da capital, após uma viagem comissionada ao Rio de Janeiro, onde, por solicitação do próprio Secretário do Interior, realizaram um estágio em escolas primárias, “com fitos de

¹ Cf. Tarcísio Vago, 2002, p. 351.

² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 184.

³ Apesar de o artigo anunciar que trataria de “Technica sobre Educação Physica”, na redação do mesmo a atividade escolar em questão foi chamada tanto de “educação physica” quanto de “cultura physica”.

adquirir conhecimentos sobre a educação física”⁴. Esta finalidade, declarada no artigo, indica que o governo mineiro pretendia ampliar os conhecimentos de seu professorado sobre Educação Física, daí a necessidade de um estágio no Rio de Janeiro para que, posteriormente, estes conhecimentos adquiridos fossem repassados aos demais professores. A estratégia utilizada para isso foi a *Revista do Ensino*, dado que até este momento, como referido, não existiam cursos específicos para formação em Educação Física. Posteriormente, trechos inteiros deste relatório foram fielmente reproduzidos no texto da “Reforma Francisco Campos”, em 1927, na parte do programa que tratava dos chamados “Exercícios Physicos”⁵.

A partir deste momento a *Revista do Ensino* iniciou o que estou chamando de um projeto de escolarização da Educação Física em Minas Gerais, fazendo chegar até os professores os conhecimentos que tornariam possíveis suas intervenções. Este movimento ocorreu em harmonia com o ordenamento legal, dado que o regulamento das escolas normais, de 1925, previa a “educação physica” como uma das disciplinas oferecidas por estas instituições de formação de professores.⁶ Além disso, estaria previsto também uma professora própria: “A educação physica ficará a cargo da professora dessa disciplina no curso normal, de accôrdo com o horario que for estabelecido, [...]”.

Neste sentido, o programa do ensino primário⁷ também trazia indicações em defesa da presença dos chamados “exercícios physicos” nas escolas:

A escola, que emprega todos os meios para o desenvolvimento intellectual do alumno, não póde descuidar do seu desenvolvimento physico. [...] Não se deve, pois, cuidar da educação intellectual e moral, descuidando da educação physica. [...] ⁸

E mais que isso, propôs o tipo de atuação do professor para cuidar do “desenvolvimento physico” dos alunos: “O professor cuidará do desenvolvimento physico do alumno a todo instante: em classe, no recreio, ao entrar e ao sair da escola [...]”⁹. É considerável notar que, na parte do programa referente aos “exercícios physicos”, o decreto

⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 184.

⁵ Cf. Decreto 8094, de 22/12/1927, p. 1737.

⁶ O decreto 6831, de 20/03/1925, p. 168, apresenta: “o curso fundamental das escolas normaes será dividido em dous annos, e constará das seguintes materias: portuguez, arithmetica pratica, rudimentos de francez e de geographia geral, elementos de chorographia e de historia do Brasil, desenho, calligraphia, trabalhos manuaes, canto coral e educação physica.”

⁷ Cf. Decreto 6758, de 01/01/1925.

⁸ Cf. Decreto 6758, de 01/01/1925, p. 23.

⁹ Cf. Decreto 6758, de 01/01/1925, p. 24.

amplia a responsabilidade do professor de “cuidar” do “desenvolvimento physico” dos alunos também em outros momentos, que não apenas durante esta parte da atividade escolar. O programa do ensino demonstra um sentido ampliado do que estava sendo chamado de “educação physica”. É possível perceber este sentido, pois esta expressão foi utilizada na parte do programa dedicada aos “exercícios physicos” como sendo a conjugação destes com a “Hygiene”: “Os exercícios physicos estão intimamente ligados á Hygiene, constituindo esta e aquelles toda a educação physica.”¹⁰. Apesar de a “educação physica” aparecer no decreto com um sentido alargado e de a disciplina em questão ser ainda chamada de “exercícios physicos”, é importante perceber a centralidade do papel do professor no discurso legal.

Com a pretensão de organizar o ensino de Educação Física nas escolas, o governo de Minas Gerais fez circular na *Revista do Ensino* prescrições destinadas à atuação dos professores que seriam responsáveis por essa disciplina. O argumento de que a *Revista* veio desenhando um projeto de Educação Física, ao longo dos anos de sua circulação, suscita algumas questões, por exemplo: Em que medida o impresso contribuiu para a afirmação dessa disciplina na escola? Será que este projeto somente se tornaria possível com os professores no centro deste investimento? Seriam eles os responsáveis por materializar as proposições do governo no âmbito escolar? Neste sentido, que professor de Educação Física a *Revista* pretendia modelar?

Em 1926, após Fernando Mello Vianna ter deixado a presidência do Estado e ter assumido o cargo Antônio Carlos de Andrada, a *Revista do Ensino* publicou, no primeiro número dessa nova gestão, uma primeira chamada para o “Congresso de Ensino Primario”¹¹, como preparação para a reforma do ensino primário e normal de 1927. Nesta publicação foram apresentadas as comissões de trabalho, designadas por Francisco Campos para a elaboração e organização das “theses” que seriam discutidas por estes grupos durante o congresso. As comissões eram constituídas por professores, inspetores escolares e outros sujeitos considerados de “notoria competencia na materia”¹². Um dos argumentos em circulação era o de que o “Governo de Minas, auctorizado pelo Congresso do Estado a reformar o ensino, quer auscultar a opinião, pelos seus órgãos mais legitimos e mais esclarecidos.”¹³

Uma, dentre as onze comissões constituídas, foi chamada de comissão de “Hygiene Escolar e Educação Physica”, composta por professores e médicos. Três professoras

¹⁰ Cf. Decreto 6758, de 01/01/1925, p. 23.

¹¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 18, out. 1926, p. 346.

¹² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 18, out. 1926, p. 346.

¹³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 18, out. 1926, p. 346.

comporiam a comissão: Anna Luiza de Araujo, Marietta Brochado e Guiomar Meirelles.¹⁴ Quatro foram os médicos anunciados para compor essa equipe: Dr. Lucas Monteiro Machado e Dr. Theophilo Santos, apresentados como médicos escolares da capital, e Dr. Abilio de Castro e Dr. Marques Lisboa. Além destes membros, também faria parte da comissão o professor de “Gymnastica e Educação Physica” do “Gymnasio Mineiro” da capital e líder escoteiro, Antonio Pereira da Silva¹⁵. A organização de uma comissão para tratar do assunto da Educação Física, no congresso que antecedeu a “Reforma do Ensino”, demonstra a intenção do governo Antônio Carlos em dar visibilidade ao tema, no contexto do ensino escolar de Minas Gerais. Tal forma de organização dos sujeitos compôs o desenho da “Reforma Francisco Campos”, que foi de decisiva relevância para a afirmação dessa disciplina escolar no Estado.

Importante destacar ainda, o discurso veiculado na *Revista do Ensino* para justificar a mobilização desses sujeitos, convidados a pensar os rumos do ensino primário no Estado:

“Nada, pois, mais racional e mais justo do que ouvir aquelles que, pela sua experiência no paiz, pelo seu amor ao ensino, pelo seu patriotismo, digamos mesmo: pelo seu brio profissional estejam em condição de aconselhar as leis [...]. É de esperar, pois, que essa iniciativa seja tomada na devida conta, não somente pelo professorado, mas por todos que se interessam pelo ensino e estão nas condições de sobre elle suggerir algo de util.”¹⁶

Nestes termos, os professores não foram os únicos convidados e autorizados a “aconselhar as leis”. No que tange à comissão de “Hygiene Escolar e Educação Physica”, houve, particularmente, a presença de médicos que, com os conhecimentos de sua área profissional, opinariam sobre o desenvolvimento dessas duas questões no interior das escolas.

¹⁴ Tarcísio Vago (2002) apresenta de forma abreviada o percurso da professora Guiomar Meirelles, em sua relação com a Educação Física em Minas Gerais: “foi professora do 1º Grupo Escolar Barão do Rio Branco, do 2º Grupo Escolar Affonso Penna, da Escola Normal Modelo, da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico; [...] auxiliar da Inspeção de Educação Física de Minas Gerais; ministrante de cursos intensivos de Educação Física para professores no Estado de Minas Gerais; autora de livro (*Educação Física Infantil*, publicado em 1942, depois de classificado em primeiro lugar em concurso de trabalhos de Pedagogia Aplicada à Educação Física, promovido pelo então Ministério de Educação e Saúde, no ano de 1941). Destaca-se que foi professora participante do grupo fundador da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais, em 1952, a primeira a ser criada no Estado, acompanhando depois o processo de fusão dessa Escola com a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas, ocorrido em 1953, Essa fusão originou a Escola de Educação Física de Minas Gerais, federalizada em 1969, tornando-se a Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. D. Guiomar Meirelles atuou em todo esse período. Depois de aproximadamente sessenta anos de trabalho com educação e Educação Física, aposentou-se na década de 1970. Faleceu anos mais tarde.” (VAGO, 2002, p. 303.)

¹⁵ Sobre a atuação do professor Antônio Pereira da Silva, na capital mineira, em Educação Física, ver o trabalho de Aleluia Teixeira (2004). Sobre sua relação com o Movimento Escoteiro ver os trabalhos de Adalson Nascimento (2004a) e (2004b).

¹⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 18, out. 1926, p. 346.

A divulgação do congresso pela *Revista do Ensino* continuou sem interrupção em seus próximos quatro números¹⁷. O governo Antônio Carlos, com intensa atuação de seu Secretário do Interior, Francisco Campos, pretendia divulgar para todo o professorado mineiro as novas diretrizes educacionais, desde os primeiros momentos de sua elaboração. Seria fundamental, para o bom encaminhamento da reforma, que os professores compreendessem bem as bases das mudanças pedagógicas que iriam ser implantadas.

Assim, o número 22 da *Revista*, de agosto e setembro de 1927, divulgou as conclusões das “theses” debatidas pelas comissões durante o Congresso. Importante atermos um pouco às “theses” referentes à Educação Física, que compuseram as discussões na comissão de “Hygiene e Educação Physica”¹⁸. Nesta publicação, na comissão de “Hygiene e Educação Physica” apareceram alguns nomes diferentes dos anunciados no número 18, sem justificativa da *Revista* para esta alteração. Na nova composição são identificados três médicos, os Drs. Oswaldo Campos, Alberto Alvares e Magalhães Drummond. Compuseram a equipe também o Dr. Alexandre Drummond, identificado como escritor; José Augusto Lopes, diretor de escola; Julio de Oliveira, assistente técnico do ensino; e por último os únicos nomes que coincidiram com a publicação do número 18, que são D. Guiomar Meirelles, professora que se especializou em Educação Física e o Sr. Marques Lisboa, desta vez apresentado como professor.

Além dos debates sobre as práticas, tempos e espaços, que deveriam ser destinados à Educação Física, essa comissão indicou alguns encaminhamentos e soluções relativos à formação dos professores para esta disciplina.

Exemplo disso é observado nas conclusões da “These 5ª”, orientada pela seguinte pergunta: “Como introduzir na escola primaria a cultura physica necessaria á nossa gente?”¹⁹ O relator foi o professor Pereira da Silva, apresentando, dentre outras, a seguinte conclusão: “A educação physica deve ser parte integrante do programma das escolas publicas primarias.” A partir deste apontamento, a comissão preocupou-se em apresentar soluções a respeito de

¹⁷ O primeiro anúncio da realização do “I Congresso de Instrução Primaria de Minas Gerais”, na *Revista do Ensino*, foi feito no número 18, em outubro de 1926, divulgando os nomes que comporiam as comissões de trabalho. No número 19, de dezembro de 1926, são divulgadas as “theses” organizadas por cada comissão. Na sequência, o número 20, de abril de 1927, apresenta informações sobre a organização, incluindo a programação do congresso, e anunciando a data de instalação para 9 de maio de 1927, sendo encerrado no dia 14 de maio. O número 21, de maio e junho, foi uma edição especial, relatando toda a realização do evento. Finalmente, o número 22, de agosto e setembro de 1927, apresentou as conclusões referentes a cada uma das “theses” debatidas pelas comissões.

¹⁸ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 22, ago./set. 1927, p. 502.

¹⁹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 22, ago./set. 1927, p. 502.

quem ministraria essa parte do programa referente à Educação Física. A mesma “These 5ª” foi publicada na *Revista* ressaltando que:

O ensino será, nos grupos e jardins da infância, ministrado por professoras especialistas, e, em escolas isoladas, pela professora, que fará aprendizagem nos grupos. Haverá nas Escolas Normas um curso de especialização de “Educação Physica”. Actualmente, porém, deverá ser constituída uma comissão que, sujeita a um criterio unico, dirija a “Educação Physica”.²⁰

Estes apontamentos parecem ter deixado muitas dúvidas, até mesmo para os congressistas, o que pode ter levado à publicação, na sequência, de um substitutivo, um pouco mais detalhado:

Discordando das conclusões, o dr. Alexandre Drumond apresentou este substitutivo, que foi aprovado:

- a) educação physica deve ser parte integrante e não complementar do programma das escolas publicas primarias;
- b) deve ser disciplina obrigatoria e ministrada diariamente, por professores competentes, conhecedores do exercicio e seu mecanismo, capazes de realizal-os bem, entusiastas do ensino; [...]
- g) nomear professores especializados para a educação physica; [...]
- i) constituir uma comissão que, sujeita a um criterio unico, ministre a educação physica em aulas, que serão, depois, repetidas pelos professores que se encarregarem dessa disciplina.²¹

Desta forma, a comissão de “Hygiene e Educação Physica” aprovou possíveis soluções para a questão da efetiva implementação da Educação Física nas escolas do Estado. Tais soluções tiveram como elemento central a formação de professores específicos, “especializados”, “competentes”, para ministrarem a Educação Física.

Assim, o governo mineiro utilizou a legislação para moldar o fazer do seu professorado; no entanto, a força da lei não bastaria para se conformar este projeto. Pretendendo uma forma mais eficaz de efetivar estas mudanças, o governo lançou mão da *Revista do Ensino*, por ser um veículo de intensa circulação, e cuja pretensão era atingir os professores, dentro das escolas. Já no ano de 1925, a *Revista* publicava no artigo “Technica

²⁰ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 22, ago./set. 1927, p. 502.

²¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 22, ago./set. 1927, p. 502.

sobre Educação Physica”²², citado anteriormente, algumas expectativas de atuação do professorado mineiro:

O professor de cultura physica precisa de alguns requisitos, que são perfeitamente dispensaveis áquelles que se dedicam a outras disciplinas, taes como: agilidade, destreza, presença de espirito, bôa compleição e, sobretudo, bom humor. Esta ultima condição é imprescindivel e primordial; é necessario que o professor, sempre alegre e satisfeito, faça sentir aos discipulos que, durante os exercicios e jogos tambem está se divertindo.²³

A partir dessas representações de professor, podemos perceber algumas particularidades nas expectativas do governo mineiro, com relação à atuação destes sujeitos, responsáveis pelo ensino de Educação Física. O artigo, ao anunciar que eles precisariam de alguns atributos diferenciados dos professores das demais disciplinas, sugere algumas questões: Como conseguir destes sujeitos “agilidade, destreza, presença de espirito, bôa compleição” e “bom humor”? A *Revista do Ensino* não responde a essas questões, somente afirma que seriam atributos primordiais para estes professores. E ainda, por que tais características deveriam ser exclusivas dos professores de “cultura physica” (ou Educação Física)? É possível perceber nestas representações, produzidas para o seu exercício, uma idéia de que deveriam ser um modelo a ser seguido pelos alunos. Exemplo durante a execução das aulas, momento em que o professor deveria se mostrar alegre e satisfeito, na espera de que seus alunos executassem as atividades se divertindo. Em um outro sentido, poderia ser um modelo almejado pelos alunos para o futuro, relacionando características do professor como “agilidade”, “destreza” e “bôa compleição” com possíveis finalidades a serem alcançadas com esta prática escolar.

Os argumentos apresentados pela *Revista*, indicando representações do professor de Educação Física, sugerem também que se pretendia, além de produzir uma imagem, talvez promover critérios de distinção entre os mesmos. Não era anunciado quem poderia ser ou não professor de Educação Física, mas era prescrito como deveria ser este professor. Assim, é possível especular que, a partir destes requisitos, esperava-se que determinados professores se candidatassem ou fossem indicados por seus colegas a assumir a responsabilidade pelo ensino de Educação Física.

²² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 184.

²³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 186.

Um outro indicativo de que a pretensão de um professor modelo esteve presente nas proposições para a Educação Física, feitas pela *Revista do Ensino*, aparece em outra parte deste mesmo artigo, nomeada “Como deve ser dada a aula”:

[...] Os exercícios de gymnastica deve o alumno fazel-os por imitação, procurando se egualar na sua execução ao mestre que, nesse momento, nada mais é que um companheiro mais adestrado, a que estão sujeitas a ordem e a disciplina dos demais.²⁴

Esta representação de professor está presente em outros números da *Revista do Ensino*. Por exemplo, no artigo “Educação Physica – Marchas”²⁵, de dezembro de 1928, escrito por Renato Eloy de Andrade, Inspetor de Educação Física de Minas Gerais²⁶, e colaborador da *Revista do Ensino* entre os anos de 1928 e 1935. Nele, o autor apresentou orientações sobre o desenvolvimento das “marchas” que seriam realizadas nas aulas de Educação Física:

A professora deve: Ao dar a voz de commando ficar de frente para a classe, manter-se sempre em atitude correcta, e pelo seu modo de agir, servir de modelo á classe; - explicar os movimentos o mais resumidamente possivel e ao mesmo tempo executal-os.

Além de afirmar a idéia do professor como modelo para os alunos, este artigo também indica uma noção de ordem e disciplina que deveria prevalecer durante as aulas de Educação Física, partindo do professor para atingir os alunos.

Outra ocorrência marcante neste artigo diz respeito à forma como são mencionados os destinatários da prescrição, os professores, ou melhor, as professoras, pois são as mulheres

²⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 186.

²⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 28, dez. 1928, p. 29.

²⁶ De acordo com Giovanna Silva (2007), Renato Eloy de Andrade nasceu no Estado do Rio de Janeiro, em 8 de junho de 1895. Manteve vinculação com a Associação Cristã de Moços (ACM) e em 1915, como atleta, foi integrante do time vencedor do primeiro campeonato metropolitano de basquete, realizado no então Distrito Federal, e organizado pela ACM do Rio. Ocupou a direção do departamento físico da ACM no período aproximado de 1917 a 1920. Estudou em Chicago, no “The Young Men’s Christian Association College” e também se diplomou pelo Instituto Técnico da Associação Cristã de Moços. Nesse último caso, estudou dois anos no Rio de Janeiro e mais dois em Montevideú. Foi nomeado Inspetor de Educação Física em 26 de fevereiro de 1928, na recém criada Inspetoria de Educação Física de Minas Gerais, de 1927. Participou da VI Conferência Nacional de Educação, promovida pela Associação Brasileira de Educação e realizada no Ceará em 1934, na condição de relator da Seção de Educação Física e Recreação. Permaneceu na Inspetoria de Educação Física até seu declínio em 1937. Faleceu vítima de tuberculose em 1939.

que aparecem no texto. Esta particularidade na escrita de Renato Eloy de Andrade parece indicar a intenção do autor em atingir um público que ele conhecia bem. Não seriam quaisquer professores a serem mirados, mas sim as professoras, vindas das escolas normais. Importante também ressaltar que este foi um dos únicos colaboradores da *Revista do Ensino* a se referir às professoras, no feminino.

Em outra oportunidade, a *Revista do Ensino* publicou: “Qual parte deve caber á educação physica no ensino primario?” Esta foi a pergunta que a seção “Os nossos concursos”²⁷ fez aos professores no ano de 1930. Tratava-se de um concurso, promovido pela *Revista do Ensino*, e os professores do Estado foram convidados a enviar colaborações sobre temas pré-determinados, concorrendo a premiações para as duas melhores respostas, na consideração da *Revista*. Fica perceptível um movimento da *Revista* em tentar envolver os professores. Além de indicar como e o que deveria ser feito, o impresso utiliza como exemplo as contribuições de outros professores, que estivessem afinadas com o seu discurso. Deste modo, a *Revista* vai desenhando sua estratégia de formação dos sujeitos, ora dizendo para eles, ora os autorizando a dizer, como exemplo, aos demais professores.

Esse procedimento foi corroborado pelos dois textos premiados. O primeiro é de autoria de Elza Ferraz Koeler, “professora da 2ª cadeira districtal, mista, de Sant’Anna do Capivary, municipio de Pouso Alto”²⁸. Já o segundo é de autoria de Romeu Venturelli, diretor do Grupo Escolar do município de Cristina.

O texto apresentado pela professora Elza Koeler, além de representar o professor como modelo para os alunos, é uma reprodução fiel de parte do Programa do Ensino Primário²⁹, baixado na “Reforma Francisco Campos”, lançada três anos antes, em 1927.³⁰: “O professor de cultura physica precisa ter bôa saúde, energia, agilidade, dextreza, presença de espirito e bom humor. [...]”³¹. A professora, após reproduzir com veemência proposições de práticas e representações de Educação Física e de professor, encerra dizendo: “Eis como pratico em minha escola a educação physica primaria”³². Este anúncio vai perfeitamente ao encontro das proposições para a Educação Física feitas pela *Revista*.

²⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 47, jul. 1930, p. 64.

²⁸ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 47, jul. 1930, p. 65.

²⁹ Cf. Decreto 8094, de 22/12/1927, p. 1737.

³⁰ O texto da Reforma, por sua vez, incorporou partes do relatório da comissão de professores mineiros que foram ao Rio de Janeiro, publicado no artigo já citado, “Technica sobre Educação Physica”. Isto indica como os discursos estavam em circulação e sendo apropriados.

³¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 47, jul. 1930, p. 70.

³² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 47, jul. 1930, p. 71.

O segundo premiado, o diretor do Grupo Escolar de Cristina, Romeu Venturelli, é quem responde à pergunta desta vez, apresentando uma nova preocupação, mas atrelada à noção de professor como modelo para os alunos:

[...] Infelizmente a maior parte dos nossos professores ainda não compreenderam [sic] a elevada importancia dessa disciplina no desenvolvimento geral dos educandos. Sem lhes fazer compreender a estupenda finalidade desse ensino, nem ao menos dogmatizando, esses professores põem os alumnos a postos para os exercicios e os executam com a imitação destes. Mas uma imitação grotesca, imperfeitissima, voltando-se uns para a direita, outros, para a esquerda, ao mesmo tempo, perdendo-se alguns dos optimos fins do ensino, que são a promptidão do calculo e execução perfeita, educação da atenção, do espirito e dos principios de disciplina. [...] ³³.

A preocupação de Romeu Venturelli não era a de os exercícios serem realizados nas aulas de Educação Física como simples imitação da execução do professor, mas sim a de não serem uma imitação perfeita, o que, segundo ele, ocasionaria a perda de algumas finalidades do ensino. Se a imitação da execução do professor fosse bem realizada, não haveria problemas, pois o sucesso da atividade seria alcançado com a “execução perfeita”, com a “disciplina” e com a “educação da atenção” e do “espirito”.

A pergunta que originou tais contribuições – “Qual parte deve caber á educação physica no ensino primario?” – foi retomada no mesmo número, em outra seção, intitulada “A voz da pratica”³⁴, que apresentava o seu objetivo, em destaque, logo após o título: “Nesta secção serão acolhidos os trabalhos de collaboração do nosso professorado, bem como de outros funcionarios do ensino, desde que se coadunem com o programma da ‘Revista’”. O que os editores da *Revista do Ensino* estariam chamando de “programma da Revista”? É possível depreender que essa intenção iria além de uma “programação” do projeto editorial do impresso. Este “programma” parece evidenciar a estratégia utilizada pela *Revista*, de divulgar apenas os discursos que estivessem em harmonia com as intenções do governo de Minas. Nesta seção não seriam oferecidos prêmios, apenas a publicação do texto dos professores interessados em colaborar com a *Revista*, reafirmando a idéia de publicar relatos de práticas dos professores, como exemplo a ser seguido pelos demais.

³³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 47, jul. 1930, p. 88.

³⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 47, jul. 1930, p. 88.

Na construção de representações sobre professores de Educação Física, outros atributos foram anunciados nas páginas da *Revista do Ensino*, neste mesmo período. No ano de 1929, em mais um artigo escrito por Renato Eloy de Andrade, a expectativa de atuação do professor se faz presente em grande relevo. Intitulado “Educação Physica – Sua eficiencia e a professora”³⁵, o autor apresentou novamente um texto em que se refere às mulheres, na condição de professoras. Em uma parte denominada “Suggestões e Methodos” anunciou:

A attitude da professora em presença da classe deve ser insinuante e encorajadora, isto é, deve mover-se sem desalinho, dirigir-se á classe em voz clara , firme e em tom convincente. Deve evitar, o quanto possível, as demonstrações de impaciencia, sob pena de não alcançar a sympatia, o entusiasmo e a disciplina dos seus alumnos. [...] ³⁶.

O Inspetor de Educação Física investiu nas atitudes e posturas das professoras perante os alunos. Indicações como estas também reforçam o princípio da figura da professora como modelo para os alunos, explicitando uma preocupação, inclusive, com a forma dessa professora se mover e falar durante as aulas de Educação Física. Desta vez o requisito “bom humor” não foi citado, entretanto, são condenadas as “demonstrações de impaciencia”, que teriam influências negativas na conquista da simpatia, do entusiasmo e da disciplina dos alunos. Proposições como estas indicam uma pretensão de produzir uma professora cativante do interesse dos alunos.

Uma metodologia para as correções dos comportamentos dos alunos também foi fruto deste artigo:

[...] Não se deve, tambem, chamar de longe a atenção do alumno que erra, destacando-o, assim, como um réo, nem citar elogiosamente a habilidade de uns em detrimento de outros. Este processo, longe de favorecer a intenção do ensino, prejudica-o, contribuindo ainda para a incentivação de injustificaveis complexos de superioridade a uns, inferioridades a outros e consequente desrespeito entre collegas. [...] ³⁷.

É possível perceber neste trecho a influência da Psicologia nas proposições destinadas à atuação das professoras. Tratar os alunos de modos diferenciados, durante as aulas de

³⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 30, fev. 1929, p. 33.

³⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 30, fev. 1929, p. 35.

³⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 30, fev. 1929, p. 36.

Educação Física, comprometeria a “intenção do ensino”, causando efeitos negativos, o que por sua vez poderia causar desrespeito entre colegas. Essa influência da Psicologia nas questões de formação de professores é uma marca do ideário escolanovista, que teve forte influência na organização e nas publicações da *Revista do Ensino*³⁸. Rita de Cássia de Souza, que estudou os processos disciplinares neste mesmo impresso, argumenta:

Com o advento da Psicologia e outras ciências que davam suporte ao trabalho pedagógico, desconsiderar a criança passava a ser um erro inconcebível. Os professores, ou seja, aqueles que efetivamente realizavam o trabalho escolar, deveriam abandonar os métodos da Escola Antiga, ultrapassados e ineficientes, em favor dos métodos pedagógicos centrados no interesse e no trabalho do aluno. Esses novos métodos garantiam um ensino mais prazeroso, tanto para os alunos como para si próprio, e, principalmente, mais eficaz.³⁹

Deste modo, a *Revista do Ensino*, que acolheu e divulgou o ideário escolanovista, fazia questão de incluir em seu projeto de Educação Física questões relacionadas à Psicologia, especialmente quando o assunto era a metodologia a ser empregada pelos professores no trato com os alunos.

Em outro artigo, também do Inspetor de Educação Física, Renato Eloy de Andrade, publicado no mesmo ano de 1929 e intitulado “Educação Physica – Callisthenia”⁴⁰, foram apresentadas outras orientações às professoras. Ao tratar do método de ginástica em questão, o professor anuncia:

O seu principal problema refere-se à direcção, que deve ser energica e entusiastica. Faltando este elemento na professora, e sendo os exercicios ministrados qual “uma pilula, mais ou menos amarga”, os alumnos adquirem immediatamente um estado mental de defesa e antagonismo, perdendo-se, esta forma, o grande valor da coparticipação alegre e espontanea.⁴¹

Renato Eloy de Andrade representa a professora como a responsável direta por um eventual fracasso do interesse dos alunos pelas aulas de Educação Física. Mesmo sendo a centralidade do artigo a proposição de uma prática específica, no caso a calistenia, a

³⁸ Sobre este assunto ver: Rita Souza (2001), (2002).

³⁹ Cf. Rita Souza, 2002, p. 10.

⁴⁰ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 39, nov. 1929, p. 28.

⁴¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 39, nov. 1929, p. 29.

Psicologia é mobilizada estrategicamente para chamar a atenção do professor em sua responsabilidade perante os alunos.

Os discursos dos professores membros da Inspetoria de Educação Física pareciam estar muito bem articulados. No artigo “Educação Physica na escola primaria”, publicado na *Revista* quase seis anos depois, e assinado pela professora Diumira Campos de Paiva, que também atuava na Inspetoria de Educação Física, a influência da Psicologia também ganha relevo:

O professor de Educação Physica terá que ser um educador, de funções e responsabilidades definidas, aperfeiçoado nas sciencias que se prendem á sua profissão. [...] Antes de saber *como*, é preciso saber a *quem* se deve educar; é necessario conhecer as creanças, organizar criteriosamente o programma, que, por sua vez, deve ajustar-se a um systema gradual. A cultura de um professor de Educação Physica deve comprehender, pois, conhecimentos de physico-psychologia e de todas as sciencias que formam o substractum scientifico da pedagogia.

Assim, é possível perceber na argumentação da professora uma ampliação de expectativas sobre os professores de Educação Física. Além do domínio de conteúdos e métodos de ensino, eles deveriam conhecer “cientificamente” o seu aluno. Mais do que definir práticas a serem seguidas, a Escola Nova – e estrategicamente a *Revista do Ensino* – defendeu a idéia de trazer os alunos para o centro do processo educativo, para isso, como afirma Rita Souza, foi pensada uma pedagogia que estivesse fundamentada “no interesse e no trabalho do aluno”⁴².

Na perspectiva de formação do professorado, também foram recorrentes nas páginas da *Revista do Ensino* publicações que faziam menção à realização de diferentes cursos destinados a uma formação dos professores para ministrarem aulas de Educação Física. Esta formação ocorreu ora através de cursos de aperfeiçoamento gerais, em que a Educação Física seria um dos conhecimentos abordados, ora através de cursos intensivos específicos dessa disciplina.

A primeira referência a um curso com conteúdos relacionados à Educação Física, publicada na *Revista*, trata-se de um “Curso de Aperfeiçoamento” realizado na capital nos meses de junho a setembro de 1928. Publicada no número 26, de outubro de 1928⁴³, a matéria apresenta um relatório das aulas ministradas, acompanhado do discurso de instalação do

⁴² Cf. Rita Souza, 2002.

⁴³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 26, out. 1928, p. 79.

curso, proferido pelo Secretário do Interior, Francisco Campos, e também do discurso de encerramento das atividades, proferido pelo Inspetor Geral da Instrução, Mario Casasanta⁴⁴. Os discursos destes dois membros do governo Antônio Carlos expressam uma relação direta entre a realização deste curso e as ações decorrentes da Reforma de 1927. Como o próprio nome já sinalizava, este “Curso de Aperfeiçoamento” era destinado aos professores que já atuavam nas escolas de diversas regiões do Estado. O mesmo era composto por oito disciplinas⁴⁵, sendo uma dedicada à “Gymnastica”, coordenada pelos professores membros da Inspeção de Educação Física, Renato Eloy de Andrade e Guiomar Meirelles, ministrada em aulas diárias.

A realização deste curso de aperfeiçoamento na capital parece ter funcionado como uma preparação para a instalação da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, que se daria apenas seis meses depois, em 13 de março de 1929⁴⁶. Na composição do currículo desta nova Escola de Aperfeiçoamento estava presente uma disciplina neste momento intitulada “Educação Physica”, que teve novamente, e não por coincidência, os mesmos professores responsáveis, membros da Inspeção de Educação Física, como publicado na *Revista do Ensino* em setembro de 1929:

Cultura Physica – A parte relativa á Educação Physica foi confiada ao distinto professor Renato de Andrade, que fez tambem um largo tirocinio nos Estados Unidos⁴⁷ e que é um mestre completo na materia. Auxilia-o, nesta tarefa, distinta professora senhorinha Guiomar Meirelles, que se especializou no assumpto.⁴⁸

⁴⁴ Conforme Maurilane Biccas (2001), Mario Casasanta nasceu em Jaguari (Camanducaia) em 15.06.1898 e faleceu em 30.03.1963. Foi professor, escritor, advogado, político e acadêmico, ocupando vários cargos na administração pública. Destacou-se como o braço direito de Francisco Campos como Inspetor Geral da Instrução Pública no período da implantação e implementação da reforma do ensino primário e normal de 1927.

⁴⁵ As disciplinas que compunham o curso de aperfeiçoamento eram: Higiene Escolar, Psychologia educacional, Methodologia da Lingua Patria, Methodologia da Arithmetica, Historia da Pedagogia, Praticas Escolares, Testes e Gymnastica.

⁴⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 37, set. 1929, p. 62.

⁴⁷ Renato Eloy de Andrade viajou no ano de 1920 para a cidade de Chicago nos Estados Unidos, onde realizou um curso de Educação Física pela Associação Cristã de Moços, conforme veiculado na revista publicada por esta entidade, chamada revista *Mocidade*, de setembro de 1920, ano 21, n. 319.

⁴⁸ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 37, set. 1929, p. 65.

Neste artigo, assinado pelo então diretor da Escola de Aperfeiçoamento, Lucio José dos Santos⁴⁹, foi reafirmada a preocupação com a formação do professorado, existente desde o início da Reforma Francisco Campos, como uma centralidade para a solução do problema do ensino primário:

O primeiro elemento a levar em conta na solução do problema do ensino primario é o professor. [...] Quaesquer que sejam as reformas, qualquer que seja a sabedoria dos dirigentes, é bem certo que o ensino vale o que vale o professorado. Nem os regulamentos, nem os programmas, nem os manuais de ensino, nada, emfim, substitue o bom professor. Preparar o bom professor: tal é o ponto de partida de toda reforma.⁵⁰

A estratégia empreendida pelo governo Antônio Carlos ao criar a Escola de Aperfeiçoamento e nela inserir a disciplina de Educação Física, ministrada por dois professores que naquele momento já haviam se especializado nesta disciplina, confirma a preocupação deste governo em não deixar a Educação Física relegada a segundo plano. A *Revista do Ensino* passou a acompanhar e a divulgar também as ações e prescrições da disciplina de Educação Física da Escola de Aperfeiçoamento, bem como as do Curso Intensivo de Educação Física, que viria na sequência. Assim, recebeu a responsabilidade de ampliar a divulgação destes novos preceitos para todo o Estado, a partir de então qualificados por essas instituições. Ganhava força esta estratégia de formação de professores.

Sobre o Curso Intensivo de Educação Física, a primeira referência ao mesmo, publicada na *Revista*, ocorreu em julho de 1930, com o artigo intitulado “A Formação de Technicos”⁵¹. Novamente o governo levava para as páginas da *Revista* a centralidade que teria, para a efetiva implementação da Reforma do Ensino, uma reforma também dos professores: “Deante da onda das novas idéas, dos novos principios, dos novos processos, das novas technicas didacticas, que se recommendam nos regulamentos baixados, era indispensavel formar uma geração de professores na altura de os entender e de os applicar.” Imbuído dos preceitos da Escola Nova, o governo mineiro pretendia além disso professores “novos”. No caso da Educação Física, estes professores adviriam também dos cursos intensivos, que foram destinados tanto aos professores do ensino primário, quanto aos

⁴⁹ Conforme Maurilane Biccas (2001), Lucio José dos Santos era orador, autor, professor de ciência e jornalista. Esteve à frente da Diretoria de Instrução Pública no governo de Fernando Mello Vianna (1924-1926). No governo de Antonio Carlos e Francisco Campos foi diretor da Escola de Aperfeiçoamento, em 1929. Além disso, foi um dos grandes colaboradores da *Revista do Ensino* nos primeiros quinze anos de sua existência.

⁵⁰ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 37, set. 1929, p. 61.

⁵¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 47, jul. 1930, p. 8.

professores das escolas normais oficiais. No artigo em questão, foi anunciada a realização do Curso Intensivo de Educação Física, que teve a direção do professor e Inspetor de Educação Física, Renato Eloy de Andrade. Foram divulgados ainda os números que quantificavam o universo de professores que já haviam frequentado os cursos intensivos promovidos pelo Estado, nas diversas áreas. Até aquele momento, em quatro turmas, 205 professoras primárias já haviam participado do “curso especial de educação física”, e estariam aptas a assumir o ensino dessa disciplina em suas escolas. Cursavam, naquele momento, todas as 25 professoras de Educação Física das escolas normais oficiais do Estado. Estas informações possibilitam afirmar que interessava ao governo de Minas qualificar em Educação Física, diretamente os professores primários, como uma medida imediata, mas igualmente os formadores dos novos professores, que eram os professores das escolas normais. Tais medidas sinalizam que, de alguma forma, os encaminhamentos do Congresso do Ensino Primário, e também da Reforma do Ensino em seguida, no tocante à Educação Física, foram efetuados.

Este mesmo artigo trouxe ainda uma referência à Inspetoria de Educação Física como promotora desses cursos intensivos:

“Os serviços relativos à educação física estão affectos a uma Inspectoria. Como nenhum trabalho desse genero seria efficiente sem a especialização do professorado, as actividades do Inspector dirigem-se especialmente para a pratica de cursos intensivos, destinados ás professoras de todo o Estado, que terão a seu cargo o ensino dessa disciplina.”⁵²

Estratégias como estas indicam como o governo Antônio Carlos, em decorrência da Reforma de 1927, tentou arquitetar a efetiva presença da Educação Física nas escolas, com todas as possibilidades que estavam ao seu dispor. Para isso, criou uma Inspetoria de Educação Física, inseriu essa disciplina na recém criada Escola de Aperfeiçoamento, ofereceu cursos específicos na área, destinados aos níveis primário e normal, e divulgou os resultados e as prescrições destas iniciativas aos sujeitos da educação de todo o Estado, por meio da *Revista do Ensino*.

Um exemplo de como estas ações teriam se espalhado pelo Estado de Minas, e de como a *Revista do Ensino* deu visibilidade a estes feitos, pode ser observado no artigo “A Nova Pedagogia”, publicado no ano de 1931.⁵³ Tratava-se da transcrição de uma das “reuniões sociais” da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, em que suas alunas

⁵² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 47, jul. 1930, p. 26.

⁵³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 62,63,64, out./nov./dez. 1931, p. 146.

relatavam às colegas da Escola os resultados de suas atuações nos Grupos Escolares do interior, após regressarem dos mesmos. Durante a apresentação da professora/aluna Margarida Signorelli, sobre sua atuação no Grupo Escolar de Três Corações, em determinado momento surgiu uma pergunta da professora Guiomar Meirelles: “A nobre conferencista, que declara ter tido o concurso de todas as professoras do grupo de Tres-Corações, não encontrou ali nenhuma dificuldade?”. Assim respondeu a professora Signorelli:

A dificuldade que eu encontrei foi a de não encontrar uma professora de ginastica, de maneira que tenho de atender a todas as professoras quando solicitam o meu concurso. A todo momento, uma dirige-se a mim:

- D. Margarida, vem fazer uma serie de ginastica.

Todas me chamam, e eu tenho que atendê-las. As crianças é que ficam entusiasmadas, tanto que á hora do recreio fico surpreendida de ver meninas organizarem classes de ginastica e dirigirem os exercicios, dizendo:

- Façam direito; a mão deve ser virada para cima, etc.⁵⁴

Ao publicar a transcrição deste diálogo, a *Revista do Ensino* explicitou a importância da formação ofertada pela Escola de Aperfeiçoamento para as professoras de escolas do interior, especialmente com relação à Educação Física. Além disso, exibiu o entusiasmo com o qual as crianças estariam recebendo as aulas dessa disciplina, talvez com a intenção de expor para o professorado de todo o Estado como as crianças tenderiam a aceitar bem as aulas de Educação Física.

Continuando o diálogo, a professora Guiomar Meirelles perguntou: “Não ha professoras especializadas?”, ao que respondeu a professora Signorelli: “Não. Ha algumas professoras que não têm mesmo a quédia para ginastica, de modo que não têm certo entusiasmo, mas as crianças têm se desenvolvido.”. Possivelmente a preocupação da professora Guiomar Meirelles sobre a existência de professoras especializadas no referido Grupo Escolar indica que, naquele momento, as ex-alunas dos cursos intensivos promovidos pela Inspeção de Educação Física já estariam amplamente presentes no Estado, ou talvez a mesma tivesse a expectativa de descobrir professoras que tivessem se especializado em Educação Física por outras vias. Outro fator de destaque na resposta da professora Signorelli é a forma como algumas professoras de Educação Física são representadas. Não ter a “quédia para ginastica”, bem como não ter o devido “entusiasmo” seriam empecilhos para uma professora ensinar Educação Física.

⁵⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 62,63,64, out./nov./dez. 1931, p. 147.

A divulgação da realização de cursos intensivos de Educação Física pela *Revista do Ensino* foi interrompida nos anos de 1931 e 1932⁵⁵, tendo continuidade somente nos anos de 1933 e 1934. O número de novembro de 1933 apresentou em seu primeiro artigo, sob o título “O ano letivo de 1933”, um resumo das atividades da Inspetoria Geral da Instrução naquele ano.⁵⁶ Como uma de suas atividades estava o referido curso: “Em setembro foi instalado o curso intensivo de Educação Física, destinado às professoras dos grupos da Capital e do interior. Matricularam-se representantes de 79 municípios.” Apesar de a *Revista* não divulgar o número de professores matriculados, a presença de representantes de 79 cidades mineiras sugere uma medida do alcance e das proporções que estes cursos estariam atingindo. A *Revista* difunde a informação de que os professores especialistas em Educação Física estavam sendo formados para todo o Estado de Minas Gerais, e não somente para a capital Belo Horizonte, onde estavam instalados os cursos.

O número seguinte, de dezembro de 1933, reproduz um discurso de Noraldino de Lima⁵⁷, proferido na “Colação de grau na Escola Normal de S. Gonçalo do Sapucaí”⁵⁸. Neste discurso, o então Secretário de Educação faz referência à criação da Escola de Aperfeiçoamento e aos cursos específicos, incluindo o de Educação Física:

Para dar á escola o seu justo papel no surto renovador que a tudo e a todos atinge, têm os governos de Minas que reformar precipuamente o professor. Sem mudança da mentalidade dêste não é possível transformar a estrutura da escola no sentido de colocar a mocidade, para que ela foi feita, dentro da evolução da vida. Criou-se assim a Escola de Aperfeiçoamento, destinada a formar técnicos para a reforma do ensino primário e normal. Por enquanto essa Escola, que é legitimo padrão da Escola Nova entre nós, mal tem podido atender as necessidades do ensino primário, para que, acima de tudo, foi criada. Além do curso geral, que é propriamente o da Escola de Aperfeiçoamento, foram criados nela, pela atual administração o curso de educação fisica [...].⁵⁹

⁵⁵ Pelas fontes consultadas, não foi possível saber se estes cursos continuaram sendo realizados nestes dois anos de ausência na *Revista do Ensino*, quando o governo de Minas já se concentrava nas mãos de Olegário Maciel, que assumiu o mesmo em 1930, permanecendo no poder até 1933.

⁵⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 96, nov. 1933, p. 1.

⁵⁷ Conforme Maurilane Biccás (2001), Noraldino de Lima nasceu em São Sebastião do Paraíso em 12.01.1885 e morreu em 30.11.1951, tendo sido farmacêutico, advogado, professor e escritor. Na vida pública foi diretor da Imprensa Oficial no governo de Antônio Carlos (1926-1930). Com a saída de Levindo Eduardo Coelho da Secretaria de Educação, foi indicado para ocupar este cargo, tendo-o exercido por três períodos: no governo Olegário Maciel, na interventoria de Gustavo Capanema e no governo Benedito Valadares.

⁵⁸ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 97, dez. 1933, p. 21.

⁵⁹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 97, dez. 1933, p. 23.

Estas palavras do Secretário de Educação reafirmam a centralidade de uma reforma do professor para o bom encaminhamento da Reforma do Ensino. Outro ponto de destaque é a declaração que vincula diretamente a criação da Escola de Aperfeiçoamento como um resultado da Reforma. Neste momento, o governo de Minas estabeleceu recorrentemente em suas propagandas vínculos entre os feitos na área da Educação e a Reforma, assumindo de forma explícita as inspirações destas ações com a pedagogia da Escola Nova. Além disso, a referência que Noraldino de Lima fez aos cursos específicos, incluindo o de Educação Física, indica uma confiança depositada pelo governo nesta estratégia de especialização dos professores para o sucesso da reforma, e particularmente para a efetiva inserção e afirmação da Educação Física nas escolas.

Este mesmo número, de dezembro de 1933, foi o que mais se referiu a realização do curso intensivo de Educação Física. Além do artigo que reproduzia um discurso de Noraldino de Lima, outros dois abordavam a realização desse curso. O primeiro, com o título “Trabalho sobre educação física”⁶⁰, foi escrito pela professora Maria Emerenciana de Azevedo, compondo uma seção da *Revista* nesta época, chamada “Daqui e Dali”. A professora se propõe a fazer uma análise da Educação Física e de seus professores antes e depois da realização do curso intensivo:

O curso especial de Educação Física destinado a formar um professorado completo, procurou orientar bem os professores que já possuía e orientar outros, dando-lhes conhecimentos, senão perfeitos e integrais, porém suficientes, da ciência cujos princípios então, de todo o ponto interior de Minas, eram quasi totalmente ignorados [...].

Enfatizando que a Educação Física no Estado não prosperava por falta de uma formação especializada para seus professores, sob o subtítulo “A Educação Física em Minas antes da realização do curso intensivo”, a professora segue relatando:

Ontem, era realmente a educação física disciplina obrigatória em todas as escolas primárias e secundárias, contava-se, como sempre, com o apoio dos dirigentes da Instrução, havia programma traçado, mas tudo isto não bastava, era preciso ainda proporcionar todas as ocasiões, aumentando os recursos e as facilidades oferecidas ao exercício artificial, era mistér como ponto capital o preparo técnico do professorado. [...] As aulas impregnadas de um cunho de formalismo, regulares embora, mas desprovidas de interêsse, mal dosadas e mal aplicadas, eram resultantes da falta de preparo

⁶⁰ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 97, dez. 1933, p. 86.

e de orientação do professor, que, apesar de dedicado e esforçado, não podia dar mais do que possuía, mais do que havia recebido.⁶¹

Mais uma vez a *Revista* utiliza a opinião de uma professora alinhada com a política educacional, enaltecendo os feitos do Estado, num tom de vanguardismo: “as aulas de ontem e as aulas de amanhã”⁶². O relato da professora Maria de Azevedo não desqualifica as ações dos governos anteriores, nem os professores que eram despreparados para o ensino de Educação Física pois, segundo ela, o problema estava justamente na falta do oferecimento de um curso específico, o que a partir daquele momento estaria solucionado. Com uma formação de um professorado especializado em Educação Física, poderia ser demarcado em Minas Gerais o limite entre as “aulas de ontem e as aulas de amanhã”.

O último artigo do número de dezembro de 1933 que fazia referência ao curso intensivo de Educação Física foi escrito pelo então Inspetor de Instrução Pública, Guerino Casasanta⁶³, e intitulado “O ensino em Minas”⁶⁴. Tratava-se de um informativo sobre a situação da instrução pública em Minas Gerais naquele ano. O Inspetor de Instrução fala sobre as ações do governo mineiro para o aperfeiçoamento do professorado, citando a criação da Escola de Aperfeiçoamento e afirmando a noção de que estaria sendo elaborada “a verdadeira reforma – a reforma do professor – sem o que, nenhum sistema educativo poderá vingar”⁶⁵. Novamente, a formação do professorado, traduzida na idéia de “reforma do professor”, é representada como o centro de importância para a efetivação da reforma do ensino. Neste sentido, destaca a realização do curso intensivo de Educação Física, do qual teriam participado 144 professoras de 79 municípios, como publicado no número anterior, atribuindo a instalação do curso ao Secretário da Educação, Noraldino de Lima.

Além do que já foi exposto, uma outra modalidade de curso, que incluiu uma formação em Educação Física, foi apresentada uma única vez durante todo o período de publicação da *Revista* investigado. Tratou-se de um “Curso para professores districtaes e

⁶¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 97, dez. 1933, p. 88.

⁶² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 97, dez. 1933, p. 86.

⁶³ Conforme Maurilane Biccás (2001), Guerino Casasanta foi professor e diretor da Escola Normal de Ouro Fino. Atuou como Inspetor da Instrução Pública na gestão de Olegário Maciel. Católico fervoroso, teve um papel fundamental na relação entre o Estado e o clero mineiro, num período bastante conturbado em que os “pioneiros da educação nova” ganhavam destaque no cenário nacional lutando por uma escola gratuita, universal e leiga. Foi responsável pelo primeiro curso realizado na Escola de Aperfeiçoamento especialmente dirigido às religiosas das principais congregações instaladas em Minas Gerais. Foi o criador e o principal divulgador do trabalho dos “jornais escolares” nas escolas mineiras. Além disso, era irmão de Mario Casasanta, ex-Inspetor da Instrução Pública.

⁶⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 97, dez. 1933, p. 93.

⁶⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 97, dez. 1933, p. 93.

rurales”⁶⁶, realizado entre os dias 25 de maio e 9 de junho de 1934, no Grupo Escolar de Conceição. Destinado prioritariamente aos professores rurais daquela região, o curso teve uma parte dedicada à Educação Física:

[...] demonstração de jogos esportivos pela professora especializada Anna Costa Chiab. [...] Sob a direção da respectiva professora, houve um grande trabalho relativamente á educação physica, compreendendo uma parte theorica e outra pratica, realizada diariamente das 7 ás 8 horas da manhã, participando dos exercicios muitas das professoras districtaes.

As indicações são de que a “professora especializada” Anna Costa Chiab, responsável pela parte referente à Educação Física, por esta qualificação como é apresentada, tenha frequentado o curso intensivo na capital. Esta hipótese indicia uma estratégia da *Revista do Ensino* de divulgar os resultados da realização dos cursos intensivos, neste caso, uma possível propagação dos conteúdos abordados no curso pelas localidades mais afastadas do Estado. Além disso, a *Revista* divulga que os conhecimentos em Educação Física estavam chegando também ao ensino rural, e que seus professores não estariam excluídos deste novo ideário pedagógico.

Corroborando essa argumentação, foi publicada na *Revista* a última referência ao curso intensivo da Inspeção de Educação Física. No artigo “Impressões de uma professora de Educação physica”⁶⁷, veiculado em novembro de 1934, a “professora de Educação Physica do grupo escolar de Palma”, Judith Dias de Freitas, apresenta seus relatos de prática profissional em sua instituição. Estes relatos giram em torno de sua experiência como professora de Educação Física após a realização do curso intensivo na área, em 1933, na capital, conforme anunciado pela professora. Esta publicação reforça a estratégia da *Revista* de divulgar resultados dos cursos ofertados pelo governo mineiro, e ainda, com o exemplo desta professora, fornece uma medida da repercussão que tiveram estes cursos para a atuação dos sujeitos escolares.

A partir de toda a argumentação exposta, é possível afirmar que a *Revista do Ensino* repercutiu uma idéia central que circulou naquele momento: reformar o ensino era sinônimo de reformar o professorado.

⁶⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 105, ago. 1934, p. 1.

⁶⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 108, nov. 1934, p. 58.

2.2 Os alunos: quem eram os sujeitos esperados com a prática da Educação Física?

Várias foram as representações que circularam na *Revista do Ensino* sobre a criança. Quando o assunto era a Educação Física a ser praticada nas escolas, os alunos, as crianças, destinos finais das prescrições das práticas escolares, eram colocados em evidência. A *Revista* pretendia divulgar proposições que visassem produzir um modelo de infância e, nesta dinâmica, como consequência, produzir um modelo de adulto. Esta relação criança-adulto mostrou-se muito íntima nas páginas da *Revista do Ensino*, que tentou erguer alicerces na disciplina escolar Educação Física, para sustentar determinadas pretensões para o futuro.

2.2.1 Espontaneidade, entusiasmo e prazer.

Expressões como “escola nova”, “escola ativa”, “escola renovada” e “escola moderna” foram empregadas em diversos artigos da *Revista do Ensino*. Neste sentido, também os textos sobre a Educação Física veiculados pelo impresso eram recorrentemente comprometidos com esse ideário, especialmente com relação à premissa que defendia a centralidade dos processos educativos nos alunos. Um exemplo bastante expressivo disto foi a publicação de artigos que estabeleciam como princípio da disciplina Educação Física a preocupação com a espontaneidade, o entusiasmo e o prazer dos alunos durante suas aulas. Retomando o artigo “Technica sobre Educação Physica”, de 1925, esta preocupação estava implícita na sugestão de que os professores cuidassem para que seus alunos, durante as aulas de Educação Física, praticassem com regularidade os exercícios e se entregassem aos jogos com prazer e entusiasmo.⁶⁸

O mesmo artigo apresentou outros aspectos importantes com relação à questão do “prazer”, que merecem ser aqui problematizados: “Não se deve exigir, na sahida dos alumnos para o pateo de gymnastica, uma disciplina rigorosa. Si a aula vae interessar e produzir alegria nas creanças, seria incoherente prival-as das expansões do espirito.”⁶⁹ Este trecho denota a preocupação com o prazer e o entusiasmo que deveriam ser proporcionados aos alunos. Neste sentido, na sequência, o artigo ponderou com relação a esta “liberdade”:

⁶⁸ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 186.

⁶⁹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 186.

Uma vez preparados – o pateo, o material, e os jogos – por intermedio de um apito, deve-se exigir uma disciplina perfeita. Será, porém, desprezado o velho habito de obrigar os alumnos á posição forçada de “braços cruzados”. Iniciado o jogo, permittir os gritos de enthusiasmo e naturaes, tanto aos contendores, como aos assistentes, tudo, porém sob o dominio immediato do apito commandante. Exigir dos alumnos o maximo respeito ao dirigente da partida (mestre ou aluno) e a maior cordialidade entre collegas da mesma ou de outra escola.⁷⁰

Nesta prescrição, a disciplina organizada pela utilização do apito passava a conviver com os “gritos de enthusiasmo”. Seriam permitidas as “expansões do espirito”, que estariam em harmonia com a autoridade do professor. Assim, um outro tipo de autoridade emergia para a atuação deste professor, em que ele passaria a ser alguém responsável por ensinar a cada aluno a ser responsável por si mesmo.

No ano seguinte, foi publicado o artigo “Educação physica”, com o subtítulo “Ao lado da saude moral deve existir a saude physica – e essa só se consegue pela gymnastica bem orientada”.⁷¹ Este artigo, igualmente sem identificação de autoria, também representou a Educação Física como um momento de prazer para os alunos: “Nos jogos gymnasticos, cuja orientação vamos dando, a criança vê, não uma disciplina escolar, porém uma derivação de prazer dentro de suas obrigações diuturnas, de valor extraordinario como exercicio physico”⁷². Esta afirmação corrobora a idéia de que a Educação Física era defendida pela *Revista do Ensino* como uma disciplina que, na concepção dos alunos, seria um momento de alegria na rotina cansativa dos “trabalhos intelectuais” promovidos pela escola. Em meio a atividades divertidas, eram esperados para os alunos os benefícios creditados a essa disciplina escolar.

Retomando o artigo de Renato Eloy de Andrade, “Educação Physica – Sua eficiencia e a professora”, publicado no ano de 1929⁷³, observa-se que o mesmo apresenta um outro argumento para justificar a necessidade de as aulas de Educação Física proporcionarem alegria aos alunos:

Se observarmos que os alumnos, ao regressarem da aula de educação physica, trazem a physionomia alegre, de quem teve um verdadeiro momento de recreação, o trabalho contribuiu, no minimo, para

⁷⁰ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 186.

⁷¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 16,17, jul./ago. 1926, p. 274.

⁷² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 16,17, jul./ago. 1926, p. 274.

⁷³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 30, fev. 1929, p. 33.

descongestionar o cerebro, com saudavel uniformização das correntes de irrigação sanguinea por todo o corpo; se, ao contrario, trazem a cabeça baixa, olhar vago e passo frouxo, os exercicios sortiram effeitos contraproducentes, a serem classificados nos casos seguintes: ou a dosagem do trabalho muscular foi excessiva e addicionou á fadiga intellectual a fadiga physica, ou o comportamento exigido foi tão parecido com o indispensavel aos trabalhos mentaes, que não houve oportunidade para o avivamento do espirito dos alumnos, abatido pelas horas de trabalho sedentario nas salas de aulas e continuado esforço intellectual, contrarios á natureza dynamica da criança.⁷⁴

A justificativa apresentada pelo professor Renato Eloy de Andrade foi pautada na Psicologia e na Fisiologia, ou seja, o motivo para as aulas de Educação Física serem momentos de alegria para os alunos teria também uma funcionalidade fisiológica. A idéia de que essa disciplina serviria para “descongestionar o cérebro” representa a Educação Física como sendo um descanso para compensação do esforço despendido em atividades intelectuais. Além disso, o professor critica a estagnação a que a escola submetia os corpos dos alunos nas salas de aula.

2.2.2 Educação Física para uma educação moral e intelectual

Uma preocupação constantemente expressa pelos discursos veiculados na *Revista do Ensino* foi a questão da educação moral. Um dos componentes da tríade educativa proposta por Herbert Spencer, ao lado da educação intelectual e física, foi, na *Revista*, frequentemente associado aos resultados esperados para a disciplina Educação Física.

Exemplo disso pôde ser observado no artigo “Para fazer a raça forte e energica – Methodos de Educação Physica”, publicado em janeiro de 1926.⁷⁵ Este artigo, que não teve identificação de autoria, inicia com uma citação de Herbert Spencer: “O corpo e o espirito devem ser objectos da mesma solitudine e o ser humano deve ser desenvolvido todo inteiro”. Não somente esta citação, como também o comentário que a sucede, foram reproduzidos pelo Programa do Ensino Primário, de dezembro de 1927, publicado em decorrência da “Reforma Francisco Campos”⁷⁶. No caso da publicação na *Revista*, o tom foi direcionado para uma

⁷⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 30, fev. 1929, p. 33.

⁷⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 10, jan. 1926, p. 29.

⁷⁶ Cf. Decreto 8094, de 22/12/1927, p. 1737.

propaganda do governo, com relação aos seus investimentos para a afirmação da Educação Física nas escolas do Estado:

Baseado neste salutar principio, o governo de Minas empenha-se em dar á educação physica o mesmo impulso que vem recebendo a educação intellectual. Devemos reagir energicamente e combater as causas do enfraquecimento physico, que provocam tambem o enfraquecimento moral.⁷⁷

Com este anunciado, o governo mineiro, através da *Revista do Ensino*, manifesta a sua intenção de promover a “educação physica”. E mais que isso, defende uma idéia que relaciona diretamente “enfraquecimento physico” com “enfraquecimento moral”.

Neste sentido, o artigo apresenta mais uma afirmação: “O exercicio gymnastico não sómente desenvolve os orgams, mas tambem as qualidades. Não é só a fibra muscular que se espessa: é o character que se enrija”.⁷⁸ Lançando estas expectativas para o desenvolvimento dos alunos, que iriam ser alvo destas práticas próprias da Educação Física, a *Revista do Ensino* credita a esta disciplina a responsabilidade de prestar um serviço à educação moral.

Outro artigo que estabeleceu esta relação foi “Noções de Educação Physica, Exercicios e Jogos”⁷⁹: “Os exercicios e jogos ao ar livre são indispensaveis, não somente ao crescimento normal dos adolescentes, mas tambem á formação intellectual e moral!”. Neste caso, além da vinculação de práticas da Educação Física à educação moral, a formação intellectual dos alunos também foi prevista como decorrência das atividades dessa disciplina.

Constantemente, a *Revista* publicou aforismos repetidos sobre a Educação Física, que foram incluídos em diferentes artigos, ora reproduzidos fielmente, ora modificados para se estabelecer uma articulação com a idéia que se pretendia difundir. Assim, estrategicamente, o impresso foi preparando o professorado para assumir o discurso da importância que teria esta disciplina para a formação da infância e da juventude. Um exemplo disso foi demonstrado no artigo “Noções de Educação Physica”, de maio de 1926, também sem identificação de autoria.⁸⁰ O artigo anuncia, logo no princípio, ter reproduzido várias citações sobre Educação Física:

⁷⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 10, jan. 1926, p. 29.

⁷⁸ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 10, jan. 1926, p. 29.

⁷⁹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 13, abr. 1926, p. 144.

⁸⁰ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 14, mai. 1926, p. 181.

Preenchemos esta columna com varias opiniões de Mestres sobre a Educação Physica, verdadeiras maximas que devemos ter sempre em mente, como guiadoras do desenvolvimento physico das gerações que se iniciam na vida! Devemos nos basear nestes salutareos principios e dar á educação physica o mesmo impulso que vamos dando á educação intellectual.⁸¹

Sobre as citações que foram reproduzidas na sequência, não foram identificados os “Mestres” que teriam emitido tais “opiniões”.

Alguns destes pensamentos vincularam a Educação Física não apenas à promoção de uma educação moral, mas também de educação intelectual: “A gymnastica é o aperfeiçoamento da nossa natureza material e a salvaguarda da nossa natureza intellectual. [...] Uma boa educação physica contribue, em grande parte, para os progressos intellectuales e para elevar o nivel moral de uma raça.”⁸²

É importante perceber nestas representações como, naquele momento, ainda se misturavam muito a idéia de “Educação Physica”, em seu sentido ampliado, com o seu sentido restrito, traduzido pela disciplina escolar em questão. Considerando-se que nos diversos artigos como este, em que o tema em questão era a disciplina Educação Física, e que tais pensamentos foram citados neste contexto, é importante notar também como tal disciplina foi sendo responsabilizada por contribuir com aqueles aspectos da formação dos alunos. Nestes casos, a Educação Física foi pensada não apenas numa perspectiva de desenvolvimento físico, mas também como auxiliar dos outros pilares da tríade educativa, tidos como primordiais para os futuros adultos esperados.

O argumento da educação moral, que também foi utilizado para tentar convencer o professorado mineiro da importância das práticas inerentes à Educação Física, para o desenvolvimento de seus alunos, foi empregado em outros dois artigos publicados em condição de destaque pela *Revista do Ensino*. Tratam-se dos escritos “Educação physica”⁸³, de 1926, e “Qual parte deve caber á educação physica no ensino primario?”⁸⁴, apresentado anteriormente, de 1930. O primeiro, quando tratando de uma prática atinente à Educação Física, anunciou: “As crianças que se dedicarem aos jogos escolares, terão superioridade, quer physica, quer moral, sobre os companheiros que tenham desprezado essa disciplina.”⁸⁵. Já o segundo, trata-se da publicação considerada como melhor resposta para a pergunta do

⁸¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 14, mai. 1926, p. 181.

⁸² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 14, mai. 1926, p. 181.

⁸³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 16,17, jul./ago. 1926, p. 274.

⁸⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 47, jul. 1930, p. 70.

⁸⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 16,17, jul./ago. 1926, p. 274.

concurso promovido pela *Revista*. Diferentemente do primeiro artigo, este teve identificação de autoria, sendo assinado pela professora Elza Ferraz Koeler, que escreve:

É muitas vezes por causa do descuido da educação physica que se adquirem defeitos incorrigiveis mais tarde. Para a juventude crescer sã, forte, vigorosa e numa harmoniosa perfeição intellectual e physica, é preciso fazer diariamente gymnastica, porque esta robustece o physico, que muitas vezes, enfraquecido, é a causa do enfraquecimento moral.⁸⁶

A presença dos discursos que relacionaram Educação Física e formação moral foi muito intensa nas publicações da *Revista do Ensino*. Seria impensável vislumbrar uma plena formação para os adultos do futuro, sem a preocupação com a Educação Física trabalhada no presente.

As proposições referentes aos alunos que eram almejados com a prática da Educação Física foram veiculadas na *Revista*, especialmente, nos seus cinco primeiros anos de 1925 a 1930.

2.3 A preocupação com a Educação Física feminina: produzindo representações sobre a mulher e seu corpo.

Uma questão muito recorrente na *Revista do Ensino* foi a preocupação com a Educação Física feminina, especialmente entre os anos de 1928 e 1931. As referências a esta questão foram publicadas em correlação a diversas representações, não apenas da Educação Física, mas também da mulher, e especialmente do corpo feminino. Exemplo disso pode ser observado no número 26, de 1928, com o artigo “A Nova Organização Pedagógica”, na parte referente à “Educação Physica”⁸⁷. Trata-se de uma tradução da publicação de “Sr. A. Lomont”, Inspetor do Ensino Primário e membro do “Conselho Superior de Instrução Publica” na França. Esta tradução foi publicada na *Revista do Ensino* sob argumentação de uma afinidade existente entre a regulamentação do ensino primário em Minas Gerais e na França:

⁸⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 47, jul. 1930, p. 70.

⁸⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 26, out. 1928, p. 42.

[...] Compete às professoras escolher os jogos e os movimentos melhor adaptáveis ao sexo feminino; os que exercitam a agilidade e a graça, de preferência aos que proporcionam a força. Todas as vezes que se tornar possível, ter-se-á cuidado, nas escolas femininas, em associar-se a musica, á gymnastica. [...].⁸⁸

Tais recomendações têm uma relação com as idéias de “beleza” e “força”, que, geralmente, estiveram associadas à ginástica feminina e à utilização da música. No entanto, este artigo não vai muito além na defesa de uma Educação Física feminina: “Mas, abstracção feita dessas differenças, aliás importantes, o programma e o methodo de educação physica são identicos nas escolas femininas e nas masculinas”.⁸⁹

A defesa de uma distinção entre meninos e meninas, no que compete à Educação Física a ser praticada por eles, foi intensamente evidenciada na *Revista* no ano seguinte, com o número 34, de 1929. O artigo intitulado “Educação Physica” é a transcrição de uma conferência realizada na Escola Normal de Juiz de Fora pela professora de Educação Física desta Instituição, Maria da Gloria de Carvalho⁹⁰. Referindo-se à “cultura physica da mulher”, a professora anuncia:

Até á idade de 11 a 12 annos, a educação physica da mulher não deve ter differença da que se applica aos homens de igual idade. Sua gymnastica espontanea, a liberdade de seus movimentos devem ser as mesmas dos meninos. Attingida, porém, a época da passagem de menina a moça, outro rumo deve ser dado á educação physica daquellas a quem a natureza reservou a sublime missão que a maternidade representa.[...] ⁹¹.

Esta compreensão da professora permite afirmar que a intenção de sua conferência foi a de abordar uma Educação Física não destinada à infância, mas sim à juventude e à fase adulta, considerando-se também o lugar de onde ela falava, uma escola normal. A professora Maria Carvalho proferiu esta parte da conferência, voltada para as normalistas, mais com uma preocupação com a própria “educação physica” destas futuras professoras, do que a elas ensinar sobre como trabalhar com a Educação Física nas escolas. Antes de saber como e porque ministrar esta disciplina escolar, as próprias professoras seriam alvo da “educação physica” e da “gymnastica”.

⁸⁸ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 26, out. 1928, p. 42.

⁸⁹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 26, out. 1928, p. 42.

⁹⁰ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 34, jun. 1929, p. 20.

⁹¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 34, jun. 1929, p. 24.

Além disso, logo no início desta exposição, uma representação de mulher como destinada à maternidade percorreu toda a sua argumentação, afirmando o motivo pelo qual a Educação Física praticada pelas mulheres deveria ser diferente da dos homens.

[...] Exercitada a gymnastica com methodo, começam as moças a corrigir defeitos de nutrição que em umas favorecem a expansão dos tecidos adiposos e em outras contribuem para o desenvolvimento geral. [...] As que são exaggeradamente gordas tornam-se flexuosas e elegantes, e as que são magras adquirem faculdade para melhor aproveitarem os efeitos da nutrição e do desenvolvimento geral do corpo. E com toda essa elegancia de talhe vêm a saude e o revigoramento funcional de todos os órgãos.⁹²

A professora não poupou argumentos para justificar a importância de uma Educação Física feminina. Falando para jovens mulheres, sendo este o perfil geral das estudantes de escolas normais, parecia tentar convencer estas futuras professoras de praticá-la, utilizando como artifício representações de um ideal de corpo feminino e dos efeitos da “educação physica” sobre este:

[...] Do contrario, seria tirar á mulher um bem enorme e o seu maior attractivo para transformal-a num feixe de musculos, tal qual certos atletas, cujo corpo encalombado pela protuberancia dos musculos retesados é tão impressionantemente feio. Está, pois no equilibrio do meio termo a efficacia de uma boa gymnastica para as moças. Nem exercicio demasiado que as depaupere e as torne musculosas em excesso, nem carencia de gymnastica que lhes permitta perder a elegancia das linhas harmoniosas.⁹³

Assim, a *Revista* fez circular representações a respeito do cuidado com os corpos femininos, evidenciando uma distinção ao que era pensado para os corpos masculinos. Tais proposições parecem ser consideradas de extrema importância para o lugar onde esta conferência foi proferida. As escolas normais foram não somente centros de formação de professoras para o ensino primário, mas talvez seja possível afirmar que tenham sido também lugares de produção de modelos a serem seguidos pelos alunos dos cursos primários. Estes discursos defendem que não seriam bem vindas para o ensino de Educação Física nas escolas professoras cujos corpos desviassem dos padrões estéticos estabelecidos para o momento:

⁹² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 34, jun. 1929, p. 24.

⁹³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 34, jun. 1929, p. 25.

“[...] Que impressão causaria uma mulher de pernas finas como varetas de chapéo de sol, os ossos da bacia a quererem furar a pelle e um thorax formidavel de luctador romano?”⁹⁴

A representação da mulher como mãe, associada à prática da “educação physica”, foi insistentemente retomada durante a conferência:

A mulher foi feita para ser mãe e nunca para lutar. Donde se deduz que a sua educação physica deve ser diferente da dos homens. Nestes é o busto, são os braços, os membros cujo desenvolvimento muscular se deve ter em vista. Nas mulheres, ao contrario: a metade inferior do corpo é que deve ser attingida directamente.⁹⁵

Outra distinção entre a Educação Física feminina e a masculina, defendida pela professora Maria Carvalho, foi enfatizada representando as mulheres e os homens como tendo necessidades de gastos de energia diferentes, o que pela argumentação da professora incidiria diretamente nos modos de ser:

Enquanto o homem, passando de menino a rapaz, levado pelo instincto, salta, pula, excede-se numa canceira muscular exaggerada, a mulher é toda, ao contrario, calma e retrahimento. É quando a sua educação physica deve ser exclusivamente higienica, porque todo esforço physico resulta fatigante e, portanto, prejudicial.⁹⁶

Veiculando a transcrição desta conferência, a *Revista do Ensino* expandiu noções recorrentes do que a Educação Física seria capaz de proporcionar aos corpos femininos, disseminando para as demais professoras do Estado.

Também é possível apreender que a professora Maria Carvalho estava bastante atenta às representações sobre Educação Física e Higiene que circulavam em seu tempo. O seu discurso aproxima-se muito das questões abordadas no estudo de Silvana Goellner⁹⁷. A autora apresenta uma organização a partir de três imperativos divulgados pela revista “Educação Physica”: “seja bela”, “seja maternal” e “seja feminina”. Estas proposições foram recorrentes

⁹⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 34, jun. 1929, p. 25.

⁹⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 34, jun. 1929, p. 25.

⁹⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 34, jun. 1929, p. 25.

⁹⁷ Cf. Silvana Goellner, 1999.

na conferência da professora Maria Carvalho, o que sugere sua afinidade com os discursos circulantes naquele momento.⁹⁸

Representações nesta mesma direção foram publicadas na *Revista do Ensino* no mesmo ano de 1929, em seu número 39. Desta vez foi o Inspetor de Educação Física, Renato Eloy de Andrade, que em um artigo fez ponderações sobre a Educação Física das mulheres. Sob o título “Educação Physica – Callisthenia”⁹⁹, o professor anunciou:

[...] Com relação ao sexo, pode-se dizer que as necessidades não variam até a idade de 11 anos. A partir desta idade, deve se fazer uma mudança de acordo com as alterações (physicas e physiologicas) que começam a se manifestar nos sexos. As antigas idéas de que as moças devem ser debeis e abster-se de actividades physicas estão fora de moda. Diz a baroneza do Posse: “O exercicio desenvolve as qualidades proprias da mulher, da mesma forma que avulta as masculas qualidades do homem”. Não se devem considerar as meninas inferiores aos meninos, mas diferentes. Devem ser ministrados às moças (escolas normaes) todos os exercicios que possam ter efeitos beneficos sobre a futura função da maternidade e evitados, por outro lado, todos os que possam ter efeito prejudicial.

Além de manifestar proposições muito próximas das apresentadas pela professora Maria Carvalho, sobre a necessidade e os efeitos da Educação Física para homens e mulheres e suas distinções, Renato Eloy de Andrade também afirma uma preocupação com a Educação Física que seria aplicada às normalistas, tendo a preservação da “função da maternidade” como um ponto central. Esta afirmação fortalece a idéia de que naquele momento a Educação Física nas escolas normais tivesse uma dupla finalidade. Primeiramente, para que as alunas e futuras professoras aprendessem a como ensinar esta disciplina nas escolas primárias. Segundo, seria também uma prática voltada para os corpos das próprias professoras, com uma justificativa muito semelhante à de sua presença nas escolas primárias.

Outro artigo que fez considerações a respeito de uma Educação Física feminina foi publicado pela *Revista* quase dois anos depois, em 1931. Intitulado “A Educação Física e o Sexo Feminino”¹⁰⁰ foi dedicado exclusivamente a questões que envolviam a participação das mulheres em atividades físicas. Este artigo não teve identificação de autoria, no entanto, parece ter sido escrito por um médico, devido à recorrente referência a este profissional como

⁹⁸ Importante ressaltar que a revista “Educação Physica”, utilizada como fonte na pesquisa de Silvana Goellner (1999), foi publicada entre os anos de 1932 e 1945, ou seja, teve início apenas três anos após a publicação dessa transcrição na *Revista do Ensino*.

⁹⁹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 39, nov. 1929, p. 28.

¹⁰⁰ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 59,60,61, jul./ago./set. 1931, p. 74.

o responsável por dizer o que uma “moça” poderia ou não realizar nas aulas de Educação Física. Além disso, a argumentação foi pautada, quase em sua totalidade, por aspectos fisiológicos.

O texto foi organizado a partir de elementos considerados como orientadores de um “programa de atividades físicas para moças”, a saber: “sexo”; “idade”; “capacidade ou habilidade do grupo ou de indivíduo”; “clima”; “estação do ano” e “hora do dia”¹⁰¹. A presença de aspectos ligados à Fisiologia evidencia a influência que teve a área médica nos discursos sobre Educação Física publicados na *Revista do Ensino*.

Importante também é ressaltar as justificativas apresentadas neste artigo para separar “rapazes” e “moças” durante as atividades da Educação Física, bem como as representações atribuídas ao que se esperava que esta disciplina fosse para as mulheres:

[...] Demonstrado que as diferenças funcionais e estruturais são argumentos bastante fortes contra a participação de moças em todos os tipos de atividades, pelo mesmo modo que rapazes e homens, não ha tambem razão real de elas participarem, com rapazes, dos mesmos jogos e esportes. A moça não precisa desenvolver seu instinto combativo. Ela não está ou não deveria estar interessada, primariamente, em levantar ou bater recordes. Deve interessar-se em fato e tipos de atividade que lhe dêem graça, equilibrio, flexibilidade, velocidade, agilidade, destreza, beleza, fortaleza geral e resistencia.¹⁰²

Esta distinção entre Educação Física para meninos e para meninas foi naturalizada também no diálogo publicado na *Revista* neste mesmo ano, em seu número seguinte.¹⁰³ Com o título “A Nova Pedagogia”, a *Revista* publicou a transcrição dos diálogos das “reuniões sociais” da Escola de Aperfeiçoamento. Na transcrição dos relatos da professora Leonilda Montandon, sobre sua atuação em um Grupo Escolar do interior, em determinado momento da conversa, a professora de Educação Física, Guiomar Meireles, pergunta: “E a Educação Física?”¹⁰⁴. Eis a resposta da professora Montandon:

Uma vez que os meninos atacaram o serviço de jardinagem, a professora suprimiu a ginástica, pois esse serviço já importa em ginástica. Tanto assim que um senhor, passando pelo grupo, exclamou: “Que! Esses meninos terão força mesmo?”

¹⁰¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 59,60,61, jul./ago./set. 1931, p. 74.

¹⁰² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 59,60,61, jul./ago./set. 1931, p. 76.

¹⁰³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 62,63,64, out./nov./dez. 1931, p. 136.

¹⁰⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 62,63,64, out./nov./dez. 1931, p. 162.

Não satisfeita, interrogou novamente a professora Guiomar Meireles: “E as meninas?”. A professora Montandon respondeu: “Enquanto os meninos estão no jardim, as meninas fazem ginástica em outra classe”. Com essa resposta, perguntou a professora Celina Guimarães: “Então as meninas não trabalham no jardim?”. Respondeu Montandon: “Trabalham para o jardim, pois cada uma tem a sua estufa em casa, sementes e mudas destinadas ao jardim.”

Este diálogo, além de estabelecer uma distinção entre meninos e meninas para o que foi chamado pela professora Leonilda Montandon de Educação Física, também demonstra os limites estabelecidos quando a prática seria a mesma. Afirmando o trabalho de jardinagem como uma forma de “Educação Física”, a professora Montandon declara que, no Grupo Escolar onde trabalhava, mesmo quando a “Educação Física” é feita por meio da jardinagem, as meninas teriam funções diferentes, que seriam menos intensas fisicamente do que as funções dos meninos. Este exemplo é marcante da diferença entre a Educação Física para meninos e para meninas, divulgada pela *Revista do Ensino*.

O último artigo da *Revista* dedicado à Educação Física feminina foi publicado quase cinco anos depois, em 1936, tendo como título: “Um problema do momento – Necessidades da estylização do Methodo Francez – Como fazel-a em relação á educação physica feminina, nos estabelecimentos de ensino secundario.”¹⁰⁵ Assinado pelo professor Idyllio Alcantara Abbade, este artigo havia sido publicado um mês antes na “Revista de Educação Física”, editada pela Escola de Educação Física do Exército Brasileiro.¹⁰⁶ O texto apresentava uma preocupação central com a Educação Física que deveria ser trabalhada nas escolas normais, divulgando possíveis benefícios para as moças que a praticasse:

É desnecessario lembrar aos leitores, e aos precusores de uma nova e nobre campanha, os beneficios de uma educação physica racional e as vantagens que ella traz para a mulher, revigorando e aperfeiçoando os órgãos, e equilibrando suas funções, estabelecendo a harmonia das formas.¹⁰⁷

¹⁰⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 125,126,127, abr./mai./jun. 1936, p. 119.

¹⁰⁶ Cf. REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, n. 31, mai. 1936, p. 27. Sobre este periódico ver o trabalho de Magda Bermond (2007).

¹⁰⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 125,126,127, abr./mai./jun. 1936, p. 120.

Esta publicação reforça a idéia da importância dada pelos editores da *Revista do Ensino*, em defender a efetiva Educação Física não apenas nas escolas primárias, mas também no âmbito da formação de suas professoras, que foram as escolas normais.

Deste modo, a *Revista* investiu na formação do professorado para o ensino de Educação Física, de múltiplas formas: ora dizendo para eles o que, como e por que fazer; ora os autorizando a dizer, como exemplo aos demais professores; ora divulgando as outras ações do Estado para a formação destes sujeitos. Todo este investimento esteve imbuído de representações de um ideal para o professor de Educação Física, bem como dos alunos esperados, meninos e meninas, que se tornariam os homens e as mulheres almejados.

CAPÍTULO 3

CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Conhecimentos e prescrições de práticas, que contribuíram para a conformação da Educação Física como uma disciplina escolar, em Minas Gerais, foram produzidos e colocados em circulação pela *Revista do Ensino*. Este movimento percorreu, estrategicamente, múltiplos caminhos, dando visibilidade a determinadas proposições e silenciando outras. É deste movimento que trata este capítulo, investigando os elementos da docência prescritos no periódico para essa disciplina escolar.

Já naquele momento, os diversos conteúdos em circulação em Minas Gerais dialogavam com métodos e programas em circulação em outras localidades do Brasil e também no exterior. Assim, neste capítulo, ganham visibilidade as práticas, atinentes à Educação Física, que tiveram uma presença significativa na *Revista do Ensino* no período analisado: a ginástica; os jogos e esportes; a “gymnastica rythmica” e a chamada “ginástica historiada”.

3.1 Práticas prescritas nos primeiros anos da *Revista do Ensino*: o artigo “Technica sobre Educação Physica” como referência basilar

Um dos primeiros artigos a prescrever práticas que deveriam compor o programa de ensino de Educação Física foi colocado em circulação pela *Revista do Ensino* em setembro de 1925, sendo intitulado “Technica sobre Educação Physica”¹. Este artigo, já apresentado no capítulo anterior, foi de grande importância por ter sido a primeira iniciativa de sistematização da disciplina Educação Física para as escolas de Minas Gerais, veiculada pela *Revista*. Conforme apresentado, este artigo foi fruto de um relatório de visita de uma comissão de professoras de Belo Horizonte a escolas primárias do Rio de Janeiro, tendo o impresso, por meio dele, publicado pela primeira vez proposições de práticas corporais que deveriam ser trabalhadas especificamente como conteúdos dessa disciplina escolar. Além disso, também

¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 184.

pela primeira vez, indicou tempos e espaços próprios para a mesma, bem como produziu e fez circular representações sobre o professor de Educação Física, e ainda indicou maneiras como deveriam ser ministradas as aulas dessa disciplina.

As prescrições de práticas neste artigo foram organizadas em um tópico à parte: “Como deve ser ministrada a Educação Physica nas escolas primarias do Estado de Minas”. Este subtítulo expressa uma intenção do governo do Estado em mobilizar o seu professorado para a temática da Educação Física. Assim, com este anúncio, o artigo concentrou a atenção em “como fazer” diretamente nas práticas corporais: “A educação physica em nossas escolas primarias, deve ser ministrada do seguinte modo: compreenderá os exercicios naturaes, respiratorios, suecos, jogos e a gymnastica rythmica”.² Esta prescrição incluiu o Método Sueco de ginástica³, que influenciou os programas oficiais de “exercícios phisicos” em Minas Gerais desde pelo menos 1906.⁴ Além deste método, também foram prescritas práticas corporais relacionadas ao Método Francês de ginástica⁵ e ao chamado Método Natural de Georges Hébert⁶.

Sobre o que a *Revista* chamou de “exercicios naturaes”, a comissão de professoras repercutiu representações a respeito desta prática: “Os exercicios naturaes visam não somente o desenvolvimento do corpo, como também suggerem coragem, força, decisão, agilidade e destreza.”⁷ Tais representações têm suas matrizes nos métodos de ginástica produzidos na Europa, especialmente o Método Francês e o Método Natural.

² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 184.

³ Refiro-me aos métodos ginásticos ou escolas de ginástica que surgiram na Europa ao longo do século XIX e que influenciaram as práticas corporais aplicadas em diversos países. No caso do Método Sueco, este foi proposto inicialmente por Pehr Henrick Ling (1776-1839), que, de acordo com Carmen Soares (1994), propôs um método de ginástica impregnado de nacionalismo e destinado a regenerar o povo e que, dizendo-se baseado na ciência, deduziu de uma análise anatômica do corpo uma série racional de movimentos de formação. A respeito dos diferentes métodos ginásticos europeus ver também Inezil Marinho (s.d.), e Carmen Soares, (1994; 1998).

⁴ Sobre este tema ver o trabalho de Tarcísio Vago, 2002.

⁵ Proposto inicialmente por Francisco de Amoros (1770-1848), de acordo com Carmen Soares (1994) o Método Francês de ginástica integrava a idéia de uma educação voltada para o desenvolvimento social, para o qual seriam necessários homens completos, imbuídos de qualidades físicas, psicológicas e morais. Ainda segundo a autora, “no Brasil, a ginástica francesa foi oficialmente implantada no exército em 12 de abril de 1921, através do decreto n. 14.784. Sua chegada, porém, deu-se no ano de 1907, através da Missão Militar Francesa que veio ao país com a finalidade de ministrar instrução militar à Força Pública do Estado de São Paulo, onde fundou uma ‘Sala de Armas’ que deu origem, mais tarde, à Escola de Educação Física do Estado de São Paulo”. (p. 67). A respeito deste método de ginástica ver ainda o trabalho de Carmen Soares, 1998. E também sobre a inserção do Método Francês nas escolas brasileiras ver o trabalho de Silvana Goellner, 1992.

⁶ Conforme Carmen Soares (2003), Georges Hébert nasceu em Paris em 1875 e morreu em Deauville em 1957. Formou-se em “matemáticas especiais” e aos 18 anos ingressou na Escola Naval. Como oficial da marinha francesa criou um programa de ensino de exercícios físicos, que a partir de 1905 se tornaria conhecido como o Método Natural.

⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 184.

De acordo com Carmen Soares, o Método Natural foi organizado a partir das observações de Georges Hébert de todas as formas de atividades que faziam parte da educação de seres humanos, que viviam em terras distantes da “civilização européia”, do início do século XX:

Para ele, esses homens, mulheres e crianças que vê são “selvagens” ou “primitivos”, e ele encanta-se com a beleza, a força, a resistência e a agilidade corporais que possuem e expressam esses seres; julga seus gestos perfeitos, interessa-se pela sua forma de vida simples, pelos costumes e pelas qualidades viris e habilidades físicas que observa.⁸

Assim, Hébert deduziu uma série de dez grupos de exercícios: marcha, corrida, salto, quadrupedia, trepar, equilíbrio, lançamentos, transporte, defesa e natação. Segundo Carmen Soares, para Hébert, esses dez gêneros de exercícios ou “atos naturais”, poderiam ser utilizados em sua forma simples, ou seja, sua execução em si ou, então, em combinações variadas entre si, acrescidas de atividades ligadas à vida prática e aos divertimentos.⁹ O Método Francês, por sua vez, também incluía em seu repertório de atividades estes grupos de exercícios.¹⁰

No artigo da *Revista do Ensino*, “Technica sobre Educação Physica”, são estabelecidos sete “exercicios naturaes”: “1º Marchar; 2º Correr; 3º Saltar; 4º Arremessar; 5º Conduzir; 6º Trepar; 7º Ataque e defesa”.¹¹ Apenas três grupos de exercícios propostos no Método Natural de Hébert não foram incluídos na prescrição da *Revista*: quadrupedia, equilíbrio e natação. Sendo que, ainda, algumas denominações foram alteradas, como lançamentos, que foi chamado de “arremessar”; transporte, que foi chamado de “conduzir”; e defesa, que foi denominado “ataque e defesa”.

A aproximação com o Método Natural e com o Método Francês nesta prescrição veiculada pela *Revista*, indica a circulação que os métodos europeus de ginástica tiveram no contexto escolar e como influenciaram a organização dos programas de Educação Física em Minas Gerais. Importante lembrar, conforme apresentado no Capítulo 2 deste trabalho, que mais tarde trechos inteiros do relatório que originou este artigo foram integralmente

⁸ Cf. Carmen Soares, 2003, p. 25.

⁹ Cf. Carmen Soares, 2003, p. 27.

¹⁰ Ver Carmen Soares, 1994, p. 62.

¹¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 184.

incorporados ao texto da “Reforma Francisco Campos”, em 1927, na parte do programa referente ao que se chamou de “Exercícios Physicos”¹².

Após anunciar quais seriam os “exercícios naturaes”, o artigo detalhou como deveria ser ensinado cada grupo destes exercícios: “Marchar – A primeira marcha a ser ensinada aos alumnos é a caminhada simples, sem preocupação de cadencia, para que se habituem a andar formados, tendo o mestre o cuidado de corrigir as attitudes defeituosas”.¹³ Esta preocupação com a correção de “attitudes defeituosas” é confluyente com os objetivos do método sueco de ginástica, presença integrante daquilo que Tarcísio Vago chamou de primado da ortopedia, orientador da “Gymnastica” nas escolas mineiras do primeiro quartel do século XX.¹⁴

As outras marchas que deveriam ser ensinadas eram as mais diversas: “1º Cadenciada; 2º Nas pontas dos pés; 3º Com o tronco flexionado; 4º Com elevação dos joelhos; 5º Com movimentos simultaneos e alternados dos braços; 6º Com canticos; 7º Com assobios.”¹⁵

A respeito dos saltos, a comissão de professoras apresentou a seguinte observação: “Os saltos em extensão (distancia) ou em altura não devem ser obrigatorios ás meninas. Onde não haja areia ou terreno macio, os saltos devem ser praticados sobre esteiras e capachos.”¹⁶ Esta observação indica uma distinção nas proposições de práticas para meninos e meninas. Apesar de os exercícios serem propostos para turmas mistas, algumas adaptações eram sugeridas para atividades mais intensas, talvez como uma forma de proteger as meninas de atividades que poderiam ser consideradas prejudiciais.

Ao tratar do grupo de exercícios “arremessar”, foram apresentadas algumas recomendações sobre a execução dessa prática: “O professor dará jogos em que os alumnos sejam forçados a fazer arremessos rapidos e lentos. Em alguns jogos, os arremessos devem ser feitos com bolas pesadas.”¹⁷ Tal recomendação apresenta a influência dos jogos em outras práticas corporais previstas para a escola, neste caso, sendo utilizados como um artifício para um “exercício natural” ser viabilizado no contexto escolar. Uma outra interpretação possível é a influência do Método Francês, pois este previa os jogos como uma de suas formas de trabalho.¹⁸

Ao apresentar os jogos como uma prática que deveria ser presença nas aulas de Educação Física, o artigo anuncia:

¹² Cf. Decreto 8094, de 22/12/1927, p. 1737.

¹³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 184.

¹⁴ Cf. Tarcísio Vago, 2002.

¹⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 185.

¹⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 185.

¹⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 185.

¹⁸ Cf. Inezil Marinho, s.d., p. 92.

Jogos – Durante estes exercicios attrahentes, que despertam tanta alegria e entusiasmo, a creança executa uma série de movimentos que lhe são necessarios. Sob o ponto de vista educativo, desenvolvem-lhe o espirito de collectividade e de observação, tendo também grande influencia sobre a vista, a memoria, a destreza, a habilidade, etc. Poderão ser ministrados a criterio do professor, que terá em vista a idade e as condições physiologicas do alumno.¹⁹

É mais uma vez possível perceber nestas representações a presença de uma preocupação com questões pautadas pela Psicologia e pela Fisiologia. Estes dois campos de conhecimento científico, em processo de ordenamento, foram cada vez mais sendo mobilizados para conformar o ensino de Educação Física nas escolas, e por isso faziam parte do conjunto de conhecimentos necessários ao professor de Educação Física. No caso da Fisiologia, esta era uma das bases científicas do Método Francês. Inezil P. Marinho, ao apresentar este método de ginástica, argumenta:

Segundo preceitua o Método Francês, a Educação Física deverá ser orientada pelos princípios da fisiologia. [...] Durante a infância, a Educação Física deve visar ao desenvolvimento harmônico do corpo, enquanto na idade adulta o seu papel é manter e melhorar o funcionamento dos órgãos, aumentar o poder do coração e dos vasos sanguíneos, o valor funcional do aparelho respiratório, a precisão e eficácia dos movimentos, e, pelo conjunto desses meios, assegurar a saúde.²⁰

Além de anunciar representações sobre a importância dos jogos para as crianças, o artigo apresentou quais jogos seriam praticados nas aulas de Educação Física, sendo que alguns desses jogos seriam exemplificados na *Revista* posteriormente:

Segue-se a orientação dos jogos: 1º Jogos simples, sem instrumento (individuaes ou em equipe); 2º Jogos com lenços e bandeiras; 3º Jogos com pequenos cylindros; 4º Jogos com maçãs; 5º Jogos com bastões; 6º Jogos com bolas; 7º Jogos instructivos; 8º Jogos sportivos.²¹

¹⁹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 185.

²⁰ Cf. Inezil Marinho, s.d., p. 87.

²¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 185.

O último tipo de jogo apresentado – “Jogos sportivos” – indica, ainda que discretamente, a presença do conteúdo esportivo influenciando a Educação Física pensada para as escolas. Para Meily Linhales “ao adentrar a escola, o esporte traz na *bagagem* uma série de regras, procedimentos, sujeitos, espaços, temporalidades e objetos que passam, então, a balizar a sua presença e o seu diálogo com tantas outras *bagagens* lá existentes”²². Este diálogo esteve presente na *Revista do Ensino* com outras práticas escolares, sendo uma delas os jogos.

A *Revista* não publicou, no período tratado, textos com prescrição explícita do esporte. Entretanto, os seus códigos e as suas marcas estiveram presentes de múltiplas formas. Já neste primeiro ano de circulação, 1925, uma dessas marcas foi materializada na *Revista* por meio da fotografia. Neste momento, este recurso foi utilizado pelo impresso de maneira dissociada dos textos, porém pretendia demonstrar aos professores, pela imagem, aquilo que estaria sendo praticado na Educação Física das escolas da capital.



FIGURA 1 “Dois teams de Volley-Ball – Alumnas do I e II anno da Escola Normal Modelo”
Fonte: *Revista do Ensino*, n. 9, dez. 1925

²² Cf. Meily Linhales, 2006, p. 23.

Na Figura 1, observa-se uma fotografia reproduzida pela *Revista* em seu número 9, de 1925, sendo retratadas alunas da Escola Normal Modelo, de Belo Horizonte, em pose, sugerindo que estivessem praticando “Volley-ball”. Apesar de a imagem ter sido veiculada sem uma relação direta com os textos próximos a ela, na organização editorial da *Revista*, o impresso parecia querer fazer chegar até os professores uma informação: na escola modelar, onde eram formadas as futuras professoras do ensino primário da capital, a prática esportiva era realizada. Com um sentido muito próximo a este, em seu número anterior, a *Revista do Ensino* já havia reproduzido uma fotografia retratando as alunas da Escola Normal Modelo.



FIGURA 2 - “I e II teams de basket-baal. – Alumnas do III anno da Escola Normal Modelo”
 Fonte: *Revista do Ensino*, n. 8, out. 1925

No caso da Figura 2, a fotografia reproduzida pela *Revista* sinaliza, como se vê na legenda, que as alunas estariam formando dois “teams de basket-baal”. Diferente da Figura 1, nesta, apenas as bolas, seguradas pelas alunas que aparecem sentadas no chão, indicam que seriam duas equipes de um jogo com bolas. Neste caso, a legenda foi de fundamental importância para a identificação da prática que a *Revista* pretendia evidenciar.

Nas duas fotografias, as vestimentas das normalistas não sofreram grandes adaptações para a prática esportiva. As saias do uniforme permaneceram sendo usadas, sendo que, apenas na Figura 2 observa-se na equipe do lado direito a ausência do laço que compõe a blusa do uniforme. Provavelmente uma forma de distinguir as componentes das duas equipes em jogo.

A *Revista do Ensino* repercutia um movimento em processo de expansão e afirmação social: a prática esportiva. Marilita Rodrigues, em seu trabalho de doutoramento, indica que no final da década de 1910 e início da década de 1920, esportes como o voleibol e o basquetebol já estavam sendo praticados na capital Belo Horizonte.²³ A *Revista* demonstrou então, pelas imagens, que estava atualizada sobre práticas inovadoras, experimentadas pela sociedade, e que vinham sendo inseridas paulatinamente na cultura escolar.

Ao apresentar fotografias que retratavam alunas da Escola Normal Modelo da capital dedicando-se a práticas esportivas, mesmo sem textos que afirmassem prescrições a respeito, a *Revista do Ensino* parece ter pretendido que esta fosse uma prática exemplar para o ensino em toda Minas, tanto no nível primário, quanto normal.

Retomando o artigo “Technica sobre Educação Physica”²⁴, outra prática que foi recomendada pela comissão de professoras foram os “exercícios suecos”:

Os exercícios suecos, em geral, já conhecidos em nossas escolas primarias, occupam papel importante na gymnastica escolar e exigem do mestre cuidado especial. Compreendem movimentos simples ou compostos de cabeça, tronco e membros. O seu fim principal é tornar flexivel o tronco, corrigir os defeitos de posição, aumentar a força de resistencia, educando o systema nervoso, fortificando, ao mesmo tempo os orgams da respiração e da circulação.²⁵

Importante considerar esta permanência do método sueco de ginástica, influenciando as práticas escolares em Minas Gerais. A própria comissão de professoras, responsável pelo artigo, reforça que a ginástica sueca já era conhecida nas escolas primárias do Estado. Assim como um dos objetivos apresentados para as “marchas”, os “exercícios suecos” são mantidos nesta prescrição de 1925, também com a permanência de objetivos vinculados ao primado da ortopedia. Além disso, a preocupação com fatores relacionados à Fisiologia também estiveram presentes.

²³ Cf. Marilita Rodrigues, 2006.

²⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 185.

²⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 185.

A realização dos “exercícios respiratorios” foi incluída nesta prescrição na parte referente aos “exercícios suecos”. Na prática, estas duas atividades seriam realizadas simultaneamente:

Os exercícios respiratorios devem ser sempre executados com cadência e ao ar livre. Tornam-se mais eficazes quando se levantem os braços, lateralmente, no momento da inspiração e os abaixem durante a expiração. De um modo geral, deve-se proceder a uma inspiração nos movimentos que tenham por efeito a expansão do thorax e a uma expiração nos que façam diminuir a sua capacidade.²⁶

A ginástica sueca, prescrita no artigo “Technica sobre Educação Physica”, foi representada em fotografias reproduzidas nos primeiros números em circulação da *Revista do Ensino*.

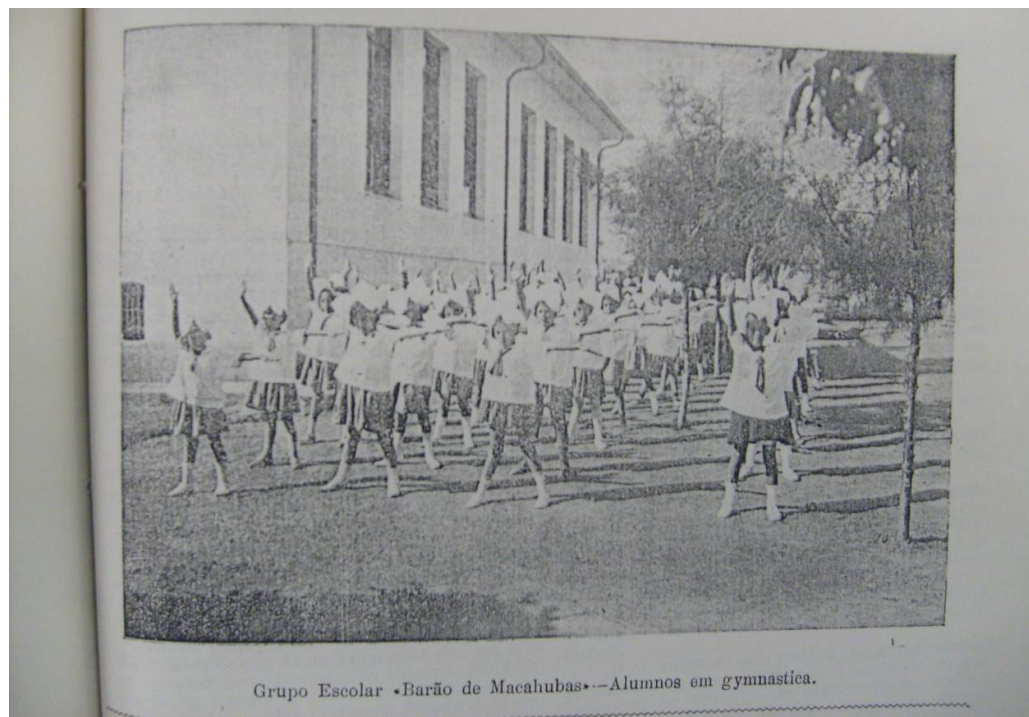


FIGURA 3 – “Grupo Escolar ‘Barão de Macahubas’ – Alumnos em gymnastica.”
Fonte: *Revista do Ensino*, n. 4, jun. 1925

²⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 185.



FIGURA 4 – “Grupo Escolar ‘Barão de Macahubas’ – Alumnos em gymnastica”
 Fonte: *Revista do Ensino*, n. 5, jul. 1925

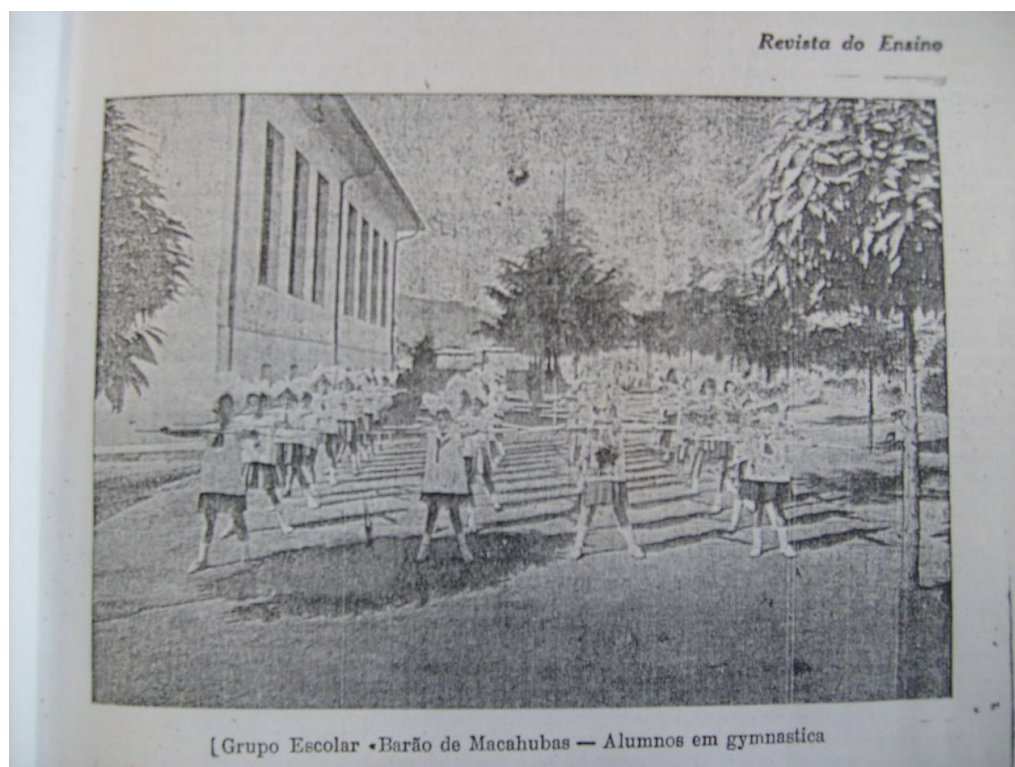


FIGURA 5 – “Grupo Escolar ‘Barão de Macahubas’ – Alumnos em gymnastica”
 Fonte: *Revista do Ensino*, n. 6, ago. 1925

As Figuras 3, 4 e 5 apresentam fotografias reproduzidas pela *Revista* retratando, conforme as legendas originais, “Alumnos em gymnastica” do “Grupo Escolar ‘Barão de Macahubas’”. Tratavam-se de alunas posando para as fotografias em seções de ginástica sueca. Importante perceber que as três imagens foram veiculadas na *Revista*, cada uma em um dos três números que antecederam imediatamente a publicação do artigo “Technica sobre Educação Physica”, ou seja, os números 4, 5 e 6.²⁷ Esta paulatina veiculação de fotografias de práticas de ginástica indica que, para além dos textos, a *Revista* foi mostrando com imagens atividades exemplares de Educação Física para orientar o seu professorado. A opção de exibir tais fotografias, em números separados, pode indicar a insistência na necessidade da Educação Física para o ensino público mineiro. Nas três fotografias, o alinhamento perfeito das quatro fileiras de alunas, bem como a simetria na realização dos gestos, são próprios da organização exigida no método sueco de ginástica.

É importante perceber as múltiplas representações de Educação Física que a *Revista do Ensino* divulgou por meio das fotografias. A veiculação de imagens mostrando a prática da ginástica sueca indica, ainda durante a década de 1920, a forte presença do primado da ortopedia como orientador da Educação Física nas escolas. A preocupação com a correção e a constituição dos corpos²⁸ ainda vinculava os objetivos desta disciplina a uma prática ortopédica. Entretanto, um outro primado emergia naquele momento, e a *Revista* repercutiu este movimento. Tratava-se do primado da eficiência relacionado, neste caso, com as práticas dos jogos e dos esportes, que estavam sendo escolarizadas. O esporte, ao ser inserido nas escolas, trazia um outro fim, não apenas para a Educação Física, mas para as práticas escolares como um todo. Diversos trabalhos, conforme apresentado anteriormente, já ponderaram que não bastaria mais apenas corpos corretos, “endireitados”, mas também corpos eficientes, que pudessem ser úteis à vida moderna e à lógica do trabalho.²⁹

Por meio das fotografias, a *Revista* sinaliza que houve a coexistência destes dois primados da Educação Física nas escolas, ora representada como uma prática ortopédica, ora como uma prática que visaria à eficiência dos corpos.

Finalmente, outra prática prescrita no artigo “Technica sobre Educação Physica” foi a “gymnastica rythmica”:

²⁷ Ressalto aqui esta observação, pelo fato de que muito provavelmente as três fotografias tenham sido produzidas na mesma ocasião. Afirmo isto, considerando que além de terem sido produzidas na mesma área externa, ao lado do prédio do Grupo Escolar, e pela câmera fotográfica ter sido posicionada no mesmo local, as sombras, produzidas pela luz solar, também indicam que os horários das capturas das imagens foram muito próximos.

²⁸ Cf. Tarcísio Vago, 2002.

²⁹ Ver Marta Carvalho, 1997; Tarcísio Vago, 2002; Omar Schneider, 2003 e Meily Linhales, 2006.

A *gymnastica rythmica* compõe-se de exercicios mais flexiveis que, visando a harmonia dos movimentos, procuram tambem desenvolver os musculos e educar o systema nervoso.

Na execução de seus exercicios, deve-se observar o seguinte:

1º Os movimentos devem ser extensos, completos, arredondados e continuos em todas as direcções.

2º Os movimentos serão executados com flexibilidade, ficando em repouso os musculos cujo concurso fôr inutil.

3º As extremidades dos segmentos (braços, pernas, e tronco) descreverão, no espaço, linhas curvas que se aproximem do circulo, da ellipse, e da espiral.

4º O eixo desses movimentos conicos, ora vertical, ora horizontal ou obliquo, passará pelas espaldas e quadris.

5º Os movimentos das pernas são simultaneos e successivos, symmetricos ou não.

6º A velocidade dos diversos segmentos do corpo, cabeça, tronco, braço, mão, coxa, e perna está na razão de sua respectiva massa.³⁰

A “*gymnastica rythmica*”, tal como descrita pela comissão de professoras, aproxima-se do método francês de ginástica, devido à sua fluência, harmonia e continuidade dos movimentos. Inezil Pena Marinho³¹ afirmou que o idealizador do sistema conhecido por Ginástica Rítmica teria sido o suíço Emile Jacques Dalcroze³². De acordo com o autor,

Dalcroze partiu da marcha, como exercício elementar, e criou depois séries de exercícios com os quais objetivava desenvolver e aprimorar o sentido auditivo de suas alunas. Assim, Dalcroze denominou ginástica rítmica ao conjunto de tais exercícios, encarando-os sob um ponto de vista particular: o sentido musical.³³

Este sentido musical não foi apresentado no artigo da *Revista do Ensino* em questão, no entanto, outros artigos fariam mais tarde estas indicações, assim como a referência de que esta prática seria destinada às meninas e às mulheres, como será tratado adiante.

Tal qual outras práticas, a “*gymnastica rythmica*” também foi mostrada pela *Revista* através de fotografia, em um número próximo ao de publicação do artigo “*Technica sobre*

³⁰ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 7, set. 1925, p. 186.

³¹ Cf. Inezil Marinho, s.d.

³² Nasceu em 1865 e morreu em 1950. Foi professor de música do Conservatório de Genebra, tendo ensinado também solfejo e estética.

³³ Cf. Inezil Marinho, s.d., p. 55.

Educação Physica”. Neste caso, a veiculação da fotografia ocorreu em um número imediatamente após a publicação do mesmo.



FIGURA 6 – “Alumnas da Escola Normal Modelo. – Aula de gymnastica rythmica.”
Fonte: *Revista do Ensino*, n. 8, out. 1925

Em seu número 8, de 1925, a *Revista* novamente reproduziu uma fotografia em que as praticantes exemplares eram as alunas da Escola Normal Modelo da capital. Diferente das fotografias apresentadas até então, pode-se observar na Figura 6, que esta foi uma cena capturada com as alunas em movimento. É possível observar o grande número de normalistas que estariam praticando a “gymnastica rythmica” na área externa ao prédio da Escola, deslocando-se pelo espaço, executando os exercícios.

Estas fotografias veiculadas nos primeiros números da *Revista do Ensino*, por exibirem variadas atividades de Educação Física, sugerem a multiplicidade de práticas que pretendia-se que os professores tomassem conhecimento. Assim, a *Revista* foi desenhando um

movimento de escolarização das práticas corporais, constituindo assim a disciplina Educação Física.

No momento inicial de produção e circulação da *Revista do Ensino*, o artigo “Technica sobre Educação Física” e as imagens reproduzidas em seu contexto foram de fundamental importância para o movimento inicial de produção de um projeto de Educação Física, para as escolas de Minas Gerais. Este artigo talvez tenha sido o que mais evidenciou o uso da *Revista* como uma estratégia de formação de professores, ao anunciar as práticas corporais que deveriam ser escolarizadas para compor a disciplina Educação Física. Assim, se este artigo e as imagens veiculadas já anunciavam uma forte presença dessas práticas em 1925, ao longo dos anos de circulação da *Revista do Ensino*, é possível flagrar os movimentos que as prescrições destas e de outras práticas para o ensino de Educação Física foram desenhando no impresso.

3.2 Ginástica: permanências e reconfigurações de uma prática na Educação Física

A ginástica, como uma prática da disciplina Educação Física, teve uma intensa presença ao longo do período de circulação da *Revista do Ensino*. Em algumas publicações foi ainda apresentada como sinônimo da própria disciplina, afinal, como mostrado anteriormente, a *Revista* começou a ser produzida em um período de transição na denominação desta disciplina escolar. Assim, esta mudança não se deu repentinamente. Em Minas Gerais, após pelo menos vinte anos tratando-se este componente curricular por “Gymnastica” ou “Exercicios Physicos”, a denominação ‘Educação Física’ foi paulatinamente ganhando as páginas da *Revista*.³⁴

No ano de 1926, no artigo intitulado “Noções de Educação Physica, Exercicios e Jogos”³⁵, já apresentado no capítulo anterior, a ginástica apareceu imbuída de representações que a associavam tanto a benefícios fisiológicos e ortopédicos, quanto à responsabilidade pela preparação para outras práticas corporais. Ao anunciar a ginástica, este artigo, que não teve autoria identificada, apresentou uma análise desta prática pelos diversos exercícios que a compunham: “Os exercícios educativos são a base da completa educação physica. Na

³⁴ Por estar tratando neste trabalho da disciplina como Educação Física, as denominações “ginástica” ou “gymnastica” são aqui abordadas como conteúdo desta disciplina escolar.

³⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 13, abr. 1926, p. 144.

gymnastica educativa, convem seja lembrada a utilidade, e os efeitos de cada exercicio, bem como o fim a que se destinam.”³⁶ Dessa maneira, o artigo procedeu apresentando para cada exercicio específico, representações que indicassem suas “finalidades” e “utilidades”:

Os exercicios dos pés preparam o alumno para as marchas, corridas e saltos, tornando-os fortes. Tranzem-n’os á bôa posição. Os exercicios das pernas tornam-n’os mais fortes, com a circulação mais activa, concorrendo para a flexibilidade das articulações desses membros. Em resultado augmentam-lhes a resistencia para as marchas, constituindo, ao mesmo tempo a base do exercicio para saltos e corridas.³⁷

Nesta indicação é possível perceber como a ginástica foi pensada com bases fundadas na Anatomia e na Fisiologia, sendo que a finalidade principal dos exercicios apresentados era a preparação para a realização de outras práticas corporais, no caso as marchas, corridas e saltos.

Deste modo, associando a esta atribuição da ginástica como auxiliar para outras práticas, o artigo manteve uma antiga fundamentação para esta atividade, abordando a ginástica como ortopedia: “Os exercicios do tronco favorecem as rectificações da columna vertebral, tornando suas articulações mais flexiveis; contribuem para fortificar as paredes abdominais. Accionam seus musculos.”³⁸ Importante perceber a coexistência destas duas destinações para a ginástica em um mesmo artigo. Nesta publicação, a finalidade de correção e endireitamento dos corpos divide espaço com essa outra finalidade, de preparação para outras práticas. Este movimento indica como a ginástica corretiva foi ganhando outros significados nas páginas da *Revista do Ensino*.

Um mês após ter sido decretado o regulamento do ensino primário, que oficializava a “Reforma Francisco Campos”, o número de novembro de 1927 da *Revista* publicou o artigo “Pela renovação de Minas – A festa de 15 de outubro”, assinado pelo escritor Fabio Lourival.³⁹ O texto foi produzido no contexto da solenidade de comemoração do centenário da escola pública no Brasil, realizada em 15 de outubro de 1927⁴⁰, quando cerca de dois mil alunos de Grupos Escolares de Belo Horizonte foram mobilizados em exibições de ginástica

³⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 13, abr. 1926, p. 144.

³⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 13, abr. 1926, p. 144.

³⁸ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 13, abr. 1926, p. 144.

³⁹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 24, nov. 1927, p. 563.

⁴⁰ Em 15 de outubro de 1827 o Imperador D. Pedro I assinou a lei que obrigava a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império, sendo esta data produzida como um marco da história do ensino primário, no Brasil.

sueca, no campo do “America Futebol Club”.⁴¹ Fabio Lourival apresentou com muita veemência argumentos sobre as práticas de ginástica nas escolas:

A gymnastica militar, que está causando entusiasmo no Brasil, deve ser condemnada nos institutos de ensino. Entregar-se a juventude ao manejo das armas não é um método natural de educação: é uma cultura artificial. Devemos conceder á planta humana o ar, o sol e a liberdade de que precisa para desenvolver-se normalmente, jamais a cofiando a mãos de militares. O ideal da educação physica, do ponto de vista civil, é que se restabeleça o equilibrio entre o trabalho intelectual e o exercicio dos musculos. Devemos preferir a gymnastica natural – a corda, o salto, as marchas e tudo que possa dar graça e força ao homem.⁴²

O autor do artigo, ao criticar a “gymnastica militar”, não defendeu a aplicação de um método de ginástica específico. Durante seu texto, elogiou a iniciativa de se organizar os alunos da capital em uma exibição de ginástica sueca, destacando a questão do patriotismo: “Que as duas mil creanças que outro dia se viram em movimento no stadium ‘America F. R. Club’, cheias de graça, força e de saúde, cheguem breve a ficar em condições de prestar á Patria os serviços que de todas a Patria tem o direito de esperar, [...]”⁴³ No entanto, o próprio método de ginástica sueco, que deu origem à exibição elogiada por Fabio Lourival, tinha como uma de suas subdivisões justamente a ginástica militar.⁴⁴ Isso indica um movimento constante na *Revista do Ensino*. Geralmente seus colaboradores manifestaram a defesa pela prática da ginástica nas escolas, mas raramente entraram no mérito de especificar qual método de ginástica seria o melhor ou qual deveria ou não ser praticado pelos alunos. No caso de Fabio Lourival, o que é possível perceber é a sua explícita crítica à aplicação de práticas militares nos estabelecimentos de ensino.

Neste sentido, o autor continuou:

A disciplina militar, o exercicio com espingardas, as manobras, reprimem a espontaneidade do movimento, enervam a juventude, tiram-lhe toda a alegria, suprimem-lhe toda a originalidade, contribuindo assim para que na sociedade, prevaleça como modelo o automato, o typo daquelles desventurados que, na luta pela vida, nada sabem fazer de iniciativa propria

⁴¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 24, nov. 1927, p. 563.

⁴² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 24, nov. 1927, p. 566.

⁴³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 24, nov. 1927, p. 568.

⁴⁴ Pehr Henrick Ling, que teria sido o precursor da ginástica sueca, conforme Inezil Marinho (s.d.), dividiu este método ginástico em quatro partes: Ginástica pedagógica ou educativa; Ginástica militar; Ginástica médica e ortopédica e Ginástica estética.

e esperam sempre a voz de commando, um impulso alheio para entrar em acção.⁴⁵

Estes argumentos, apresentados por Fabio Lourival, indicam uma estreita filiação com idéias postas em circulação com o ideário escolanovista, bem como o próprio título do artigo, “Pela renovação de Minas”. Concepções sobre práticas renovadas estavam circulando, e o autor do artigo compartilha desses ideais para a educação escolar, especialmente ao defender uma formação do aluno pautada na autonomia, na criatividade e na espontaneidade.

Estrategicamente, por meio de fotografias a *Revista* deu visibilidade, no corpo deste artigo, às práticas de ginástica enaltecidas no texto.

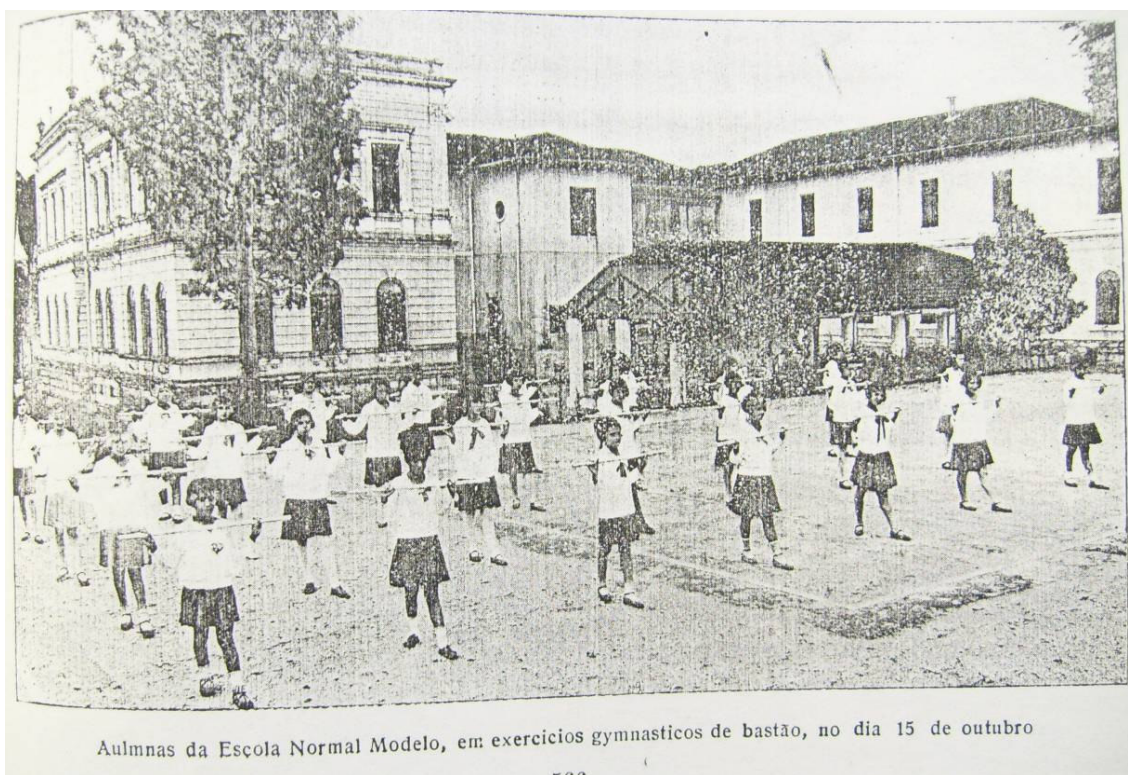


FIGURA 7 – “Alumnas da Escola Normal Modelo, em exercicios gymnasticos de bastão, no dia 15 de outubro”

Fonte: *Revista do Ensino*, n. 24, nov. 1927

⁴⁵ Cf. *REVISTA DO ENSINO*, n. 24, nov. 1927, p. 567.



FIGURA 8 – “Commemoração do centenário do ensino primário – Exercícios gymnasticos na Escola Normal Modelo”

Fonte: *Revista do Ensino*, n. 24, nov. 1927

Importante perceber, com estas imagens (Figuras 7 e 8), como a Escola Normal Modelo da capital foi mobilizada nas comemorações do “centenário do ensino primário”. Além das exibições de ginástica sueca, organizadas com os alunos do ensino primário, essa instituição modelar de formação das professoras também foi mobilizada a celebrar o “15 de outubro” com demonstrações de ginástica. A centralidade que esta prática escolar de Educação Física teve nas festividades pode indicar que, cem anos após a lei de criação das “escolas de primeiras letras no Brasil”, a ginástica foi considerada como uma expressão da escola organizada, comprometida com a formação integral do aluno, como anunciara Fabio Lourival em seu texto. A *Revista*, ao publicar um artigo que indicava a ginástica, novamente mostrou alunas da Escola Normal Modelo exibindo esta prática exemplar.

Em outubro de 1928, como tratado no capítulo anterior, a *Revista* publicou um artigo sobre o “Curso de Aperfeiçoamento” para o professorado, realizado em Belo Horizonte.⁴⁶ Ao apresentar as disciplinas ministradas, a Educação Física foi ainda intitulada por “Gymnastica”, sendo seus professores os membros da Inspetoria de Educação Física, Renato Eloy de Andrade e Guiomar Meirelles. Detalhando o conteúdo do curso, na parte referente a esta disciplina, a ginástica teve uma presença prioritária:

Assumpto: – Calisthênica – Nomenclatura em geral – Dos movimentos em geral – Direcções – Posições – Vozes de commando – Instrucções Geraes – Educação physica – Palavras de introduccão – Relação das actividades que podem constituir um programma de educação physica – Methodo artificial – Methodo natural – Marchas – Evoluções – Exercícios calisthênicos, por ordem, por rythmo, com musica – Exercícios em conjuncto, simples e combinados, com alteres, bastões, maças, bandeiras.⁴⁷

No programa de curso apresentado, a ginástica calistênica teve destaque.⁴⁸ É possível associar este protagonismo da calistenia, como prática da Educação Física escolar, com a formação do Inspetor de Educação Física, Renato Eloy de Andrade. Conforme apresentado anteriormente, Renato Andrade manteve vinculação com a Associação Cristã de Moços⁴⁹, principal propagadora da calistenia no Brasil.

Voltando a observar a Figura 7, que mostra uma fotografia publicada dois números antes na *Revista do Ensino*⁵⁰, a ginástica exibida na Escola Normal Modelo possuía elementos da calistenia, por exemplo, pela utilização de bastões, como previa este método. De acordo com Inezil P. Marinho⁵¹, a ginástica sueca e a calistênica tinham muitas características em comum, e estas semelhanças ganharam as páginas da *Revista do Ensino*.

O professor e Inspetor de Educação Física, Renato E. Andrade, foi um dos poucos colaboradores da *Revista do Ensino* a anunciar “métodos” e “sistemas” de ginástica e de

⁴⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 26, out. 1928, p. 71.

⁴⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 26, out. 1928, p. 79.

⁴⁸ Inezil P. Marinho (s.d.) apresenta o significado da palavra calistenia, de origem grega: *Kallós* significa belo e *sthenos* significa força. A tradução seria “cheio de vigor”, “fôrça harmônica”, ou ainda, “promover a graça e fôrça corporal por meio de exercícios musculares”. O autor afirma, ainda, que “a Calistenia é um sistema de ginástica que encontra as suas origens na ginástica sueca e que apresenta, como características, a predominância de formas analíticas, a divisão dos exercícios em oito grupos, a associação da música ao ritmo dos movimentos, a predominância dos movimentos sôbre as posições e exercícios à mão livre e com pequenos aparelhos (halteres, bastões, maças, etc.)”.

⁴⁹ Cf. Giovanna Silva, 2007.

⁵⁰ Cf. Revista do Ensino, n. 24, nov. 1927, p. 566.

⁵¹ Inezil Marinho (s.d.).

Educação Física. Neste artigo, na continuação da apresentação da disciplina, ministrada por ele em parceria com a professora Guiomar Meireles, este anúncio se fez presente:

Ha varios systemas de ensino: o francez, o sueco, o inglez, o alemão e o argentino. Quanto aos methodos, ha tres: o da imitação, o das series, e o do commando directo. Os meios são quatro: a explicação, execução, a correcção e a repetição. Dos methodos acima expostos o que offerece maiores vantagens é o do commando directo.⁵²

Cabe observar nesta apresentação uma gradativa sistematização do ensino de Educação Física. Para isto, as ações da Inspeção de Educação Física tiveram uma importância central, com proposições de professores que se especializaram nesta disciplina, circulando pela *Revista do Ensino*.

Neste mesmo ano, a *Revista* publicou o artigo “Nomenclatura de Calisthenia”⁵³, que não teve identificação de autoria, embora, pelo detalhamento do conteúdo, seja muito provável que tenha partido da “Inspeção de Educação Física”. Foram treze páginas da *Revista* dedicadas exclusivamente aos nomes das posições, dos movimentos, dos eixos e planos em que os mesmos seriam executados, além das vozes de comando que deveriam direcionar as aulas de ginástica calistênica. Este detalhamento técnico e o espaço destinado na *Revista* para orientações sobre uma prática de Educação Física, indicam como o impresso foi mobilizado a fazer circular esse conhecimento específico.

A presença de artigos assinados pelos membros da “Inspeção de Educação Física” foi intensa neste período. Em 1931 foi veiculado o artigo “Objetivos na organização e administração da Educação Física Escolar”⁵⁴, e na apresentação do texto, eles assim anunciavam: “A Educação Física Escolar deve focalizar, principalmente, os seguintes objetivos: corretivo, educacional, higienico, recreativo e social.” Estes objetivos representam como a Educação Física estava sendo proposta pela Inspeção. Este órgão do Estado de Minas imprimiu nas páginas da *Revista do Ensino* proposições para a Educação Física, com um embasamento técnico não visto antes de sua criação.

Anunciados tais objetivos, o artigo apresentou como as diversas práticas prescritas para a disciplina poderiam contribuir para o alcance dos mesmos. Importante destacar como a ginástica iria promover o objetivo de correção, na Educação Física:

⁵² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 26, out. 1928, p. 80.

⁵³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 27, nov. 1928, p. 43.

⁵⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 53,54,55, jan/fev/mar. 1931, p. 88.

Para que mantenha, no corpo, um bom estilo, e lhe corrija uma postura má ou um defeito, qualquer exercício deve ser: a) frequentemente repetido; b) mais contínuo e moderado do que violento; c) bastante poderoso para restaurar o normal, ou manter no normal ou tentar aproximar do normal; d) despertar interesse no educando; e) ser uma receita exata para prescrever um defeito ou uma deformidade definitivamente diagnosticada.⁵⁵

Estes efeitos corretivos seriam alcançados com o auxílio direto da “medicina escolar”: “A prescrição dos exercícios corretivos deve ser cuidadosamente orientada pelo exame medico-antropométrico”.⁵⁶ Assim, a ginástica, sob o aspecto da ortopedia, permaneceu disseminada na *Revista*, sobretudo com o apoio do campo de conhecimento da medicina, que seria viabilizado com a atuação do “médico escolar”.

Neste sentido, dois artigos foram publicados na *Revista*, tratando da ginástica, assinados pelo “médico escolar”, Aureliano Tavares Bastos. Ambos os artigos receberam o mesmo título: “Praticabilidade de uma ginástica eletiva nos Grupos Escolares”.⁵⁷ Tratava-se de textos em que o “médico escolar” relatava sobre a ginástica corretiva que ele desenvolvia nos Grupos Escolares da capital, com o auxílio dos professores: “Cada paciente ou deformado, por meio da gymnastica ao espelho e sob o contrôlo do eschemathografo, corrige-se, executando series de exercicios dictados pelo educador ou inspector, que o acompanha e o orienta com energia.”⁵⁸ Deste modo, os dois artigos mantiveram-se centrados nos objetivos que poderiam ser alcançados, e nos resultados obtidos com a “gymnastica de correção colectiva ou individual de defeitos”. O detalhamento dos “defeitos posturais”, incluindo fotografias individuais dos alunos, no segundo artigo, indica como a importância atribuída à “ginastica corretiva” se fez presente na *Revista do Ensino*, por influência da área médica. O impresso mostrou que os investimentos deste campo de conhecimento adentraram a escola não apenas através dos discursos, mas também pela atuação direta de um “médico escolar”, orientando os professores sobre como aplicar uma ginástica ortopédica.

Nos anos decorrentes, as prescrições de ginástica não tiveram uma presença tão representativa na *Revista*, reaparecendo com centralidade apenas no ano de 1936, com o artigo “Um problema do momento – Necessidades da estylização do Methodo Francez –

⁵⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 53,54,55, jan/fev/mar. 1931, p. 88.

⁵⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 53,54,55, jan/fev/mar. 1931, p. 89.

⁵⁷ O primeiro artigo foi publicado no número 49, de 1930 (p. 38) e o segundo na edição dos números 59,60,61, de 1931 (p. 67).

⁵⁸ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 49, set. 1930, p. 38.

Como fazel-a em relação á educação physica feminina, nos estabelecimentos de ensino secundario”⁵⁹. Importante lembrar que, naquele momento, o Método Francês de ginástica já havia sido oficialmente adotado no Brasil para os estabelecimentos de ensino⁶⁰, prescrição legal, esta, também destacada no artigo.

O texto, conforme sua própria apresentação, estaria voltado prioritariamente para a questão da Educação Física nas Escolas Normais. Assim, a *Revista*, ao reproduzir este artigo, promovia uma afirmação do Método Francês, como o orientador da ginástica a ser praticada nas aulas de Educação Física dessas instituições.

[...] tínhamos de lutar com falta de local apropriado aos exercicios ao ar livre e com escassez de material. E, apesar dos obstaculos que tínhamos a vencer, deveriamos conseguir a adaptação dos exercícios do methodo francez, correspondentes ás sete familias – marchar, escalar, saltar, levantar e transportar, correr, lançar, atacar e defender-se – introduzindo elementos de uma directriz capaz de proporcionar um novo factor de efficiencia.⁶¹

Nota-se, nesta proposição, a diferença da ginástica corretiva aplicada anos antes nos Grupos Escolares, como propunha o “médico escolar”, Aureliano Bastos. Aqui, o professor Idyllio Abbade, amparado no Método Francês, propõe para as Escolas Normais uma perspectiva de ginástica que poderia proporcionar: “o equilibrio das funções, a graça e a leveza dos movimentos – um corpo são, forte e harmonioso – em aulas cheias de encanto e de interesse, para o completo florescimento physico de nossas jovens”⁶². A circulação dos diferentes métodos de ginástica, na *Revista*, foi acompanhada por diferentes representações de Educação Física.

Ainda em 1936, foi publicado o artigo “Um dia de leitura”, em que a professora Adelina Garcia de Lacerda escreve sobre o planejamento de “exercicios de gymnastica”:

As lições de gymnastica não poderão, terminantemente, ser improvisadas; reclamam de facto, um preparo especial da mestra. Assim como não se improvisam aulas de Arithmetica, Lingua Patria, Geographia, etc., sobre

⁵⁹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 125,126,127, abr./mai./jun. 1936, p. 119. Conforme apresentado no capítulo anterior, este artigo, que teve autoria do professor Idyllio Alcantara Abbade, havia sido publicado um mês antes na “Revista de Educação Física”, editada pela Escola de Educação Física do Exército, no Rio de Janeiro.

⁶⁰ De acordo com Silvana Goellner (1992), no ano de 1929 o Método Francês foi indicado como o método oficial da Educação Física em todos os estabelecimentos de ensino do país. Porém, sua oficialização deu-se em 30/06/1931, pela portaria n. 70 do Ministério da Guerra, a qual instituiu também a sua obrigatoriedade.

⁶¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 125,126,127, abr./mai./jun. 1936, p. 121.

⁶² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 125,126,127, abr./mai./jun. 1936, p. 125.

ponto algum, afinal, também não se poderá formular repentinamente uma aula de gymnastica, sem o devido preparo, que reclama muito esmero e grande critério, por parte do professor.⁶³

Esta crítica à falta de preparação das aulas de uma prática da Educação Física confere a essa disciplina a mesma importância atribuída às demais. O imprevisto, antes admitido, passava a ser combatido também para a Educação Física.

Dois anos depois, foi publicado na *Revista* um dos últimos artigos a fazer referência à ginástica, recebendo o título “Case dei bambini – Ligeiros comentários a propósito do sistema educativo da dra. Maria Montessori”⁶⁴. O autor do artigo, Fabio Luz, Inspetor Escolar aposentado, apresentou algumas diretrizes gerais do método de ensino proposto por Maria Montessori.⁶⁵ Deste modo, em sua argumentação, foram apresentadas críticas à ginástica praticada nas escolas:

A ginástica nas escolas é um exercício coletivo, executado sob o comando do mestre. Tal ginástica, é ainda um processo coercitivo, impede os movimentos espontâneos e impõe outros, de um duvidoso critério fisiológico. Tais movimentos são semelhantes aos da ginástica médica para fazer voltar aos movimentos naturais uma articulação imobilizada durante muitos dias em aparelho gessado ou para restituir a mobilidade normal a um membro parético. Alguns movimentos do busto se parecem com os exigidos contra o torpor intestinal. Que proveito tiram as crianças normais destes exercícios? São outros exercícios de ginástica escolar muito próximos parentes dos primeiros passos da acrobacia.⁶⁶

Estas críticas à ginástica sugerem que as considerações sobre as práticas de Educação Física veiculadas na *Revista* não configuravam um discurso consensual. Ao contrário disso, o impresso veiculou, ainda que discretamente, resistências às proposições de ginástica para as escolas. Este movimento, compreendido por proposições heterogêneas, ora apresentando inovações, ora apoiando-se em permanências, ora mostrando as resistências, foi próprio do processo de construção de um projeto de Educação Física para as escolas de Minas Gerais. Se ao longo do período estudado a ginástica esteve sempre presente, esta presença evidencia

⁶³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 128-133, jul-dez. 1936, p. 59.

⁶⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 152-154, jul-set. 1938, p. 155.

⁶⁵ Nascida na Itália em 1870, criou um método de ensino pautado na educação da vontade e da atenção, primando pela atividade, individualidade e liberdade dos alunos. Ver Carlos Monarcha (2001).

⁶⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 152-154, jul-set. 1938, p. 156.

também a pluralidade de prescrições, métodos e ancoragens que lhe davam sustentação. A ginástica permaneceu modificando-se.

3.3 “Jogos gymnasticos” ou “jogos sportivos”: itinerários de uma prescrição para a Educação Física

A presença de prescrições sobre os jogos como uma das práticas da disciplina Educação Física foi expressiva na *Revista do Ensino* em quase todo o período de circulação analisado. Assim, uma das primeiras indicações neste sentido foi publicada com o artigo “Noções de Educação Física”⁶⁷, em maio de 1926, sem identificação de autoria: “Iniciamos hoje uma nova série de jogos gymnasticos, ‘Jogos do Cylindro’, cujas vantagens é excusado demonstrar, pois a actividade é uma lei da natureza.” Na parte referente aos jogos, o artigo se limitou à descrição de atividades em equipe, com caráter competitivo. A seguir, segue reproduzida uma destas atividades descritas no artigo:

I – *Material* – dois cylindros para cada partido. *Regra* – De um lado do pateo formam-se os alumnos em columnas, tendo o primeiro de cada column a um cylindro á mão. A uma distancia de 10 a 20 metros, traçam-se tantos triangulos quantas sejam as turmas – haverá dentro de cada triangulo 1 cylindro. Dado o signal, o primeiro menino da cada column corre, indo trocar o cylindro que levava, pelo que estava no triangulo; de volta deverá entregal-o ao segundo que executará o mesmo trabalho. E assim se continuará. O partido que, em primeiro logar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores, será o vencedor.⁶⁸

Esta atividade tinha como incentivo para os alunos a produção de uma equipe vencedora ao final. Este estímulo à competição foi uma marca da presença dos jogos, como prática da Educação Física, nas páginas da *Revista*. Como vimos, um novo molde, baseado na eficiência dos gestos, estava emergindo para a escola e para a Educação Física. Marta Carvalho argumenta que essa “nova compreensão” estaria imbuída das “novas exigências

⁶⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 14, mai. 1926, p. 181.

⁶⁸ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 14, mai. 1926, p. 182.

postas nos novos ritmos que a técnica e a máquina imprimem à sociedade”⁶⁹. Neste sentido, a prática dos jogos foi, na Educação Física, uma oportunidade de materializar esta proposição.

Importante destacar que, nos primeiros números da *Revista*, os artigos dedicados aos jogos na disciplina Educação Física geralmente apresentavam desenhos relativos às práticas a serem executadas. Esta particularidade pode indicar a importância atribuída a tais ilustrações pela *Revista do Ensino*, dado que este recurso foi pouco utilizado pelo impresso. Nas Figuras 9 e 10, observa-se dois desses desenhos que foram apresentados como orientação do professorado, juntamente com os textos escritos e as fotografias.



FIGURA 9

Fonte: *Revista do Ensino*, n. 19, dez. 1926

⁶⁹ Cf. Marta Carvalho, 1997, p. 308.

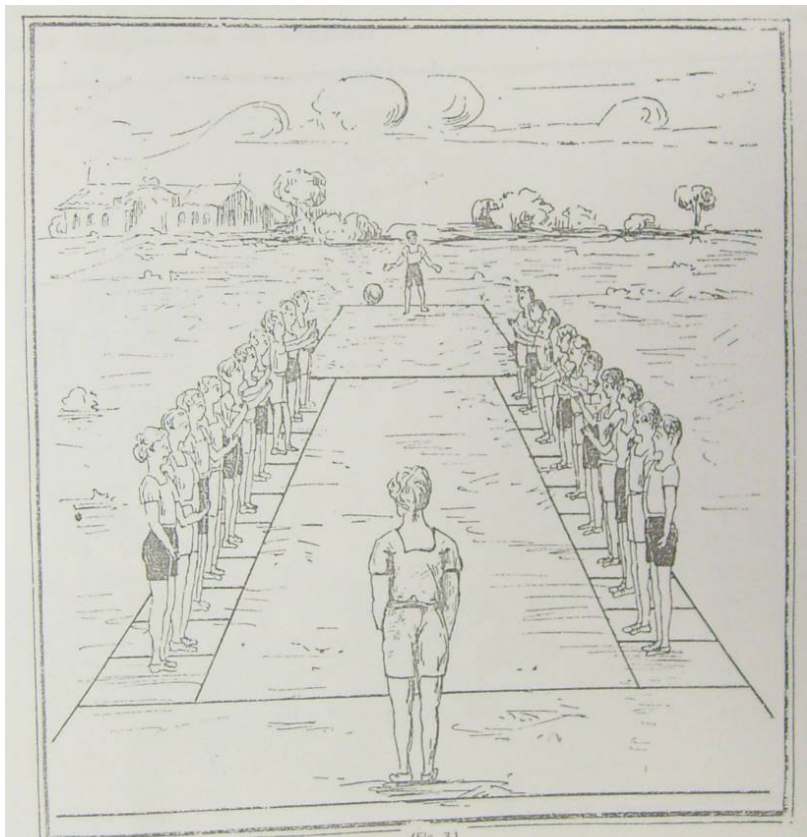


FIGURA 10

Fonte: *Revista do Ensino*, n. 19, dez. 1926

Importante destacar nas imagens contidas nas Figuras 9 e 10 que, além de indicarem como deveriam ser organizadas as atividades de Educação Física, também indicavam uma idealização dos espaços destinados a estas práticas. Geralmente a *Revista do Ensino* prescrevia que as aulas de Educação Física deveriam ser realizadas prioritariamente ao ar livre e em um “pátio”.

Ainda no ano de 1926, foi publicado o artigo intitulado “Educação physica”⁷⁰, já abordado anteriormente neste trabalho. Este artigo, que também não teve sua autoria identificada, apresentou novamente a expressão “jogo gymnastico”:

O jogo gymnastico é a mais natural forma de exercicio. Consorcia os movimentos simples ás atitudes naturaes, de mais facil execução, na pratica pelos exercitandos. Não ha nos jogos movimentos novos, como temos dito: ha apenas o aperfeiçoamento de movimentos que já lhes eram familiares. [...] Seu valor, como exercicio, é incontestável. Os jogos contribuem para a

⁷⁰ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 16,17, jul./ago. 1926, p. 274.

educação da vontade, da vista, da memória, destróem o sentimento tão natural de medo, ante o perigo, alem de suggerir ao espirito – decisão, energia, observação, dominio sobre si mesmo, alegria, cordialidade, entusiasmo, honestidade, sentimento da honra e da justiça!⁷¹

As representações sobre esta prática, veiculadas nos artigos da *Revista do Ensino*, indicam uma possibilidade para a utilização desta expressão: “Jogos gymnasticos” parece tentar combinar os objetivos da ginástica, conhecida anteriormente nas escolas, com objetivos dos jogos, que seriam naturalmente praticados pelos alunos com “prazer” e “entusiasmo”.

A continuação deste artigo, dois números depois⁷², também apresentou argumentos nesta direção:

Os jogos gymnasticos são a mais natural forma do exercicio – o melhor meio de pôr a criança em actividade physica; sua efficiêcia é de valor indiscutivel. Aos exercicios de gymnastica, uniformes, faltam a emulação, o attractivo, o interesse que os jogos infantis despertam. E a criança entregue a essa disciplina sente-se feliz, demonstrando intelligencia precoce nas suas attitudes.⁷³

Representações acerca dos jogos também foram veiculadas na *Revista* em 1928, com a publicação que noticiava a realização de um “Curso de Aperfeiçoamento”⁷⁴ na capital, conforme mostrado anteriormente. Neste artigo, os “jogos menores” foram apresentados como a outra prática de Educação Física, prevista para as escolas, além da ginástica:

O jogo é um estímulo poderoso do desenvolvimento intellectual da creança, um excitador de suas energias mentaes e physicas. Ademais, os jogos constituem uma excellente gymnastica da vontade e da atenção. O jogo é para a creança o que o dever e o trabalho são para o adulto. Os jogos têm pois, um papel altamente educativo e o professor deve aproveitar isso, introduzindo-os na escola.⁷⁵

Os jogos foram previstos para a disciplina Educação Física na medida em que eram considerados uma “forma natural” de atividade para as crianças. Aproveitando esse interesse

⁷¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 16,17, jul./ago. 1926, p. 274.

⁷² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 19, dez. 1926, p. 387.

⁷³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 19, dez. 1926, p. 388.

⁷⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 26, out. 1928, p. 71.

⁷⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 26, out. 1928, p. 80.

“natural” dos alunos, o professor poderia almejar finalidades específicas para a Educação Física. Importante destacar ainda a presença dos jogos em um curso de aperfeiçoamento de professores, o que reforça que a Educação Física não estaria mais apenas restrita à ginástica.

Esta perspectiva, dos jogos como atividade natural para as crianças, foi reafirmada por Renato Eloy de Andrade em 1929, no artigo “Educação Physica – Sua efficiencia e a professora”⁷⁶:

Uma aula de educação physica divide-se em duas partes fundamentaes, que são: primeira actividades *artificiaes*, representadas pela gymnastica, cuja base é a calisthenia, constituída de movimentos symetricos e que exige posições controladas e disciplinadas pela vontade; segunda, actividades *naturaes*, representadas pelos jogos e assim chamadas porque interessam aos instinctos.⁷⁷

O Inspetor de Educação Física do Estado, nesta proposição, mais que defendeu a inserção dos jogos nas aulas de Educação Física. Ele estabeleceu uma divisão sistemática da aula, em que a ginástica e os jogos seriam práticas completares e compatíveis. É possível sugerir que nesta classificação, em atividades artificiais e naturais, os jogos estivessem sendo pensados também como uma forma de amenizar a rigidez das aulas de Educação Física. Tal proposição parece estar associada à influência da Psicologia na produção dessa disciplina, como mostrado anteriormente, especialmente no que se refere à autonomia e ao autogoverno como princípios educativos em circulação.

Instruções neste sentido foram estabelecidas pela “Inspeção Geral da Instrução”, como publicado na *Revista* dois números depois, em abril de 1929.⁷⁸ A Inspeção de Educação Física estava diretamente vinculada a este órgão do governo de Minas. Justamente por isso, tais instruções confirmavam a proposição do Inspetor de Educação Física, Renato Eloy de Andrade, de duas partes para uma aula de Educação Física, sendo que a primeira, destinada à ginástica, foi indicada como sendo “menos agradável”, pois “não oferece os elementos recreativos dos jogos e esportes”.⁷⁹

As referências ao esporte, bem como aos jogos competitivos, foram recebendo maior visibilidade na *Revista do Ensino*, conforme pode ser observado no programa da disciplina,

⁷⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 30, fev. 1929, p. 33.

⁷⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 30, fev. 1929, p. 34.

⁷⁸ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 32, abr. 1929, p. 73.

⁷⁹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 32, abr. 1929, p. 74.

publicado com essas instruções. Transcrevo a seguir a forma como a prática dos jogos foi prevista para os cursos primários:

“1º ano: Jogos menores – recreativo-activos”; “2º e 3º anos: Jogos – competitivos inter-grupos, onde entram: i – corrida e saltos em combinação; ii – corridas e arremessos de bola em combinação. Campeonatos – de jogos competitivos (trimestraes, entre ‘teams’ organizados nas proprias classes)”;

“4º ano: Jogos: 1º - menores; 2º - maiores, de organização simples. Campeonatos: 1º - jogos maiores de organização simples, entre ‘teams’ organizados entre todos os alumnos do 4º anno. 2º - jogos maiores de organização simples – jogos amistosos com outros grupos ou escolas. Visitas ás instituições sportivas idoneas do local”.⁸⁰

Nestas prescrições é possível perceber como os jogos foram paulatinamente esportivizados, na medida em que códigos próprios de modalidades esportivas, como a competição e os campeonatos, foram associados a esta prática de Educação Física. Assim, pela *Revista*, é possível afirmar que os jogos tenham contribuído para a entrada do esporte na escola em Minas Gerais.

A presença do esporte, adentrando a escola e as aulas de Educação Física, também pôde ser percebida na transcrição da conferência realizada na Escola Normal de Juiz de Fora, pela “professora de educação physica” desta instituição, Maria da Gloria Carvalho.⁸¹ Intitulado na *Revista* por “A Educação Physica”, o texto da conferência anuncia o esporte como uma “evolução” da Educação Física: “Chegamos a um ponto em que a educação physica mudou de character, evoluindo para o *sport*, que até garante eternizar-se na vida da humanidade, tal o encanto que a sua pratica desperta.”⁸² Contudo, esta “prática encantadora”, segundo a professora, também precisaria de cuidados especiais por parte dos professores:

Os *sports* são entre nós praticados, em alguns centros de população numerosa, sob regras beneficas que só podem contribuir para augmentar a saude do corpo. Infelizmente, porém ainda não dispomos de muitas organizações sportivas capazes de dictar boas regras para a prática dos *sports* e que sejam religiosamente obedecidas. Isso, aliás, só se consegue para os execicios physicos realizados sob as vistas dos professores, porque só com a disciplina physica, só com a obediencia dos methodos, é possível

⁸⁰ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 32, abr. 1929, p. 76.

⁸¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 34, jun. 1929, p. 20.

⁸² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 34, jun. 1929, p. 23.

evitar o inconveniente do *sport* violento, praticado sem regras, prejudicial á saude, causador de accidentes graves e molestias mortaes.⁸³

Neste trecho da conferência, em que a professora apresenta ponderações a respeito do esporte, tem-se um indicativo de como esta prática estaria sendo escolarizada pela disciplina Educação Física. Importante notar, sobretudo, que tal conferência foi ministrada em uma escola normal, centro de formação de professoras para o ensino primário. Lembrando que, também em uma escola normal, foram produzidas as fotografias de práticas esportivas apresentadas no início deste capítulo. Assim, a *Revista* indica um possível movimento de escolarização do esporte em Minas Gerais, especialmente pelas escolas normais.

A circulação de proposições para os jogos, como prática da Educação Física, tornou-se menos intensa de 1930 a 1933, sendo retomada com artigos mais expressivos em 1934. Neste ano foi publicado o artigo “Jogar ou não jogar”, de autoria do “Assistente técnico do ensino”, Abel Fagundes, frequente colaborador da *Revista do Ensino* entre os anos de 1930 e 1940. O texto apresentou uma reflexão a partir de críticas de famílias de alunos, a respeito da prática dos jogos na escola:

Sabemos nós, os que lutam com as realidades da educação, que um dos pontos que se accentua a discordia entre a escola e a familia são os jogos praticados na escola. Com quem a razão? A familia allega que manda os filhos á escola para aprenderem, e não para brincarem, o que já fazem sufficientemente e até sobejamente em casa. E que, sobretudo, o jogo já é vicio bastante arraigado para que a escola ainda se incumba de desenvolver nas creanças o gosto, o habito e a technica desse horrendo vicio.⁸⁴

Este relato de Abel Fagundes revela que a prática dos jogos nas escolas teria encontrado resistências das famílias. Assim, ao longo do artigo, ele apresentou argumentos que justificariam a presença desta prática nas escolas. Dentre estes argumentos, um merece maior destaque:

O jogo escolar é apenas um instrumento de exercicio dos mais profundos poderes pessoaes. Opportunamente, tal instrumento será substituído pelo trabalho real, e o antigo escolar, agora adulto, porá em jogo, para vencer na vida, o mesmo empenho, o mesmo interesse, a mesma atenção, o mesmo

⁸³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 34, jun. 1929, p. 24.

⁸⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 109, dez. 1934, p. 59.

esforço e a mesma carga de amor próprio com que na escola disputava a victoria aos seus contendores de momento – collegas e amigos de sempre.⁸⁵

Esta justificativa para a presença dos jogos nas escolas está apoiada em uma perspectiva de educação voltada à preparação para a vida adulta, sobretudo, uma preparação para o trabalho no contexto da vida moderna.

Neste mesmo ano, foi publicado o artigo “Educação física – O jogo como fator de educação”⁸⁶, que compreendia um trecho de uma conferência de um educador argentino, intitulado na *Revista* por “dr. Nelson”. Este texto foi traduzido e adaptado pela professora Diumira Campos de Paiva, que atuou na Inspetoria de Educação Física de Minas Gerais. Logo em sua apresentação, afirma: “O jôgo é, antes de tudo, um fator de educação física, mas a educação física da mais alta classe, porque é natural, agradável e recreativo em muito maior grau que a ginastica.”⁸⁷ Estas representações acerca dos jogos estão em harmonia com aquelas afirmadas em edições anteriores da *Revista*. Esta prática continua sendo recomendada para a Educação Física, sob o argumento de seria mais “natural” e “agradável” que a ginástica.

De todo modo, além destas duas práticas continuarem sendo recomendadas para a Educação Física, a *Revista* também repercutiu este movimento, mostrando, por meio de fotografias, como ambas estariam de fato coexistindo nas escolas.

⁸⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 109, dez. 1934, p. 63.

⁸⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 103, jun. 1934, p. 74.

⁸⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 103, jun. 1934, p. 74.



FIGURA 11 – “Membros do club sportivo “Jair Guimarães de Paula”, do Grupo escolar de Ubá, após uma partida de Volley-ball.”

Fonte: *Revista do Ensino*, n. 118, set. 1935



FIGURA 12 – “Uma aula de educação physica no Grupo Escolar de Ubá”

Fonte: *Revista do Ensino*, n. 118, set. 1935

Estas duas fotografias (Figuras 11 e 12) foram reproduzidas na *Revista* em um mesmo número, uma seguida da outra. É importante observar que elas retratam atividades realizadas no mesmo “Grupo Escolar de Ubá”. Tal observação sugere que nesta escola do interior de Minas, os jogos e a ginástica eram práticas presentes em seu cotidiano, ou ainda, que a *Revista do Ensino* estava produzindo esta idéia, mostrando o interior do Estado. A Figura 11 mostra alunos em pose, supostamente “após uma partida de Volley-ball”, mais um indicativo do esporte sendo escolarizado. A Figura 12 retrata uma aula de “ginástica de bastão”, prática indicada no método da calistenia, como exibida na *Revista*, sete anos antes, em uma fotografia de alunas da “Escola Normal Modelo” da capital⁸⁸. O que se pretende mostrar aqui é uma coexistência dos jogos – que estavam sendo esportivizados – com a ginástica, práticas que acompanharam o longo período de circulação da *Revista do Ensino*.

Outro aspecto que cabe ser destacado é o contraste entre as duas fotografias. A Figura 11, refere-se ao esporte, prática que, assim como os jogos, foi recorrentemente representada na *Revista* como “natural” e mais “recreativa”. Nela, apesar de os alunos estarem em uma pose para a fotografia, é possível perceber uma determinada descontração: a professora ajoelhada no chão em meio aos alunos, alguns destes sentados no chão, sorrindo, abraçando os colegas, meninos e meninas juntos, enfim, todas estas impressões podem indicar uma afinidade com o discurso que circulava sobre esta prática. Um contraste é observado na Figura 12. Nesta, aparentemente, estariam praticando a ginástica apenas as meninas, em uma formação cadenciada, em fileiras, com a mesma professora posicionada à frente da turma, exatamente como prescrevia a ginástica sueca e a calistênica, representadas na *Revista* como uma atividade “artificial”.

Retomando o texto de conferência, “Educação física – O jogo como fator de educação”⁸⁹, uma outra perspectiva foi agregada à utilização dos jogos nas aulas de Educação Física:

É uma atividade moral excelente, porque inculca a ética da ação. Proporciona oportunidade para viver no presente, para atuar entre iguais, para pôr à prova o caráter. [...] A educação física, através do uso dos jogos, emprega os melhores esforços para corrigir os instintos egotistas que nesta última etapa de progressão aparecem, pois o menino que antecipa seus

⁸⁸ Refiro-me a Figura 7 deste mesmo capítulo.

⁸⁹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 103, jun. 1934, p. 74.

interesses pessoais ao de seu “team” será incapaz de manter sua lealdade ao grupo social de que amanhã fará parte.⁹⁰

Nesta mesma direção, a tradutora desta conferência, professora Diumira Paiva, afirmou no artigo de sua autoria, “Educação Physica na escola primaria”⁹¹, publicado na *Revista* um ano depois:

Não se deve considerar que as actividades phisicas, de per si, formam bons caracteres. É um erro pensar que o foot-ball, o volley-ball, dão inevitavelmente à criança coragem, espirito de cooperação e dominio proprio. As actividades phisicas offerecem simplesmente oportunidades para lições moraes e para sua applicação.⁹²

Nestas argumentações, a Psicologia foi novamente mobilizada. Desta vez para falar de aspectos de uma formação moral, com a prática dos jogos e esportes na Educação Física. Ganham destaque, nestas proposições, os modos de agir na vida social, em que esta disciplina, especialmente por meio dessas práticas, poderia proporcionar grandes contribuições para o futuro adulto dos alunos.

3.4 “Gymnastica Rythmica”: estética e harmonia para uma Educação Física feminina

A prescrição da “gymnastica rythmica” na *Revista do Ensino* limitou-se aos anos iniciais de sua circulação. Em 1925, quando foi anunciada pelo impresso como uma das práticas previstas para a disciplina Educação Física, os programas de ensino em vigor ainda não apresentavam esta prática.⁹³ A sua inclusão na legislação ocorreu apenas na “Reforma Francisco Campos”:

A gymnastica rythmica é a mais moderna e harmoniosa das artes; servindo-se da musica, ensina ao gosto o verdadeiro sentido da belleza. O rythmo e a

⁹⁰ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 103, jun. 1934, p. 76.

⁹¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 114-115, mai./jun. 1935, p. 134.

⁹² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 114-115, mai./jun. 1935, p. 140.

⁹³ Tratam-se dos decretos 6758, de janeiro de 1925, e 6832, de março de 1925, que aprovavam, respectivamente, os programas do ensino primário e do ensino nas escolas normais.

harmonia da musica se infiltram subtilmente nos espiritos dos educandos, elevando-lhes os sentimentos e o pensamento.⁹⁴

Estas representações, apresentadas no programa do ensino primário de 1927, já indicavam uma nova preocupação com uma educação escolar na qual a educação estética ganhava relevo. Para Cynthia Veiga, a educação estética, tal como compreendida na modernidade, é parte do contexto de valorização do sujeito autônomo, individualizado e racionalizado, identificando-se com os princípios e valores universalizados, necessários à harmonia social.⁹⁵ Neste sentido, a arte e o belo emergiam, atribuindo outros significados às práticas corporais intra-escolares. A música, harmonizando os gestos corporais, contribuiria para esta valorização dos sujeitos autônomos, habilitados ao gosto, ao prazer e às possibilidades de manifestar suas sensibilidades. Ainda segundo a autora, “a própria concepção de escola nova está imbuída desses valores na medida em que tem como temas centrais o prazer e o interesse pelo conhecimento”⁹⁶.

Em abril de 1927, oito meses antes de o programa do ensino primário fazer referência à “gymnastica rythmica”, foi publicado na *Revista* um artigo dedicado exclusivamente a esta prática da Educação Física: “A gymnastica rythmica, na opinião de uma especialista”⁹⁷. As considerações seguintes limitam-se a este artigo, pela importância que teve ao propor na *Revista do Ensino* indicações desta prática da Educação Física, preparando a inclusão da mesma no programa do ensino primário. Além disso, nos anos subsequentes a *Revista* não repercutiu um movimento de afirmação desta prática, como em seus anos iniciais.

Outro ponto de destaque afirma a centralidade deste artigo, e também da *Revista do Ensino*, para a organização da “gymnastica rythmica” como uma prática da Educação Física em Minas Gerais. Trata-se do fato de o programa do ensino primário, estabelecido pela “Reforma Francisco Campos” em dezembro de 1927⁹⁸, ter incluído trechos idênticos ao publicado pela *Revista* oito meses antes no referido artigo.

O subtítulo desta matéria já contém representações relativas a esta prática: “A gymnastica rythmica educa os sentidos, habituando-os á harmonia, á nobreza, á elegancia e á mais alta espiritualidade.” Tais representações, que elevavam esta prática, estavam relacionadas com o movimento de afirmação de uma educação estética. As mesmas foram

⁹⁴ Cf. Decreto 8094, de 22 de dezembro de 1927.

⁹⁵ Cf. Cynthia Veiga, 2000b, p. 409.

⁹⁶ Cf. Cynthia Veiga, 2000b, p. 409.

⁹⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 20, abr. 1927, p. 432.

⁹⁸ Cf. Decreto 8094, de 22 de dezembro de 1927.

apresentadas no discurso de “mle. Elza Pfluger”, uma “especialista” em “gymnastica rythmica”, que tendo sido entrevistada por “O Jornal”, no Rio de Janeiro, tinha agora suas palavras publicadas na *Revista do Ensino*.

A entrevistada Elza Pfluger apresentou ponderações a respeito dos benefícios do “sport” e da “gymnastica”, quando comparados à “gymnastica rythmica”:

O sport e a gymnastica em geral, embora úteis á mulher, compromettem, até certo ponto, a sua belleza corporal; afeiam e engrossam as massas musculares, dando-lhes relevos pouco harmoniosos. A gymnastica rythmica, possuindo todas as vantagens do sport, não tem as suas desvantagens. Faz o corpo forte, fazendo-o, porém, principalmente, bello. É a verdadeira gymnastica da belleza.⁹⁹

Ao criticar as práticas esportivas e a ginástica “em geral”, Elza Pfluger apresenta como principal argumento a beleza corporal que seria promovida pela “gymnastica rythmica”. Estas críticas até então não eram tão presentes na *Revista*, surgindo apenas com a prescrição desta prática. Além de conferir “robustez ao corpo humano” e harmonia aos movimentos, o corpo belo passava a ser almejado como um dos principais objetivos a serem atingidos por uma prática de Educação Física. Mas, com esta prática, tornariam-se belos, sobretudo, os corpos femininos, pois era a elas, meninas e mulheres, que se destinava a “gymnastica rythmica”. Uma educação estética era almejada não apenas para os sentidos e os gestos, mas também para o próprio corpo em sua constituição física. A esta preocupação pode ser associado o primado da ortopedia que, como já visto, influenciava o programa de Educação Física desde pelo menos o início do século XX. No entanto, com a “gymnastica rythmica” foi apresentada uma outra justificativa para o embelezamento dos corpos.

A respeito da música, que estaria associada à execução dos movimentos, o artigo anuncia que a “gymnastica rythmica” é a verdadeira “gymnastica da belleza”, também porque

se serve da musica, elemento esthetico por excellencia. A musica ensina ao gesto o verdadeiro sentido da belleza. O rythmo e a harmonia da musica, confundindo-se com a graça e a elegancia do gesto, constituem um authentico spectaculo esthetico.¹⁰⁰

⁹⁹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 20, abr. 1927, p. 433.

¹⁰⁰ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 20, abr. 1927, p. 433.

Além disso, argumenta que esta prática seria a mais moderna e a mais harmoniosa das artes, por unir, em uma mesma ação, a “gymnastica”, a música e a dança.

Na conclusão do artigo foram apresentadas outras representações justificando esta prática para as mulheres:

- E o fim principal da gymnastica rythmica? É conservar a belleza e a força, conservando a juventude do corpo. Gymnastica ideal para as mulheres... Seus efeitos: reduz o paniculo adiposo ao seu estado natural; dá vida e “souplesse” aos movimentos; desenvolve os musculos com harmonia e proporção; educa o ouvido e o corpo na melodia musical; empresta ao andar um rythmo perfeito...¹⁰¹

Assim, Elza Pfluger justificou porque a “gymnastica rythmica” deveria ser praticada pelas mulheres. Os valores estéticos que poderiam ser alcançados com esta prática distinguiam-na de outras pensadas para a Educação Física neste período.

A *Revista do Ensino*, além de reproduzir todas estas prescrições de uma “especialista” no assunto, veiculou no corpo deste artigo fotografias que retratassem práticas exemplares de “gymnastica rythmica” que estariam sendo executadas em um Grupo Escolar da capital.

¹⁰¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 20, abr. 1927, p. 433.

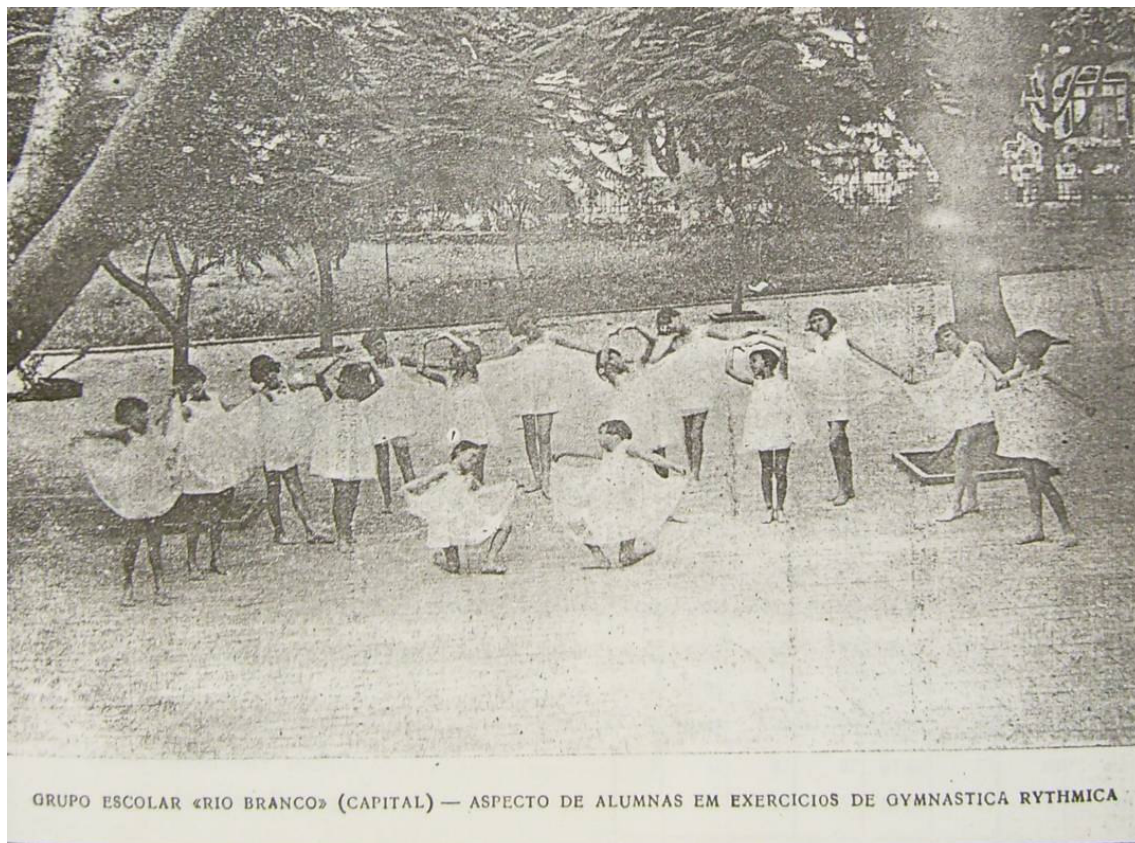


FIGURA 13 – “Grupo Escolar ‘Rio Branco’ (capital) – Aspecto de alumnas em exercicios de gymnastica rythmica”

Fonte: *Revista do Ensino*, n. 20, abr. 1927

Na Figura 13, observa-se a composição estética referida no artigo. Diferente das imagens de práticas da ginástica sueca, veiculadas na *Revista* e já apresentadas nesse estudo, é possível observar que a linearidade da organização dos corpos dá lugar a uma movimentação mais livre, espontânea. Para a produção da fotografia, as alunas do “Grupo Escolar Rio Branco”, também foram organizadas em uma pose, no entanto, a preocupação deteve-se à harmonia e a leveza dos movimentos exibidos.¹⁰²

Importante observar a estratégia traçada pela *Revista do Ensino* ao organizar este artigo, pois procurou dar visibilidade ao discurso prescritivo de uma especialista no assunto, como demonstrou logo no título, que teria sido publicado anteriormente em um jornal de circulação no Rio de Janeiro. No entanto, ao mostrar por imagens a prática exemplar, veiculou fotografias que retratavam cenas do cotidiano de uma escola da capital mineira. A

¹⁰² Sobre a presença da “gymnastica rythmica” no contexto escolar em Minas Gerais, ver os trabalhos de Elisângela Chaves (2002) e Marcos Campos (2007).

“gymnastica rythmica” exibida foi a praticada em uma escola próxima à realidade de boa parte do professorado mineiro.

O impresso também veiculou outras referências a esta prática, antes mesmo de ela estar prevista nos programas de ensino. Isto reafirma a importância das publicações da *Revista do Ensino* para a conformação das práticas da Educação Física no Estado.

3.5 Ginástica historiada: uma prática de Educação Física para os “pequeninos”

Entre os anos de 1931 e 1939, circularam pela *Revista* indicações de uma prática de Educação Física voltada para as crianças pequenas. Tratava-se da “Ginastica historiada” que, conforme a explicação da professora Guiomar Meireles, integrante da Inspetoria de Educação Física de Minas Gerais, consistia em “lições divertidas, graduadas e metódicas, reclamando de cada criança um apelo à imaginação, para a execução de movimentos sugeridos pelo desenrolar dos fatos contados pela professora.”¹⁰³ Guiomar Meireles foi a precursora na prescrição desta prática de Educação Física na *Revista do Ensino*.¹⁰⁴ Este artigo, intitulado “Educação Física – Ginastica historiada (1º ano primario e classes infantis)”, foi escrito por ela e publicado na *Revista* em 1931, sendo a primeira referência do impresso à prática em questão.

Com a ginástica historiada pretendia-se aplicar elementos da ginástica que compunham o programa de ensino mineiro, associados a histórias destinadas ao público infantil. O objetivo desta atividade seria promover os benefícios da prática da Educação Física para as crianças pequenas, de uma forma divertida, que despertasse o interesse destes alunos.

Continuando sua apresentação, a professora Guiomar Meireles anunciou: “Será, pois, aproveitado o espirito de imitação tão proprio na criança, com o cerebro comandando os movimentos, desenvolvendo-se o poder de imaginação e criação.”¹⁰⁵ Uma “nova” escola estava sendo pensada, a qual ofereceria situações em que o aluno, a partir não somente da observação, mas também da experimentação, pudesse elaborar o seu próprio saber. Como

¹⁰³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 56,57,58, abr./mai./jun. 1931, p. 151.

¹⁰⁴ A ginástica historiada ganhou tamanho relevo nas proposições de Guiomar Meireles, que anos mais tarde a mesma escreveria um livro dedicado a esta temática. Intitulado “Educação Física Infantil: ginástica historiada”, o mesmo foi publicado pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, em 1942, depois de classificado em primeiro lugar em concurso de trabalhos de Pedagogia Aplicada à Educação Física, promovido pelo então Ministério de Educação e Saúde, no ano de 1941.

¹⁰⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 56,57,58, abr./mai./jun. 1931, p. 151.

argumenta Diana Vidal, “o aluno observador era substituído pelo experimentador, [...]. O ensino dava lugar à aprendizagem. Racionalização e eficiência eram máximas que se impunham ao trabalho do aluno.”¹⁰⁶ Neste sentido, a professora Guiomar Meireles afirmou também:

A historia ou fato deve ser contado e seus movimentos executados pelas crianças, tendo estas sempre alerta a sua imaginação, dando cada criança a sua expressão pessoal, não obrigadas, portanto, á uniformidade, antes, porém, á espontaneidade, associando os movimentos ás idéas, sem as vozes de comando usadas nas lições de ginastica propriamente ditas. Assim, os resultados serão os mais interessantes sob o ponto de vista educativo.¹⁰⁷

Além de Guiomar Meireles defender a espontaneidade das crianças para a realização desta prática escolar, sugeriu ainda uma renovação no modo de aplicar a ginástica nas aulas de Educação Física para as crianças pequenas. Tal renovação deu-se no sentido de ir rompendo com a execução uniforme e artificial da ginástica sueca, que ainda influenciava fortemente a Educação Física naquele momento. No entanto, a ginástica historiada, defendida pela professora, lançava mão de conteúdos que já compunham os programas de ensino, desde pelo menos 1925, especialmente pela utilização de elementos como a “ginastica respiratoria”, as marchas, os exercícios de imitação e de equilíbrio e as corridas.¹⁰⁸

Novamente, a Fisiologia e a Psicologia foram mobilizadas como campos de conhecimento científico que respaldariam as prescrições da Educação Física:

Historias e fatos da vida diaria, convenientemente selecionados, dão margem a essas atividades, devendo a professora ter o tacto suficiente para, no correr dos acontecimentos, fazer trabalhar a imaginação e os musculos da criança, numa progressão lenta e crescente, evitando a fadiga fisica e cerebral, assim como situações que despertem medo, represalias covardes etc. Para evitar a fadiga, um exercicio de braço, por exemplo, será alternado com um outro de pernas ou tronco, um exercicio respiratorio seguirá sempre aos saltos e corridas, etc., tendo sempre as crianças a impressão de que estão a brincar. Para que as lições sejam atraentes, é preciso que sejam variadas, sem o que deixarão de despertar o interesse na atividade.¹⁰⁹

¹⁰⁶ Cf. Diana Vidal, 2000, p. 515.

¹⁰⁷ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 56,57,58, abr./mai./jun. 1931, p. 151.

¹⁰⁸ Tratam-se do programa do ensino primário baixado pelo decreto 6758 de 01/01/1925, p. 31 e do programa de ensino nos jardins de infância baixado pelo decreto 6998 de 02/10/1925, p. 534.

¹⁰⁹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 56,57,58, abr./mai./jun. 1931, p. 151.

A perspectiva de trabalhar a imaginação e os músculos das crianças indicava os principais objetivos da atividade, e para afirmá-los, a professora se apoiou nestes dois campos de conhecimento científico, apresentando questões como progressão, alternância, fadiga e descanso e, também, o medo, o divertimento e o interesse.

A professora Guiomar Meireles, após apresentar instruções gerais sobre a ginástica historiada, divulgou em seu artigo exemplos de atividades. No entanto, manifesta que sua intenção era inspirar as professoras do Estado não apenas a reproduzir tais atividades, mas também a criar outras, “incluindo em seus planos novos gestos, novas combinações, cantos, etc., dando livre curso á sua fantasia e imaginação.”¹¹⁰

Transcrevo, a seguir, uma das atividades propostas por Guiomar Meireles tal como publicada na *Revista do Ensino* neste artigo. Este texto foi publicado destacando as instruções às crianças, sendo que algumas destas eram palavras do próprio texto, tendo sido grafadas em itálico. Para os demais casos, as instruções foram indicadas entre parênteses:

- Vamos conversar sobre o passeio que fizeram, no Parque, os alunos do 2º ano. Nós, também, iremos fazê-lo.

- Os meninos se *formaram* e saíram. Andavam naturalmente. No caminho, havia muita póeira e, então, eles foram *nas pontas dos pés*. Para chegarem mais depressa, cada um foi num velocípede (marcha imitativa com elevação do joelho). Chegando á Igreja S. José viram, no jardim, lindas flores e as cheiraram com gosto! (respiração).

Cansados pela caminhada, sentaram-se para descansar um pouco. Estavam descansando (sentados), quando viram o sacristão que tocava o sino da Igreja. Levantaram-se e foram vê-lo, (movimento imitativo com pensão do tronco à frente e para os lados) Depois continuaram o caminho, (marcha). No Parque, viram logo muitas arvores, altas muito altas (equilíbrio). Um vento forte soprava. E as arvores balançavam, balançavam... (exercício de tronco). Os meninos continuaram um lindo passeio pelo Parque! Havia uns espinhos no caminho e eles tiveram que continuar *nas pontas dos pés*.

Estavam cansados e se sentaram para descanso, pois ainda deviam voltar á Escola. Na volta, por outro caminho, tiveram que passar por uma ponte muito estreita, com muito cuidado para não caírem nagua, (equilíbrio). Depois, encontraram um corrego sem ponte e... o saltaram com entusiasmo! Respiraram de alívio quando se viram do outro lado!

Elles andaram, correram, brincaram e saltaram tanto, que foram ver si as pernas ainda estavam fortes para poderem voltar (saltito). Muito contentes, voltaram para a Escola (marcha).¹¹¹

¹¹⁰ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 56,57,58, abr./mai./jun. 1931, p. 152.

¹¹¹ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 56,57,58, abr./mai./jun. 1931, p. 153.

Este texto foi publicado pela *Revista do Ensino* acompanhado por fotografias que ilustravam partes da atividade que estava sendo narrada. Esta particularidade indica a relevância atribuída pela *Revista* a este artigo. Neste caso, além de o texto ter assumido uma determinada representação por estar veiculado na *Revista*, também adquiriu um outro sentido por conter imagens da referida prática sendo concretizada.



FIGURA 14 – “Descansando...”

Fonte: *Revista do Ensino*, n. 56,57,58, abr./mai./jun. 1931



FIGURA 15 – “E as arvores balançavam, balançavam...”
 Fonte: *Revista do Ensino*, n. 56,57,58, abr./mai./jun. 1931

As Figuras 14 e 15 representam dois momentos da atividade descrita. A *Revista do Ensino*, ao reproduzir estas fotografias, compondo a prescrição da ginástica historiada, provavelmente pretendia despertar o interesse do professorado para a prática proposta. Além disso, as imagens permitem ver que alunos e professores estavam experimentando um outro modelo de escola. Mostrar alunos em círculo, sentados no chão, e no mesmo plano que eles, a sua professora, contrasta com a linearidade das escolas anteriores à influência do ideário escolanovista. Neste artigo, a professora Guiomar Meireles fez indicações a respeito desta organização dos alunos para as atividades: “O modo mais usado para a execução dos movimentos é, geralmente, o semi-círculo, sendo usado também o círculo, pela sua facilidade e simplicidade no formar.”¹¹²

No ano de 1933 foram publicados outros dois exemplos da ginástica historiada, sendo o primeiro assinado pela professora Eliza Pires Teixeira, com o título “Noite de Natal”, e o segundo denominado “A ignorância da onça”, de autoria da professora M. Janira de Paula Pinto.¹¹³ Ambos os textos apresentaram apenas as histórias com as instruções de movimentos,

¹¹² Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 56,57,58, abr./mai./jun. 1931, p. 151.

¹¹³ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 97, dez. 1933, p. 91.

semelhante ao modelo apresentado anteriormente por Guiomar Meireles. Além das histórias, com as instruções, não indicaram qualquer outra informação adicional sobre a referida prática, de modo que o título do artigo, “Ginastica historiada”, foi o principal registro de que se tratava de uma prescrição de prática de Educação Física.

Após uma nova interrupção nas proposições desta prática na *Revista*, a ginástica historiada reapareceu em 1935 com dois novos exemplos de atividades. Neste momento, as autoras foram as professoras Emiliana Ribeiro e Nivalda Sarmiento, com os respectivos trabalhos: “Aventuras do snr. Coelho” e “Chapeusinho vermelho”.¹¹⁴ Importante notar nestas publicações que a *Revista* procurou evidenciar que professoras responsáveis pela Educação Física, nas escolas do Estado, desenvolviam esta atividade em suas aulas para crianças pequenas. A presença da ginástica historiada, ao longo da década de 1930, mostra como esta forma de organizar o conteúdo de Educação Física ganhou relevância na *Revista* e nas práticas anunciadas. Assim, outras professoras poderiam seguir o exemplo daquelas autorizadas a publicar suas produções, seja criando histórias novas ou adaptando clássicos da literatura infantil.

Nestas duas histórias as instruções abordavam elementos da “ginastica natural” e da “ginastica respiratoria”. Os elementos incluídos na narrativa eram, de modo geral, os seguintes: “passo natural”; “pensão do tronco para a frente com movimento de braços; “elevar o corpo na planta dos pés”; “exercício respiratorio”; “saltitos” e “marcha acelerada”.¹¹⁵

Exemplo semelhante também foi observado em publicação do ano de 1936, com o título “Para Gymnastica Historiada – A Rainha da Primavera”¹¹⁶, de autoria da professora Esmeralda Rocha. A atividade foi apresentada da seguinte forma: “Gymnastica historiada, levada a effeito no grupo escolar ‘Brasil’, de Uberaba, a 21 de setembro p. findo, em commemoração á festa da ‘Arvore’”. Esta apresentação afirmou a iniciativa da *Revista* em divulgar proposições de práticas de Educação Física, que teriam sido colocadas em prática em outras escolas como exemplo ao professorado mineiro.

Ginástica sueca ou calistênica, jogos “gymnasticos” ou “sportivos”, ginástica “rythmica” ou historiada. Cada uma das práticas prescritas para a Educação Física percorreu um caminho próprio na *Revista do Ensino*. Estes caminhos foram, ao mesmo tempo, sendo debatidos, afirmados e remodelados. Neste sentido, foi possível identificar os diferentes conhecimentos em circulação, muitas vezes colocados em confronto ou contraste uns com os

¹¹⁴ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 118, set. 1935, p. 248.

¹¹⁵ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 118, set. 1935, p. 248-251.

¹¹⁶ Cf. REVISTA DO ENSINO, n. 122,123, jan./fev. 1936, p. 81.

outros. Assim, no processo de afirmação e consolidação dessa disciplina escolar, esteve presente uma luta de representações entre vários de seus conteúdos e métodos, em busca de uma legitimação.

CONSIDERAÇÕES ABERTAS

Ao longo deste estudo, procurei explicitar como a *Revista do Ensino* contribuiu para a produção da Educação Física como uma disciplina escolar no Estado de Minas Gerais. Sem a pretensão de encerrar as possibilidades investigativas sobre a temática, este estudo permitiu afirmar a potencialidade de um impresso pedagógico como um lugar de modelagem e produção de sentidos para uma disciplina escolar.

Até a década de 1920, a Educação Física era uma presença tímida nas escolas de Minas Gerais, transitando entre precariedades, dúvidas e ausência de um preparo sistemático dos professores. Como vimos, a reforma do ensino de 1906 já havia incluído a “Gymnastica” no programa de ensino para os Grupos Escolares¹; no entanto, o Estado não deu continuidade a grandes investimentos para potencializar esta parte do programa. Esta era a situação em que se encontrava a Educação Física nas escolas mineiras quando foram lançados os primeiros números da *Revista do Ensino*.

Em 1925, o governo mineiro já havia reconhecido necessidade de promover uma expansão qualificada desta disciplina por todo o Estado. Foi neste contexto que a *Revista* começou a circular. Professores foram enviados ao Rio de Janeiro para conhecerem mais sobre como deveria ser a Educação Física nas escolas, e aquele periódico seria mobilizado para disseminar tais conhecimentos entre o professorado do Estado. Isto marca o momento inicial do que chamei, neste estudo, de um projeto de Educação Física para as escolas mineiras.

Este projeto teve algumas linhas de força para materializar a pretendida escolarização da Educação Física, o que tornou possível questionar a participação da *Revista do Ensino* nesse processo, a partir do que foi produzido para essa disciplina escolar em suas páginas. Assim, os “elementos-chave que compõem o fenômeno educativo”², especialmente os sujeitos – professores e alunos – os conhecimentos e as práticas escolares, serviram como chaves de leitura para a compreensão de como esta disciplina se fez presente e circulou na *Revista*.

Se o propósito era constituir referências e expandir a Educação Física nas escolas, a *Revista* lançou contribuições para a produção de um professorado próprio, que assumiria a responsabilidade por esta disciplina, divulgando a necessidade de uma formação específica para ele. A *Revista* deu visibilidade a estas questões de várias formas: ao publicar os

¹ Cf. Tarcísio Vago, 2002.

² Cf. Luciano Faria Filho, 2002.

encaminhamentos do I Congresso do Ensino Primário, que apresentaram esta necessidade de um professor específico; ao divulgar os Cursos Intensivos de Educação Física; ao anunciar que as aulas desta disciplina também deveriam ser planejadas. Além de tais ações, também fez circular representações a respeito de um ideal de professor para a Educação Física. Assim, a *Revista do Ensino* não apenas contribuiu para a formação do professorado, ela investiu para produzi-lo, ao reafirmar, continuamente, que de fato seria preciso um professor próprio.

Ao se lançar nesse movimento de produzir um professor específico para a Educação Física, a *Revista* fez circular também o conhecimento que ele deveria ensinar. O impresso procurou mostrar que esta disciplina desenhava um conhecimento próprio e, por isso, deveria ter um programa de ensino específico. O fazer da Educação Física nas escolas não seria mais simplesmente praticar exercícios físicos de qualquer maneira, tampouco seria ensinar conteúdos e práticas a partir de um manual de ginástica. Pela *Revista*, produziu-se um conjunto de elementos capazes de indicar o que seria necessário ao professor: competências pedagógicas e científicas, que envolveriam conhecimentos sobre Psicologia, Fisiologia e sobre diferentes métodos de ensino.

A partir deste movimento empreendido pela *Revista do Ensino*, foi possível concordar que houve também uma “reconfiguração do primado orientador da ginástica, da ortopedia para a eficiência”, em Minas Gerais.³ Em tal pressuposto, presente durante todo o estudo, foi possível ver mais: essa reconfiguração parece não ter ocorrido de forma imediata, mas sim paulatinamente, ao longo das décadas de 1920 e 1930. Assim, houve neste período, pelas indicações da *Revista*, a coexistência destes dois primados orientadores para as práticas da Educação Física: a correção e a eficiência.

Outro elemento importante a merecer considerações foi a ênfase do impresso em mostrar, por meio de fotografias, a Educação Física sendo praticada nas escolas do Estado. Mais do que escrever na *Revista*, práticas exemplares foram intensamente exibidas aos professores por meio de imagens, sendo que, em um periódico educacional que publicava os assuntos mais diversos, aproximadamente, uma a cada dez fotografias reproduzidas tematizava práticas corporais relacionadas à Educação Física.

De maneira diretamente relacionada aos conhecimentos a ensinar, a *Revista* fez proposições sobre ‘como’ e ‘porque’ ensinar. O impresso veiculou indicações de métodos que já circulavam no Brasil e no Exterior, em uma estreita relação com os conteúdos da disciplina. Em vista disso, é possível afirmar que houve uma teorização a respeito da Educação Física,

³ Cf. Tarcísio Vago, 2002.

sustentada na *Revista* por um conjunto de conhecimentos pedagógicos e científicos sistematicamente publicados.

Neste movimento, a *Revista* produziu ‘quem’ ensinaria a Educação Física, ‘por que’ e ‘como’ seria trabalhada essa disciplina e quais conteúdos ela deveria incluir. Além de tais elementos, foi prescrito, ainda, ‘a quem’ ela se destinaria. Ganharam relevo as proposições a respeito dos sujeitos de destino desta disciplina, especialmente as crianças. Através dos artigos e fotografias publicados, os alunos deixavam de ser representados como meros executores dos exercícios e passavam a ser representados como participantes que deveriam agir ativamente nas aulas, estimulados por atividades que se pretendiam prazerosas. Os objetivos da Educação Física também estiveram atrelados aos objetivos de uma formação moral, por meio da qual as crianças seriam educadas almejando-se pretensões futuras a partir de um modelo de adulto.

Assim, o projeto de escolarização da Educação Física empreendido pela *Revista* foi ganhando forma, em estreita sintonia com o projeto afirmado como um novo modelo para a educação, que desqualificava aspectos da forma e da cultura presentes nas escolas, considerados como “tradicionais”. É possível afirmar, a partir da *Revista do Ensino*, que houve um movimento de complexificação da Educação Física como uma disciplina escolar que, por sua vez, foi acompanhado de um movimento de complexificação da própria escola. Todavia, o impresso permitiu também perceber que esta nova modelagem escolar nem sempre esteve em consenso com a sociedade. Por exemplo, se no âmbito da Escola Nova, e da própria Educação Física, a prática dos jogos ganhava relevo como uma experiência educativa e moderna, ao mesmo tempo recebia da sociedade desconfiança, pois o jogo era atrelado ao vício. Este movimento de idas e vindas da *Revista* desenhou um projeto que esteve longe de ser uniforme, constante, nos discursos. Foi imbuído de muitas permanências, tensões e ambiguidades, próprias de um campo de conhecimento em processo de produção e afirmação.

Nesta mesma direção, concordo com Maurilane Biccas ao argumentar que a *Revista do Ensino* foi uma estratégia para a formação do professorado.⁴ No caso da Educação Física, esta noção se confirmou. Mas é preciso destacar que, para esta disciplina escolar, a estratégia foi menos um movimento unilateral de dominação e mais um movimento de produção e circulação de um novo projeto. Afirmando isto, pois, os sujeitos que ocuparam a *Revista* operaram com as novas proposições de múltiplas formas: concordando, discordando, ampliando e modificando tais proposições. Deste modo, a *Revista* se consolidou como uma

⁴ Cf. Maurilane Biccas, 2001.

estratégia tanto pelos conteúdos anunciados, quanto pela forma de apresentá-los: trazendo fotografias, desenhos, entrevistas, convidando os professores a escreverem sobre suas experiências, publicando transcrições de debates e conferências e veiculando traduções de artigos estrangeiros.

Esta estratégia para a produção da Educação Física como uma disciplina escolar em Minas Gerais – com proposições diferentes das consideradas tradicionais – foi edificada em consonância com outros movimentos externos a ela, mas que também ganharam as suas páginas. A *Revista* estava aliada à constituição da Inspeção de Educação Física e aos cursos intensivos realizados. Antes que existissem cursos superiores de formação de professores de Educação Física no Estado, a *Revista do Ensino* foi, de fato, um lugar de formação do professorado, um suporte de circulação de representações de Educação Física.

Ainda que em menor intensidade, o impresso produziu também uma materialidade para a realização da Educação Física nas escolas, por meio de proposições relacionadas a outros elementos-chave do processo de escolarização: os tempos e os espaços escolares. Apesar de não ter ressaltado tais elementos de forma específica ao tratar dos sujeitos, dos conhecimentos e das práticas que circularam sobre a Educação Física, o trabalho os apresentou indiretamente. Reconheço que esta materialidade é merecedora de estudos futuros por serem, os tempos e os espaços, importantes integrantes do desenho que compõe uma disciplina escolar.

Concluído este estudo e atento às possibilidades de continuidade que o mesmo suscitou, outro aspecto que merece destaque relaciona-se à experiência de pesquisa propriamente dita. A prática dos arquivos, durante o período de levantamento de fontes, foi de fundamental importância para a tentativa de compreender o que significou um impresso pedagógico, na época em que ele circulou, com a sua materialidade própria. Com isso, o contato com os exemplares originais da *Revista*, no seu conjunto, surtiu um efeito diferente para a pesquisa. Neste sentido Roger Chartier propõe que se faça uma “arqueologia dos objetos”, tornando impossível a separação do texto das formas impressas ou manuscritas que lhe servem de suporte.⁵ Como um desdobramento de tais reflexões, vale também comentar que é complexo o exercício de apreender os sentidos produzidos nos sujeitos, pela *Revista do Ensino*, na época em que a mesma circulou. No entanto, é possível fazer indagações como, por exemplo: o que significava para uma professora, que estava começando a trabalhar com o conteúdo da Educação Física, receber a *Revista* dentro na escola, com imagens e orientações

⁵ Cf. Roger Chartier, 1990.

sobre as práticas? Questionamentos como este podem suscitar outros estudos, que procurem investigar as apropriações do impresso – e dos discursos nele veiculados – pelos sujeitos escolares.

É necessário também reconhecer a importância das pesquisas sobre a *Revista do Ensino* anteriores a esta, destacando-se a tese de Maurilane Biccas⁶ e as dissertações de Elisângela Chaves⁷ e Rita de Souza⁸. Estes trabalhos se fizeram importantes, especialmente, por indicar alguns caminhos possíveis e por contribuírem para um refinamento das perguntas à *Revista*. Neste sentido, enfatizo a necessidade de outros estudos continuarem contemplando este periódico, principalmente com temáticas sobre as demais disciplinas escolares. Será que a *Revista* comporta a mesma potencialidade para os estudos relativos à história de outras disciplinas escolares?

Ainda nesta direção, os desdobramentos desta pesquisa abrem questões para outros investimentos como, por exemplo, estudar o que era ser professor de Educação Física, nas décadas de 1920 e 1930 ou pesquisar mais sobre as práticas prescritas neste período. Da mesma forma, é importante lembrar que a *Revista do Ensino* ficou suspensa durante a Segunda Guerra Mundial, retomando suas publicações em 1946. Podemos perguntar: Como a Educação Física reapareceu no impresso neste novo ciclo? Sabemos que a *Revista* continuou circulando, percorrendo diferentes momentos da história política e educacional do país e também do Estado de Minas Gerais, até 1971, quando foi extinta. É possível questionar se houve, no impresso, uma tendência de fortalecimento dos jogos e dos esportes, acompanhado de um movimento de declínio na ginástica. E, ainda, como a *Revista* volta a circular e com que representações de Educação Física? Perguntas como estas merecem novas buscas, e para isso, esta e outras fontes históricas merecem ser (re)visitadas.

Deste modo, espero que este estudo possa contribuir para as reflexões acerca da História da Educação e da Educação Física em Minas Gerais, sobretudo a respeito do movimento de inserção e constituição dessa disciplina no contexto escolar do Estado.

⁶ Cf. Maurilane Biccas, 2001.

⁷ Cf. Elisângela Chaves, 2003.

⁸ Cf. Rita de Souza, 2001.

REFERÊNCIAS

BECKER, Guiomar Meireles. **Educação Física Infantil: ginástica historiada**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1942.

BERMOND, Magda Terezinha. **A Educação Física escolar na Revista de Educação Física (1932-1952): apropriações de Rousseau, Claparède e Dewey**. Belo Horizonte, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG.

BICCAS, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação de professores(as) e de conformação do campo escolar em Minas Gerais: o caso da Revista do Ensino (1925-1940)**. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, USP.

BICCAS, Maurilane de Souza. Impresso pedagógico como objeto e fonte para a História da Educação em Minas Gerais: “Revista do Ensino” (1925-1940). In: MORAIS, Christiane Cardoso; PORTES, Écio Antônio; ARRUDA, Maria Aparecida (orgs.). **História da Educação: ensino e pesquisa**. Belo Horizonte : Autêntica, 2006.

BICCAS, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940)**. Belo Horizonte : Argvmentvm, 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado) – FFLCH, USP.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Disciplinas escolares: história e pesquisa. In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio; RANZI, Selei Maria Ficher (Org.). **História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate**. Bragança Paulista : EDUSF, 2003.

BORGES , Vera Lúcia Abrão. **A ideologia do caráter nacional da educação em Minas: Revista do Ensino (1925 - 1929)**. Campinas, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP.

CAMPOS, Marcos Antônio Almeida. **Histórias entrelaçadas: presença da dança na Escola de Educação Física da UFMG (1952-1977)**. Belo Horizonte, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a república**. São Paulo : Brasiliense, 1989.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo : Cortez, 1997.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUZA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara (Orgs.). **Práticas educativas, culturas escolares e profissão docente**. São Paulo : Escrituras, 1998.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reformas da Instrução Pública. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira Lopes; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte : Autêntica, 2000.

CASPARD, Pierre, et al. **La press d'éducation et d'enseignement XVIII-1940**. A-C. INRP Edition du CNRS, 1981.

CASPARD, Pierre; CASPARD, Penélope. Imprensa Pedagógica e formação contínua dos professores primários (1815-1939). In: CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Orgs.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo : Escrituras, 1997.

CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Orgs.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo : Escrituras, 1997.

CATANI, Denice Bárbara; SOUZA, Cyntia Pereira de. **Imprensa periódica educacional paulista (1890-1996)**. São Paulo : Plêiade, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa : Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. O Mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, jan./abr. 1991, p.173-191.

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília : EUB, 1994.

CHAVES, Elisângela. **A escolarização da dança em Minas Gerais (1925 - 1937)**. Belo Horizonte, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, UFMG.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n.2, p.177-229, 1990.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. **Cultura escolar e formação da boa sociedade: uma história do Imperial Collegio de Pedro Segundo**. Belo Horizonte, 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A legislação escolar como fonte para a História da Educação: uma tentativa de interpretação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.). **Educação, modernidade e civilização: fontes e perspectivas de análises para a história da educação oitocentista**. Belo Horizonte : Autêntica, 1998. p. 89-125.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo : UFP, 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa. In: LOPES, Alice; MACEDO

Elizabeth. **Disciplinas e integração curricular: histórias e políticas.** Rio de Janeiro : DP&A, 2002.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 5 ed. São Paulo : Edusp ; FDE, 1997.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Imprensa Pedagógica: um estudo de três revistas mineiras destinadas a professores.** Belo Horizonte, 2000. Tese (Doutorado em educação) - Faculdade de Educação, UFMG.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O método francês e a educação física no Brasil: da caserna à escola.** Porto Alegre, 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola Superior de Educação Física, UFRGS.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Physica.** Campinas, SP, 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp.

GONDRA, José Gonçalves. Combater a “Poética Pallidez”: a questão da higienização dos corpos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. especial, 2004.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação.** São Paulo, 1, p. 9-44, 2001.

LE GOFF, Jacques. Documento-monumento. In: LE GOFF, Jacques. (Org.). **Memória-História.** Enciclopédia Einaudi, V.I. Lisboa : Casa da Moeda, 1984.

LINHALES, Meily Assbú. **A escola, o esporte e a “energização do caráter”:** projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). Belo Horizonte, 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. **Introdução ao estudo da Escola Nova.** 14.ed. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2002.

MARINHO, Inezil Penna. **Sistemas e métodos de educação física.** São Paulo : Papelivros, 6.ed., s.d.

MONARCHA, Carlos (org). **Educação da infância brasileira: 1875 – 1983.** Campinas, SP : Autores Associados, 2001.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Educação e civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930). In: **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 7, jan./jun. 2004a, p. 57-73.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Sempre Alerta! O movimento escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil (1910-1945).** Belo Horizonte, 2004b. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.

NOVOA, António (Dir.). **A imprensa de Educação e Ensino: repertório analítico (séculos XIX-XX).** Lisboa : Ministério da Educação/Instituto de Inovação Educacional, 1993.

NOVOA, António (Dir.). A imprensa de Educação e Ensino. In: CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Orgs.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo : Escrituras, 1997.

PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. **Sobre o pensamento médico-higienista oitocentista e a escolarização**: condições de possibilidade para o engendramento do campo da Educação Física no Brasil. Belo Horizonte, 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. **Reforma educacional Francisco Campos, Minas Gerais, governo Antônio Carlos**. Belo Horizonte, 1983. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, UFMG.

PRATES, Maria Helena Oliveira. **A Introdução Oficial do Movimento de Escola no Ensino Público de Minas Gerais**: a Escola de Aperfeiçoamento. Belo Horizonte, 1989. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG.

RODRIGUES, Marilita Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade**: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Belo Horizonte, 2006. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG.

SCHNEIDER, Omar. **A Revista Educação Physica (1930-1940)**: estratégias editoriais e prescrições educacionais. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SCHNEIDER, Omar. Entre a correção e a eficiência: mutações no significado da Educação Física nas décadas de 1930 e 1940 - um estudo a partir da revista Educação Physica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v.25, n.2, p.39 - 54, 2004.

SILVA, Giovanna Camila da. **A Inspeção de Educação Física de Minas Gerais**: sobre a criação e os investimentos na escolarização da Educação Física no Estado (1927-1937). Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2007. 17 f. Projeto de pesquisa.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. Campinas, SP : Autores Associados, 1994.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas, SP : Autores associados, 1998.

SOARES, Carmen Lúcia. Georges Hébert e o método natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, SP, v. 25, n. 1, p. 21-40, 2003.

SOUZA, Rita de Cássia de. **Sujeitos da educação e práticas disciplinares**: uma leitura das reformas educacionais mineiras a partir da Revista do Ensino (1925-1930). Belo Horizonte, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFMG.

SOUZA, Rita de Cássia de. Punição e disciplina: a Revista do Ensino e as reformas educacionais mineiras (1925-1930). In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, n. 25, 2002, Caxambu. **Educação: manifestos, lutas e utopias (Anais...)**. Caxambu, 2002.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. **Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984):** entre a adesão e a resistência. Bragança Paulista : EDUSF, 2003a.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. A construção dos currículos escolares de educação física: relações entre o planejamento tecnocrático e a experiência dos professores. *In:* TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio; RANZI, Serlei Maria Ficher (Org.). **História das disciplinas escolares no Brasil:** contribuições para o debate. Bragança Paulista: EDUSF, 2003b.

TEIXEIRA, Aleluia Heringer Lisboa. **A “Gymnastica no Gymnasio Mineiro - Internato e Externato (1890-1916).** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos:** Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, USP.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos:** Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista : Editora da Universidade São Francisco, 2002.

VAGO, Tarcísio Mauro. A educação física na cultura escolar: discutindo caminhos para a intervenção e a pesquisa. *In:* BRACHT, Valter; CRISÓRIO, Ricardo. (Coord.). **A educação física no Brasil e na Argentina:** identidade, desafios e perspectivas. Campinas : Autores Associados; Rio de Janeiro : PROSUL, 2003.

VAGO, Tarcísio Mauro. Da ortopedia à eficiência: a gymnastica e as exigências da "vida moderna" (Minas Gerais, 1906-1930). **Revista Movimento**, Porto Alegre - RS, v. 10, n. 3, 2004a.

VAGO, Tarcísio Mauro. Educação Física na Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1930): escolarizando jogos para produzir eficiência dos corpos. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, n.3, 2004b, Curitiba.

VAGO, Tarcísio Mauro. Educação Física na *Revista do Ensino* de Minas Gerais (1925-1935): organizar o ensino, formar o professorado. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, n. 11, janeiro/junho, 2006.

VEIGA, Cynthia Greive. Escola nova: a invenção de tempos, espaços e sujeitos. *In:* FARIA FILHO, Luciano Mendes de; PEIXOTO Ana Maria Casasanta (Org.). **Lições de Minas:** 70 anos da Secretaria de Educação. Belo Horizonte : Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2000a. p. 48-65.

VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo. *In:* LOPES, Eliane Marta Teixeira Lopes; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte : Autêntica, 2000b.

VIDAL, Diana Gonçalves. A fotografia como fonte para a historiografia educacional sobre o século XIX: uma primeira aproximação. *In:* FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.).

Educação, modernidade e civilização: fontes e perspectivas de análises para a história da educação oitocentista. Belo Horizonte : Autêntica, 1998. p. 73-88.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira Lopes; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte : Autêntica, 2000.

FONTES PESQUISADAS

ABBADE, Idyllio Alcantara. Estilização do método francês. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 27-28, mai. 1936.

MINAS GERAIS. Lei n. 41, de 03 de agosto de 1892. Da nova organização à instrução pública do Estado de Minas Gerais. Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais. Ouro Preto : Imprensa Oficial, 1893.

MINAS GERAIS. Decreto n. 6655, de 19 de agosto de 1924. Aprova o regulamento do ensino primário. Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte : Imprensa Oficial, 1924.

MINAS GERAIS. Decreto n. 6758, de 01 de janeiro de 1925. Aprova os programas do ensino primário. Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte : Imprensa Oficial, 1926.

MINAS GERAIS. Decreto n. 6831, de 20 de março de 1925. Aprova o regulamento do ensino nas Escolas Normais no Estado. Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte : Imprensa Oficial, 1926.

MINAS GERAIS. Decreto n. 6832, de 20 de março de 1925. Aprova os programas do ensino nas escolas normais. Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

MINAS GERAIS. Decreto n. 6998, de 02 de outubro de 1925. Aprova os programas de ensino nos jardins de infância. Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte : Imprensa Oficial, 1926.

MINAS GERAIS. Decreto n. 7970-A, de 15 de outubro de 1927. Aprova a criação da Inspetoria de Educação Física. Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte : Imprensa Oficial, 1928.

MINAS GERAIS. Decreto n. 8094, de 22 de dezembro de 1927. Aprova os programas do ensino primário. Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte : Imprensa Oficial, 1928.

RENATO de Andrade. **Mocidade**, n. 319, p. 8-10, set. 1920.

REVISTA DO ENSINO. Belo Horizonte : Imprensa oficial, 1925-1940. Mensal.

ANEXOS

Anexo A

Localização dos exemplares da *Revista do Ensino* em acervos de Belo Horizonte¹

ANO	NÚMERO	MÊS	LOCALIZAÇÃO				
1925	1	março	ME – 2 exem.	APM	FAE	CL	HEM.
	2	abril	ME	APM	FAE	CL	HEM.
	3	maio	ME – 2 exem.	APM	FAE	-	HEM.
	4	junho	ME – 2 exem.	APM	FAE	CL	HEM.
	5	Julho	ME – 2 exem.	APM	FAE	CL	HEM.
	6	agosto	ME – 2 exem.	APM	FAE	CL	HEM.
	7	setembro	ME – 2 exem.	APM	FAE	CL	HEM.
	8	outubro	ME – 2 exem.	APM	FAE	CL	HEM.
	9	dezembro	ME – 2 exem.	APM	FAE	CL	HEM.
1926	10	janeiro	ME – 2 exem.	APM	FAE	CL	HEM./BE
	11	fevereiro	ME – 2 exem.	APM	FAE	CL	HEM./BE
	12	março	ME – 2 exem.	APM	FAE	CL	HEM./BE
	13	abril	ME – 2 exem.	APM	FAE	CL	HEM./BE
	14	maio	ME – 2 exem.	APM	FAE	CL	HEM./BE
	15	junho	ME	APM	FAE	CL	HEM./BE
	16/17	julho/ agosto	ME/AL – 4 exem.	APM	FAE	-	HEM.
	18	outubro	ME – 2 exem.	APM	FAE	CL	HEM.
	19	dezembro	ME – 3 exem.	APM	FAE	CL	HEM.
1927	20	abril	ME	APM	FAE	CL	-
	21	maio/junho	ME	APM	FAE	-	HEM.
	22	agosto/set	ME	APM	FAE	-	HEM.
	23	outubro	ME – 2 exem.	APM	FAE	-	HEM.
	24	novembro	-	APM	FAE	-	HEM.
1928	25	janeiro	-	APM	-	-	-
	26	outubro	ME	APM	-	-	-
	27	novembro	ME	APM	-	-	-
	28	dezembro	ME	APM	-	-	-
1929	29	janeiro	-	APM	-	-	-
	30	fevereiro	ME	APM	-	-	HEM.
	31	março	ME – 2 exem.	APM	-	-	HEM.
	32	abril	ME – 2 exem.	APM	-	-	HEM.
	33	maio	ME	APM	-	-	HEM.
	34	junho	ME	APM	-	-	HEM.
	35	julho	ME/AL	APM	FAE	-	HEM.
	36	agosto	ME	APM	FAE	-	HEM.
	37	setembro	ME – 2 exem.	APM	FAE	-	HEM.
	38	outubro	ME – 2 exem.	APM	FAE	-	HEM.
	39	novembro	ME – 3 exem.	APM	FAE	-	HEM.
	40	dezembro	ME	APM	FAE	-	HEM.
1930	41	janeiro	ME	APM	-	-	HEM.

¹ Levantamento realizado pelo autor, nos anos de 2007 e 2008.

ANO	NÚMERO	MÊS	LOCALIZAÇÃO				
	42	fevereiro	ME	APM	FAE	-	HEM.
	43	março	ME	APM	FAE/EMP	-	HEM.
	44	abril	ME – 2 exem.	APM	FAE/EMP	-	HEM.
	45	maio	ME	APM	FAE	-	HEM.
	46	junho	ME	APM	FAE	-	HEM.
	47	julho	ME	APM	FAE	-	HEM.
	48	agosto	ME	APM	FAE	-	HEM.
	49	setembro	ME	APM	FAE	-	HEM.
	50/51/52	outubro/ novembro/ dezembro	ME	APM	FAE	-	HEM.
1931	53/54/55	janeiro/ fevereiro/ março	ME	APM	FAE	-	HEM.
	56/57/58	abril/ maio/ junho	ME	APM	FAE	-	HEM.
	59/60/61	julho/ agosto/ setembro	-	APM	FAE/EMP	-	HEM.
	62/63/64	outubro/ novembro/ dezembro	ME	APM	FAE/EMP	-	HEM.
1932	65/66/67	janeiro/ fevereiro/ março	ME	APM	FAE	-	-
	68/69/70	abril/ maio/ junho	ME	APM	FAE	-	-
	71/72/73	julho/ agosto/ setembro	ME – 2 exem.	APM	FAE	-	HEM.
	74	outubro	-	APM	FAE	-	HEM.
	75	novembro	ME	APM	FAE	-	HEM.
	76		-	APM	FAE	-	HEM.
	77	dezembro	-	APM	FAE	-	HEM.
	78		ME	APM	FAE	-	HEM.
1933	79	janeiro	-	APM	FAE	-	-
	80		ME – 2 exem.	APM	FAE	-	-
	81	fevereiro	ME – 2 exem.	APM	FAE	-	-
	82		-	APM	FAE	-	-
	83	março	ME – 2 exem.	APM	FAE	-	-
	84		-	APM	FAE	-	-
	85	abril	-	APM	-	-	-
	86		ME/AL – 3 exem.	APM	-	-	-
	87/88	maio	ME/AL – 3 exem.	APM	FAE	-	-
	89	junho	ME/AL	APM	FAE	-	HEM.
	90/91	julho	ME/AL	APM	FAE	-	HEM.
	92		-	APM	FAE	-	HEM.
93	agosto	-	APM	FAE	-	HEM.	

ANO	NÚMERO	MÊS	LOCALIZAÇÃO					
	94	setembro	-	APM	FAE	-	HEM.	
	95	outubro	ME – 3 exem.	APM	FAE	-	HEM.	
	96	novembro	-	APM	FAE	-	-	
	97	dezembro	-	APM	FAE	-	-	
1934	98/ 99/ 100	janeiro/ fevereiro/ março	ME	APM	FAE	-	-	
	101	abril	ME	APM	FAE/EMP	-	-	
	102	maio	ME/AL – 3 exem.	APM	FAE	-	-	
	103	junho	ME	APM	FAE	-	-	
	104	julho	ME	APM	FAE	CL	-	
	105	agosto	ME	APM	FAE	CL	-	
	106	setembro	ME/AL – 3 exem.	APM	FAE	CL	-	
	107	outubro	ME	APM	FAE	-	-	
	108	novembro	-	APM	FAE	CL	-	
	109	dezembro	ME/AL	APM	FAE	-	-	
	1935	110	janeiro	-	APM	-	-	-
		111	fevereiro	ME	APM	-	-	-
112		março	-	APM	-	-	-	
113		abril	ME	APM	-	-	-	
114/115		maio/ junho	ME	APM	-	CL	HEM.	
116/117		julho/ agosto	ME/AL – 3 exem.	APM	FAE	-	HEM.	
118		setembro	ME	APM	FAE	-	HEM.	
119		outubro	ME	APM	FAE	-	HEM.	
120/121	novembro/ dezembro	-	APM	FAE	-	HEM.		
1936	122/123	janeiro/ fevereiro	ME – 3 exem.	APM	FAE	-	HEM.	
	124	março	ME	APM	FAE	-	HEM.	
	125/ 126/ 127	abril/ maio/ junho	ME	APM	FAE	-	HEM.	
	128-133	julho/ agosto/ setembro/ outubro/ novembro/ dezembro	-	APM	FAE	-	HEM.	
1937	134-136	janeiro/ fevereiro/ março	ME – 2 exem.	APM	FAE	-	HEM.	
	137-139	abril/ maio/ junho	ME	APM	FAE	-	HEM.	
	140-142	julho/ agosto/ setembro	ME	APM	FAE	-	HEM.	

ANO	NÚMERO	MÊS	LOCALIZAÇÃO				
	143-145	outubro/ novembro/ dezembro	ME	APM	FAE	-	HEM.
1938	146/147	janeiro/ fevereiro	ME – 2 exem.	APM	-	-	-
	148	março	ME	APM	-	-	HEM.
	149-151	abril/ maio/ junho	ME – 2 exem.	APM	-	-	HEM.
	152-154	julho/ agosto/ setembro	ME – 2 exem.	APM	-	-	-
	155-157	outubro/ novembro/ dezembro	ME – 2 exem.	APM	-	-	-
1939	158-163	janeiro/ fevereiro/ março/ abril/ maio/ junho	ME	APM	FAE	CL	-
	164-169	julho/ agosto/ setembro/ outubro/ novembro/ dezembro	-	APM	FAE	-	-
1940	170-172	janeiro/ fevereiro/ março	-	APM	FAE	-	-
	173	abril	ME – 2 exem.	APM	FAE	-	-
	174/175	maio/ junho	-	APM	FAE	CL	-

Abreviaturas:

APM: Arquivo Público Mineiro

FAE: Biblioteca da Faculdade de Educação da UFMG – Coleção obras raras

FAE/EMP: Biblioteca da Faculdade de Educação da UFMG – Setor de empréstimo rápido

CL: Biblioteca Central da UFMG – Coleção Linhares

HEM: Hemeroteca Pública de Minas Gerais

BE: Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa

ME: Museu da Escola de Minas Gerais

ME/AL: Museu da Escola de Minas Gerais – Acervo Alda Lodi

Anexo B

Práticas corporais na Revista do Ensino: 1925-1940²

Autor	Título	Ano	Número	Página
Sem indicação	Jogos Menores	1925	3	70-71
Anna Luiza de Araujo	Gymnastica respiratoria	1925	4	89
Sem indicação	Secção Recreativa - Jogos Physicos nas Escolas; Corridas	1925	5	141-143
Sem indicação	Jogos Menores	1925	6	174
Sem indicação	Technica sobre Educação Physica	1925	7	184-186
Sem indicação	Programma de ensino do Estado de São Paulo	1925	7	190
Sem indicação	Jogos Menores	1925	7	197-198
Sem indicação	A Organização dos Museus Escolares	1925	7	204-207
Sem indicação	Secção Recreativa - Jogos Activos	1925	8	237-240
Sem indicação	Para dar um fremito de vida ao ambiente escolar – Descrição de alguns jogos interessantes	1925	9	269-270
Sem indicação	A Organização dos Museus Escolares	1925	9	271-272
Sem indicação	Para fazer a raça forte e energica – Methodos de Educação Physica	1926	10	29-30
Sem indicação	Para fazer a raça forte e energica – Methodos de Educação Physica	1926	11	60-62
Sem indicação	Os jogos nas escolas - Horas de alegrias e de força	1926	12	94-97
Sem indicação	Para fazer a raça forte e energica - Andar na ponta dos pés	1926	12	104

² São apresentados aqui dados sobre artigos abordando a disciplina Educação Física, ampliando para determinadas práticas corporais que foram prescritas não explicitamente para essa disciplina escolar, mas que tiveram relação direta com a sua conformação. Incluem-se neste quadro “gymnastica”, “exercicios physicos”, “educação physica”, jogos, “jogos physicos”, “jogos gymnasticos”, “gymnastica rythmica” e marchas.

Autor	Título	Ano	Número	Página
Sem indicação	O encanto do recreio nas escolas – Descrição de diversos jogos	1926	13	134-136
Sem indicação	Noções de Educação Physica, Exercícios e Jogos	1926	13	144
Sem indicação	Noções de Educação Physica	1926	14	181-183
Sem indicação	A alegria dos recreios – Diversos jogos gymnasticos	1926	15	234
Sem indicação	Educação Physica – ao lado da saude moral deve existir a saude physica – e essa só se consegue pela gymnastica bem orientada	1926	16-17	274-276
Sem indicação	Pela belleza da raça – Numeros de gymnastica rythmica praticada por alumnas dos nossos grupos escolares	1926	16-17	318-319
Sem indicação	Congresso de Ensino Primario – Hygiene Escolar e Educação Physica	1926	18	346-347
Sem indicação	Educação physica - A gymnastica torna o corpo sadio, bello e forte, suggerindo ao espirito força de vontade, energia, coragem, decisão, alegria e cordialidade	1926	19	387-389
Sem indicação	Congresso de Instrucção Primaria – Theses que serão discutidas no próximo Congresso de Instrucção Primaria – Hygiene e Educação Physica	1926	19	405-407
Sem indicação	A gymnastica rythmica, na opinião de uma especialista - A gymnastica rythmica educa os sentidos, habituando-os á harmonia, á nobreza, á elegancia e á mais alta espiritualidade	1927	20	432-433
Diretoria de Instrução	Primeiro Congresso de Instrucção Primaria do Estado de Minas	1927	22	477-506
Sem indicação	Como será commemorado o dia de hoje – Uma formatura de 2000 alumnos dos Grupos Escolares da Capital – Parada de 10 tropas de escoteiros – O Programma	1927	23	511
Sem indicação	O centenario da Escola Primaria – Os festejos nesta Capital	1927	24	557-562
Fabio Lourival	Pela renovação de Minas - A festa de 15 de outubro	1927	24	563-568

Autor	Título	Ano	Número	Página
Sem indicação	A Nova Organização Pedagógica - Educação Physica	1928	26	42-45
Sem indicação	Curso de Aperfeiçoamento - Gymnastica	1928	26	79-80
Maria da Gloria Barros	Centro de Interesse: A Alimentação - Gymnastica Rytmica: O Leite	1928	26	108
Sem indicação	Nomenclatura de Calisthenia	1928	27	43-56
Renato Andrade	Educação Physica – Marchas	1928	28	29-41
Mario Casasanta	Bibliotecas escolares - avisos	1929	29	...
Guiomar Meirelles	Educação Physica – Jogos Gymnasticos	1929	29	...
R. Eloy de Andrade	Educação Physica	1929	30	33-36
Sem indicação	Secção do Centro Pedagogico Decroly – Inspeção do asseio - Gymnastica	1929	31	74-75
Inspetoria Geral da Instrução	Educação physica - Instruções baixadas pela Inspectoria Geral da Instrução	1929	32	73-77
R. Eloy de Andrade	Educação Physica – Jogos menores	1929	33	6-8
Sem indicação	Actividades Extra-programma nos Estados Unidos – Jogos Athleticos	1929	33	9-15
Mario Casasanta	Como executar os nossos programmas – Qual a ordem do nosso regulamento	1929	33	19-30
Maria da Gloria Carvalho	A Educação Physica	1929	34	20-26
Waldemar Prado	Os nossos concursos – Museu escolar – Exercicios Physicos	1929	35	60
Sem indicação	Curso de aperfeiçoamento para assistentes technicos do ensino	1929	35	129
Sylvia Fernandes	A voz da pratica – Uma excursão – Exercicios Physicos	1929	36	111-118
Luiz Gonzaga Junior	O Jogo, a imitação e o interesse, como factores da educação.	1929	37	13-18
Joaquim Homem da Costa	Os nossos concursos – A rotina	1929	37	40-48

Autor	Título	Ano	Número	Página
Lucio José dos Santos	Algumas informações sobre a Escola de Aperfeiçoamento de Bello Horizonte – Cultura Physica	1929	37	65
Renato Eloy de Andrade	Educação Physica – Callisthenia	1929	39	28-33
Victoria Carneiro de Mendonça	As vantagens da Educação Physica no desenvolvimento moral das crianças	1929	40	69-71
John Dewey	As Escolas do Futuro – A Educação como desenvolvimento natural	1930	46	16-35
Nair Starling	Enquanto as crianças brincam ...	1930	46	66-67
Sem indicação	A Formação de Technicos	1930	47	8-28
Inspetoria Geral da Instrução	Os nossos concursos - Qual a parte que deve caber á educação physica no ensino primario?	1930	47	64-73
Romeu Ventulelli	A voz da pratica - Qual a parte que deve caber á educação physica no ensino primario?	1930	47	86-89
José Ferraz de Sampaio Penteado	Exposições escolares – Gymnastica.	1930	48	94-96
John Dewey	Escolas de amanhã – Quatro factores do crescimento natural.	1930	49	28-37
Aureliano Tavares Bastos	Praticabilidade de uma gymnastica electiva nos Grupos Escolares	1930	49	38-42
Sem indicação	...	1930	50-51-52	193-207
Renato E. Andrada, Guiomar Meireles e Zembla	Objetivos na organização e administração da Educação Física Escolar	1931	53-54-55	88-93
Guiomar Meireles	Educação Fisica – Ginastica historiada	1931	56-57-58	151-156
Sem indicação	Caracteres da Nova Escola Publica – A Nova Escola Publica desenvolve a vida fisica da criança por meio de jogos, esportes e ginastica.	1931	59-60-61	5

Autor	Título	Ano	Número	Página
Aureliano Tavares Bastos	Praticabilidade de uma ginastica eletiva nos Grupos Escolares	1931	59-60-61	67-73
Inspetoria Geral da Instrução	A Educação Física e o sexo feminino	1931	59-60-61	74-80
Renato Eloy e Guiomar Meireles	Corpo de leaders	1931	59-60-61	81-88
Firmino Costa	As grandes diretrizes da educação	1931	62-63-64	71-87
Euryalo Cannabrava	A proposito dos super-dotados	1931	62-63-64	125-135
Guiomar Meirelles	A Nova Pedagogia – Os Jogos de Ginastica	1931	62-63-64	136-162
Branca de Carvalho Vasconcellos	A Musica no Ensino Publico	1932	68-69-70	48-55
R. E. Andrade, Zembla Sá e Guiomar M. Backer	Excursão e sua relação com a Educação Física	1932	68-69-70	65-68
J. H. Fabre	O Grilo	1932	68-69-70	69-75
Sem indicação	Administração do Ensino – Decreto N. 10.726 – Aprova os programas do ensino normal	1933	83	30-38
J. Madureira	Palestrando com professores	1933	92	5-10
Sem indicação	O ano letivo de 1933	1933	96	1-7
Sem indicação	Ante-projeto da futura Constituição	1933	96	10-11
Noraldino Lima	Colação de gráu na Escola Normal de S. Gonçalo do Sapucaí – O discurso do Dr. Noraldino Lima	1933	97	23
Maria Emerenciana de Azevedo	Daqui e Dali - Trabalho sobre educação física	1933	97	86-90
Eliza Pires Teixeira	Ginástica historiada	1933	97	90-91

Autor	Título	Ano	Número	Página
M. Jandira de Paula Pinto	A ignorância da onça	1933	97	91-92
Guerino Casasanta	O ensino em Minas	1933	97	93-95
Nelson	Educação física	1934	103	74-76
Sem indicação	Reunião annual dos assistentes	1934	104	1-11
Sem indicação	Curso para professores districtaes e ruraes	1934	105	1-6
Amelia Matta Machado	Curso de Pedagogia para professores de escolas singulares – Sumario do trabalho de educação physica	1934	106	9-11
Flaviana G. da Motta	Rumos certos	1934	106	20-23
Stella Ferreira Mansur	Importancia dos exercicios phisicos	1934	107	45-47
Judith Dias de Freitas	Impressões de uma professora de Educação physica	1934	108	58-59
Abel Fagundes	Jogar ou não jogar	1934	109	59-63
Inspetoria de Educação Física	Para a ginástica historiada	1935	110	...
Raymundo Pastor	O jogo	1935	110	...
Gabriella Monteiro de Carvalho	Exercícios escolares - Aspectos da educação	1935	110	...
Victor Lacomme	Educação do corpo e educação do espírito	1935	110	...
Renato Eloy de Andrade	A Educação Physica tratada em Congresso	1935	112	235-237
Diumira Campos de Paiva	Educação Physica na escola primaria	1935	114-115	134-147
Emiliana Ribeiro e Nivalda Sarmiento	Para a Gymnastica historiada	1935	118	248-251
Sebastião M. Barroso	Decalogo da Cultura Physica	1935	119	3-4

Autor	Título	Ano	Número	Página
Sem indicação	Conselhos da Saude Publica – Advertencia necessaria	1935	120-121	192
Esmeralda Rocha	Para Gymnastica Historiada	1936	122-123	81-83
Idyllio Alcantara Abbade	Um problema do momento - Necessidades da estylização do Methodo Francez	1936	125-126-127	119-125
“Comunicados da A.B.E.”	Colonia de Ferias dos Filhos do Morro	1936	125-126-127	181-183
Adelina Garcia de Lacerda	Um dia de leitura	1936	128-133	59-60
Julio de Oliveira	Normas de Ensino Pratico – Em Cultura Physica	1936	128-133	88
Dr. Th. Simon	Desenvolvimento physico e desenvolvimento intellectual	1936	128-133	262-277
Walkiria de Paula Noronha	A formação da criança – Educação Física	1937	137-139	31
Hortencia Lamas	A escola segundo Pauchet	1937	137-139	77-81
Renato Eloi de Andrade	Corpo Técnico de Assistência ao Ensino – Inspeoria de Educação Física – Portaria n. 1	1937	137-139	137-139
“Comunicados da A.B.E.”	A Educação Física no Espírito Santo	1937	140-142	137-138
Abel Fagundes	Acêrca de livros	1938	148	111-112
Abel Fagundes	Acêrca de livros	1938	152-154	63-64
Fabio Luz	Case dei Bambini	1938	152-154	155-161
Anita Fonseca	Grupo Escolar “Cesário Alvim”, da Capital – A Educação Física e o Programa Escolar	1939	158-163	205-206
José Américo da Costa	A escola e a educação física	1939	164-169	35-37
Sem indicação	A Educação Física no México	1939	164-169	73-75

Anexo C

Fotografias sobre Educação Física na *Revista do Ensino*: 1925-1940³

Legenda	Ano	Número	Página
Grupo Escolar “Barão de Macahubas” – Alumnos em gymnastica	1925	4	...
Grupo Escolar “Barão de Macahubas” – Alumnos em gymnastica	1925	4	...
Grupo Escolar “Barão de Macahubas” – Alumnos em gymnastica	1925	5	...
Grupo Escolar de Caldas, aos 14 de julho de 1925. – Director, José Alfredo Silva	1925	6	154
O Grupo Escolar de Caldas, em 14 de julho de 1925. – O Director, José Alfredo Silva	1925	6	...
Grupo Escolar “Barão de Macahubas” – Alumnos em gymnastica	1925	6	...
I e II teams de basket-baal, - Alumnas do III anno da Escola Normal Modelo	1925	8	...
A professora de educação physica da Escola Normal e o corpo de monitoras	1925	8	229
Alumnas da Escola Normal Modelo. – Aula de gymnastica rythmica.	1925	8	230
Dois teamsde Volley-Ball – Alumnas do I e II anno da Escola Normal Modelo	1925	9	245
Um numero de Gymnastica nos Grupos Centraes (Juiz de Fóra) no dia 13 de maio, em que se deu a inauguração do Pavilhão “Sandoval Azevedo”	1926	15	202
Exercicios de Gymnastica Rythmica dos Alumnos dos Grupos “Barão do Rio Branco” e “Affonso Penna”, no Stadium do “America” (capital)	1926	15	223
Aspecto do Pavilhão “Sandoval Azevedo” durante a bela festa de 14 de Julho, organizada pela senhorita Maria da Glória Carvalho, professora de Gymnastica do Grupo Escolar “Delfim Moreira”, de Juiz de Fora.	1926	16-17	314

³ São apresentados aqui dados sobre as fotografias dedicadas à Educação Física, ampliando para determinadas práticas corporais escolarizadas, presentes na *Revista do Ensino*. São elas: a “Gymnastica”/Ginásticas, os Desportos/Esportes e a própria “Educação Physica”/Educação Física enquanto disciplina do currículo escolar.

Legenda	Ano	Número	Página
Exercicios de Gymnastica Sueca pelos alumnos dos Grupos Escolares “Barão do Rio Branco” e “Affonso Penna”	1926	16-17	252
Outro aspecto dos exercicios de gymnastica sueca pelos alumnos dos Grupos “Barão do Rio Branco” e Affonso Penna”, no Stadium do America	1926	16-17	253
Bello instantaneo da festa realizada no Stadium do América pelos Grupos “Affonso Penna” e “Barão do Rio Branco”	1926	16-17	259
Uma posição de gymnastica sueca pelos alumnos dos Grupos Escolares “Barão do Rio Branco” e “Affonso Penna”	1926	16-17	262
Pela Belleza da raça – Numeros de gymnastica rythmica praticada por alumnas dos nossos grupos escolares	1926	16-17	318-319
A Gymnastica Rythmica. Uma combinação de Educação Physica e Musical...	1926	19	374
Escola Normal Modelo – Um aspecto do campo de desportos	1926	19	378
Escola Normal Modelo – campo de desportos	1926	19	386
Escola Maternal – O tanque de natação	1926	19	392
Grupo Escolar “Rio Branco”, (capital) – aspecto de alumnas em exercicio de Gymnastica Rythmica	1927	20	432
Grupo Escolar “Rio Branco” (capital) – aspecto de alumnas em exercicios de Gymnastica Rythmica	1927	20	433
1º Congresso de Instrucção Primaria – A visita dos membros do Congresso de Instrucção Primaria, reunido nesta Capital, ao Grupo Escolar “Affonso Penna” – Da varanda assistem ao exercicios dos alumnos, (...)	1927	22	480
1º Congresso de Instrucção Primaria – Visita dos congressistas á Escola Normal Modelo – Alumnas preparadas para a partida de “basket-baal”	1927	22	483
Outro aspecto da multidão que, das archibancadas, enusiastamente, applaudia o garbo e a precisão com que os pequenos escolares executavam os exercicios gymnasticos	1927	24	558
Os 2000 alumnos dos Grupos Escolares formados no “stadium” do “America”, no dia do centenario da criação da Escola Primaria no Brasil	1927	24	559
Os festejos commemorativos de 15 de outubro no campo de “America” – Os pequeninos alumnos da Escola Infantil “Delfim Moreira”, nos exercicios gymnasticos, dão uma nota de graça à festa, conquistando applausos da numerosa assistencia	1927	24	559

Legenda	Ano	Número	Página
Alumnas da Escola Normal Modelo, em exercicios gymnasticos de bastão, no dia 15 de outubro	1927	24	566
Commemoração do centenario do ensino primario – Execicijos gymnasticos na Escola Normal Modelo	1927	24	567
Alumnas da Escola Normal Modelo que jogaram, formando um dos teams, a partida de volley-baal, que foi um dos numeros do programma de festejos de 15 de outubro naquele estabelecimento	1927	24	568
Alumnas da Escola Normal Modelo que se empenharam na partida de volley-baal, que foi um dos numeros do programma das festas com que naquele estabelecimento se commemorou o dia da criação da escola primaria	1927	24	569
As professoras Iris de Rezende, Guiomar Meirelles, Albertina Magalhães e Magdalena Rodrigues, que dirigiram as brilhantes festas desportistas escolares do dia 15 de outubro, no campo do “America”	1927	24	575
Grupo de professoras de gymnastica, encarregadas dos ensaios da festa de 15 de outubro. (...)	1927	24	576
Educação Física – Ginastica historiada: Descançando...; E as arvores balançavam, balançavam...; Andando nas pontinhas dos pés para não acordar a raposa...; A’ procura da chave do Palacio do Rei...	1931	56,57,58	151-153
Praticabilidade de uma ginastica eletiva nos Grupos Escolares: fig.1; fig.2; fig.3; fig.4; fig.5A; fig.5B; fig.6	1931	59,60,61	67-73
Vida Escolar em Minas Geraes – Grupo escolar “Amâncio Bernardes”, do Santo Antonio do Monte. – A gymnastica	1934	106	Entre 32 e 33
Vida Escolar em Minas Geraes – Collegio N. S. das Dores de S. João d’El-Rey – Uma aula de gymnastica rhythmada	1935	111	Entre 156 e 157
As Actividades Educativas em Minas Geraes – Grupo Escolar “Cel. José Bento”, de Alfenas – Dois “teams” em descanso	1935	114-115	Entre 144 e 145
As Actividades Educativas em Minas Geraes – Grupo Escolar “Torquato de Almeida” – Para’ de Minas – Gymnastica	1935	116-117	Entre 78 e 79
Vida Escolar em Minas Geraes – Grupo Escolar de Mirahy – Educação physica	1935	116-117	Entre 78 e 79
Vida Escolar em Minas Geraes – Grupo Escolar de Mirahy – Gymnastica	1935	116-117	Entre 78 e 79
Vida Escolar em Minas Geraes – Grupo Escolar de Mirahy – Educação physica	1935	116-117	Entre 94 e 95

Legenda	Ano	Número	Página
Vida Escolar em Minas Geraes – Grupo Escolar “Desembargador Continentino” – Oliveira – Os soldadinhos (gymnastica historiada)	1935	116-117	Entre 126 e 127
Vida Escolar em Minas Geraes – Membros do club sportivo “Jair Guimarães de Paula”, do Grupo Escolar de Ubá, após uma partida de Volley-baal	1935	118	Entre 222 e 223
Vida Escolar em Minas Geraes – Uma aula de educação physica no Grupo escolar de Ubá	1935	118	Entre 222 e 223
Vida Escolar em Minas Geraes – Gymnastica de chão – Alumnas do Grupo Escolar de Botelhos	1935	118	Entre 238 e 239
Vida Escolar em Minas Geraes – Uma aula de gymnastica, no Grupo Escolar de Botelhos	1935	118	Entre 238 e 239
As Actividades Educativas em Minas Geraes – Grupo Escolar “Francisco Salles”, de Bello Horizonte – Em cima: um numero de gymnastica americana; em baixo, uma dramatização (A menina e os anõezinhos)	1935	119	Entre 24 e 25
As Actividades Educativas em Minas Geraes – Grupo Escolar de Entre Rios – Exercicios de Gymnastica	1936	122-123	19
As Actividades Educativas em Minas Geraes – Escola Normal de Ouro Fino – Em cima: uma aula de gymnastica historiada (...)	1936	122-123	20
As Actividades Educativas em Minas Geraes – Aspecto da gymnastica no Grupo Escolar “Brasil”, de Uberaba	1936	124	209
As Actividades Educativas em Minas Geraes - Gymnastica no Grupo Escolar “Brasil”, de Uberaba	1936	124	211
As Actividades Educativas em Minas Geraes – Educação Physica no Grupo Escolar “Brasil”, de Uberaba	1936	124	219
As Actividades Educativas em Minas Geraes – Escola Normal Official de Ouro Fino – O 4º anno primario realiza interessante jogo de arithmetica, em commemoração ao “Dia da Creança”	1936	124	229
As Actividades Educativas em Minas Geraes – Grupo Escolar de Christina – 7 de Setembro	1936	124	237
As Actividades Educativas em Minas Geraes – Grupo Escolar de Entre Rios – (...) Uma partida de “basket-ball” entre as classes do 3º anno A e 3º B	1936	124	265
Vida Escolar em Minas Geraes – Grupo Escolar “Carneiro Junior”, de Itajubá – Uma aula de gymnastica com bastonetes	1936	125,126, 127	11

Legenda	Ano	Número	Página
Vida Escolar em Minas Geraes – Escola Normal “S. Domingos”, de Poços de Caldas – Um numero de gymnastica rythmica	1936	125,126, 127	31
Vida Escolar em Minas Geraes – Grupo de Paracatú – Uma aula de educação physica	1936	125,126, 127	112
Vida Escolar em Minas Geraes – Grupo Escolar “Ernesto Santiago de Botelhos” – Calisthenia com palmas, pelos alumnos de 2º, 3º e 4º annos, do “Infantil S. Club”	1936	125,126, 127	166
Exercicios com bastões combinados feitos pelos alumnos do Grupo Escolar de Entre Rios	1936	128-133	21
Grupo Escolar “Ribeiro Junqueira”, de Leopoldina – Exercicios com bastões combinados feitos pelos alumnos do 4º anno	1936	128-133	41
Exercicio respiratorio - Grupo Escolar “Ribeiro Junqueira”, de Leopoldina	1936	128-133	43
Depois ao exercicio com bastões – Grupo Escolar do Serro	1936	128-133	117
Grupo Escolar “Francisco Fernandes” de Oliveira – Alumnos do 1º anno, em gymnastica	1936	128-133	131
Dansa holandêsa – Um número do festival realizado em prol da Caixa Escolar do Grupo de Leopoldina, e ensaiado pela respectiva professora de educação física, D. Emília Oliveira Guimarães	1937	143-145	Entre 42 e 43
Alunas da professora de educação física, Emília Oliveira Guimarães, do Grupo Escolar de Leopoldina, exibindo-se num festival em benefício da Caixa Escolar	1937	143-145	Entre 62 e 63
Grupo Escolar de Entre Rios – Exercícios ginásticos no Dia da Pátria	1938	148	155
Grupo Escolar “Cesário Alvim”, desta Capital. Crianças em uma aula de ginástica	1938	152-154	95
Grupo “Lucio do Santos” – Ginástica de chão	1938	155-157	259
Grupo Escolar “Coronel Vieira” – Cataguazes – Instantâneo tirado durante a aula de ginástica – (4º anno)	1939	164-169	33
Ginástica de chão – Alunas do 1º turno – Grupo Escolar “Dr. João Bráulio Júnior”, de Lambari	1939	164-169	79
Grupo Escolar “Desembargador Continentino”, de Oliveira – Ginástica – Marcha de precisão. Número apresentado no auditório de 7 de Setembro de 1939	1940	174-175	60

